



# RAÍZE



Ano VIII - Nº 16

São Caetano do Sul

Dezembro de 1997



# Um exemplo construtivo

Muito se tem falado a respeito de nossa época, na qual conceitos, métodos de procedimentos mudam com velocidade tal que exigem do observador esforços cuidadosamente planejados e dirigidos para poder estar atualizado e aberto às inovações diárias. Mais do que nunca, o volume de informações supera os limites naturais do ser humano, de onde o recurso à tecnologia sofisticada é, ao mesmo tempo, necessidade imprescindível e condição para o sucesso nos empreendimentos sociais, profissionais e pessoais.

Inócuos serão, contudo, os resultados e precárias as decisões se não contarmos com ferramentas de análise e metodologia de observação eficientes, para avaliarmos o intenso fluxo de dados com que somos literalmente bombardeados no dia-a-dia. E elas só podem estar na fundamentação objetiva e imparcial, na descrição atualizada e clara dos fatos que nos posicionam no amplo contexto atual.



Raízes, a cada edição, ao relatar nossa História com propriedade e simplicidade seja na forma, seja no conteúdo, proporciona-nos a base essencial para fortalecer nossa identidade como indivíduos e cidadãos, pois, conhecendo nossas origens e valorizando o trabalho de gerações anteriores, sabemos que alicerces temos para construir o futuro.

Os ciclos da História repetem-se perenemente em patamares cada vez mais complexos, interativos, dinâmicos e, nesta edição, vemos novamente configurados princípios e valores eternos em visão que se atualiza e supera magistralmente. É, outra vez, motivo de exemplo construtivo para outras, e razão de orgulho para nossa cidade.

**Luiz Olinto Tortorello**  
Prefeito Municipal

## RAÍZES

 **Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul

Ano VIII - Número 16  
Publicação semestral  
Distribuição gratuita

Publicação da Fundação  
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Dezembro de 1997

Avenida Goiás, 600 - Térreo  
CEP 09521-300 - São Caetano do Sul (SP)  
Fonefax (011) 441-9008 e 441-7420

Editor/Jornalista responsável  
Aleksandar Jovanovic  
(MTb 13.165 - Sjesp 7.290)

Programação Visual e  
Paginação Eletrônica  
Plano Piloto  
Digitação e Apoio  
Maria Aparecida Fedatto  
Ilustração:  
Jayme da Costa Patrão



### Conselho Editorial

Ademir Médiici, Aleksandar Jovanovic (presidente),  
Claudinei Rufini, Guido Fidélis, Jayme da Costa Patrão,  
José Roberto Gianello, José de Souza Martins, Nívio  
Tessitore, Oscar Garbelotto, Silvio José Buso, Sônia Maria  
Franco Xavier, Valdenízio Petrolli.

Fotos

Antônio Reginaldo Canhoni

Fotolitos e Impressão

Provo Distribuidora e Gráfica Ltda

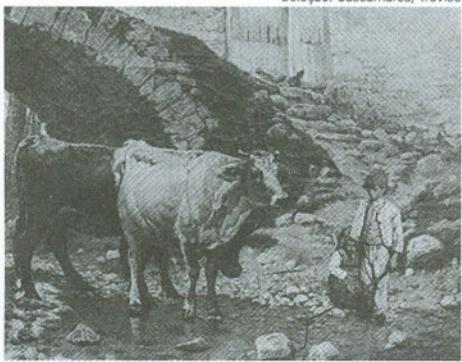
A revista RAÍZES está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



Capa: Mercato davanti alla loggia di Serravalle (Mercado defronte à Loggia de Serravalle), do pintor italiano Pietro Pajetta (1845-1911), natural de Serravalle, hoje Vittorio Veneto. Óleo sobre tela, 54 x 84 cm, de 1887. Coleção Renzo Trevisan, Veneza. No detalhe: brasão da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli

## Índice

### Artigos

- 4** *O novo Parque D. Pedro II. A retomada do Parque*  
Nívio TESSITORE
- 11** *O passado de uma escola guarda a história de 70 anos de lutas contínuas*  
Sônia Maria Franco XAVIER
- 15** *A herança cultural da Cerâmica São Caetano S.A.*  
José Roberto GIANELLO
- Coleção: Cassamarca, Treviso
- 
- Captador da realidade de Vittorio Veneto, Pietro Pajetta tinha uma predileção pelas paisagens rurais e cenas do cotidiano*
- 19** *Pietro Pajetta, o pintor do cotidiano de Vittorio Veneto*  
Aleksandar JOVANOVIĆ
- 23** *Os diversos fatores que motivaram a imigração italiana*  
Claudinei RUFINI
- 28** *O Tiro de Guerra de São Caetano do Sul*  
José Claudino LUCCA
- 30** *Crescimento do Município é resultado de longa marcha através da História*  
Arnaldo TREBILCOCK
- 32** *A felicidade está no ar: memória do rádio e da radionovela*  
Antonio de ANDRADE
- 40** *A Metalúrgica Uliana completa 42 anos de atividades constantes*  
Silvio José BUSO



Paços municipais revelam várias histórias interessantes sobre o desenvolvimento do Município

- 42** *A história dos Paços Municipais revela fatos importantes da cidade*  
Domingos Glenir SANTARNECCHI
- 45** *Banco do Brasil, presente na História de São Caetano do Sul*  
Eva Bueno MARQUES
- 49** *Meio século de Via Anchieta rememora marco da engenharia*  
Wlastemir di SENÇO
- 51** *Estradas: um novo elemento na moderna paisagem paulista*  
Guido FIDÉLIS
- 53** *A fé Bahá'í também está presente em São Caetano do Sul*  
Fariba S. VAHDAT
- 58** *Núcleo de convivência Lar Menino Jesus completa 40 anos no Município*  
Yolanda ASCÊNCIO
- 59** *Revolução de 32 e o E.C. São Caetano*  
Oscar GARBELOTTO
- 65** *Diva Cassetari Grassi - primeira farmacêutica de São Caetano do Sul*  
Henry VERONESI
- 67** *Mário Romano: uma lição de vida edificante e repleta de muita emoção*  
Caio MARTINS

### Depoimentos

- 69** *Dona Amélia sábia professora que semeou os frutos do conhecimento*  
Gisberto GRIGOLETTO
- 70** *Imigrante Francesco Botteon relembra passado dos familiares*  
Mário BOTTEON
- 71** Registro
- 75** Memória Fotográfica

# O Novo Parque D. Pedro II. A Retomada do Parque

(\*) Nívio TESSITORE

Com muita segurança, estando ao seu comando dois escravos negros, a embarcação seguia seu curso pelas águas límpidas e tranquilas do Rio Tamanduateí. Carregava para a construção do Mosteiro dos beneditinos telhas, lajotas, ladrilhos e tijolos que se erguia no alto da Colina, na Freguesia de São Paulo. Havia, a embarcação, partido da Fazenda São Caetano, que produzia já há muito tempo, nas olarias, desde 1730, quantidade suficiente de material para as edificações da ordem religiosa, como também para serem vendidas e servirem de subsistência dos frades.

Cruzavam por entre grandes áreas da vegetação típica da Mata Atlântica,

observadas ao longe, as planícies das várzeas, primeiro do Glicério, depois da Moóca, seguindo pelas sete voltas do rio que serpenteava, livre, sem cometimento da natureza.

Muitas viagens já haviam sido feitas desde que o início da construção do Mosteiro, no século XVII. Aos poucos, o casario da Colina também começava a surgir, construídas muitas casas com taipa de pilão, outras de tijolos produzidos pelas olarias localizadas ao longo do Rio dos Meninos.

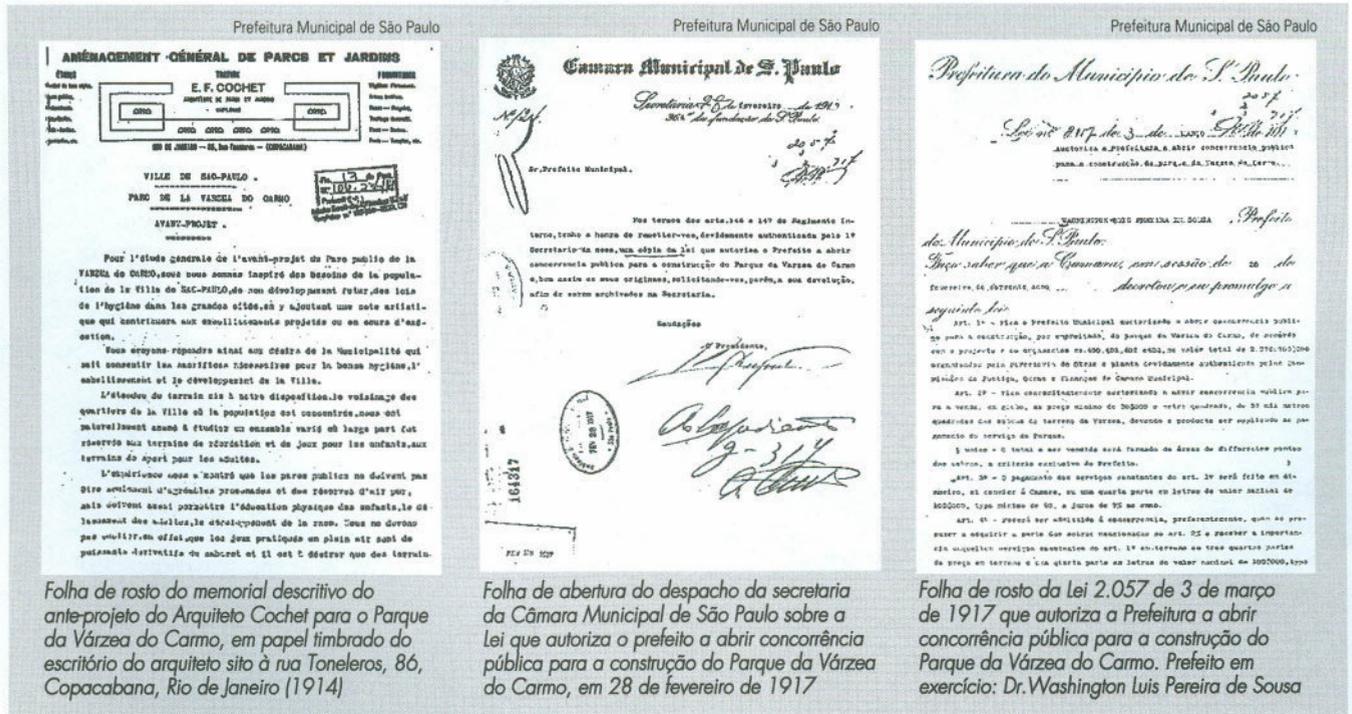
A embarcação robusta, de quase 10 metros de comprimento corria e a cada remada seus tripulantes realinhavam seu curso pelo centro do rio, evitando as margens.

**PRATICIDADE** - Os beneditinos estabeleceram alguns hábitos práticos para prover os núcleos de Piratininga e o

de São Caetano do necessário.

Enquanto as embarcações levavam materiais para a construção, em São Paulo, ao retornarem a São Caetano, traziam mantimentos, utensílios domésticos e remédios.

Foi o Morgado de Mateus o promotor do primeiro ensaio censitário real efetivado na capitania de São Paulo. Em 1765, segundo o documento, a Freguesia de São Paulo contava com 392 fogos e uma população de 649 homens e 867 mulheres ou ao todo 1516 almas. Os bairros emergentes eram Pari, Embuaçava, Pirajuçara, Pinheiros, Nossa Senhora do Ó, Sant'Ana, Penha, Tremembé, Jaraguá, Caguaçu, Tatuapé e Aricanduva. Mais afastados do centro ficavam São Bernardo, Borda do Campo, Mercês e São Caetano.



Folha de rosto do memorial descritivo do anteprojeto do Arquiteto Cochet para o Parque da Várzea do Carmo, em papel timbrado do escritório do arquiteto sito à rua Toneleros, 86, Copacabana, Rio de Janeiro (1914)

Folha de abertura do despacho da secretaria da Câmara Municipal de São Paulo sobre a Lei que autoriza o prefeito a abrir concorrência pública para a construção do Parque da Várzea do Carmo, em 28 de fevereiro de 1917

Folha de rosto da Lei 2.057 de 3 de março de 1917 que autoriza a Prefeitura a abrir concorrência pública para a construção do Parque da Várzea do Carmo. Prefeito em exercício: Dr. Washington Luis Pereira de Sousa

E o Rio Tamanduateí foi, sem dúvida, o elemento primordial para que os povoados pudessem manter estreito contato, quer comercial, quer social. Do rio, a população ribeirinha extraía seu sustento. Pela pesca os índios das planícies da Moóca e Tatuapé, até mesmo além, garantiam sua vida independente e na Fazenda de São Caetano, podiam os escravos administrados, como os índios eram denominados, viver sob o jugo dos beneditinos e também usufruírem dos benefícios do rio.

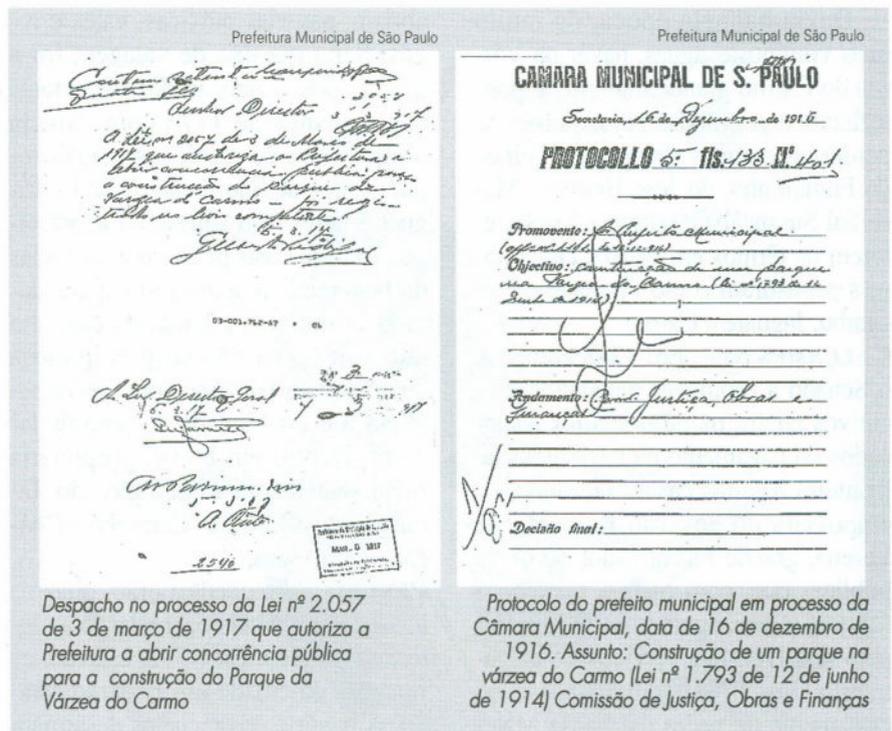
**PARQUE** - De repente, da embarcação, os escravos canoeiros podiam ver ao longe que o rio ficava mais largo, suas margens formavam grande espaço, não existia o aterro do Gasômetro, no sopé da Colina, uma baía acomodava o cais. Chegavam ao Buracão do Carmo, mais tarde Várzea do Carmo, hoje, Parque D. Pedro II.

Agradecidos, prometendo uma noventa às Chagas de Cristo e as bênçãos do Sacramento logo que atracassem no Porto Geral, os escravos riam e faziam algazaras. Amarravam a embarcação no cais de troncos e iniciavam o descarregamento do material que traziam.

Ao longo das duas margens, os atracadores se estendiam, de vários tamanhos, amarrados entre si, com as canoas e igaras reluzentes ao sol, estalando sob o calor escaldante, algumas carregadas de mantimentos, frutas, sacas de feijão e o cordame a envolvê-las. A atmosfera de festa e descontração atraía alguns vendedores de doces e cocadas que as ofereciam aos senhores proprietários dos carregamentos que chegavam pelo rio.

As lavadeiras, ao longe, continuavam seu labor às margens do rio. Grandes quantidades de roupas a espera de serem lavadas, batidas e estendidas, depois abertas, sobre o capim, para secarem.

O Buracão do Carmo, um área esquecida e sem solução pelo poder pú-



Despacho no processo da Lei nº 2.057 de 3 de março de 1917 que autoriza a Prefeitura a abrir concorrência pública para a construção do Parque da Várzea do Carmo

Protocolo do prefeito municipal em processo da Câmara Municipal, data de 16 de dezembro de 1916. Assunto: Construção de um parque na várzea do Carmo (Lei nº 1.793 de 12 de junho de 1914) Comissão de Justiça, Obras e Finanças

blico, servia de depósito de lixo, mantinha a freqüência de bandidos, mendigos, prostitutas e desocupados. Frequentemente eram encontrados corpos de vítimas de assaltos ou por vingança, mortas. Na margem oposta ao Porto Geral ficavam os atracadores mais simples, menos sofisticados dos grupamentos indígenas que viviam nas cercanias da Moóca, ou em tupi-guarani, lugar-de-morar.

**BURACOS** - O desenvolvimento urbano, vagaroso, lento, tal qual se mantinha a Freguezia, pesava contra os esforços dos administradores. O restabelecimento da capitania veio encontrar a cidade de São Paulo sem um único trecho calçado de via pública. Nas ruas abriam-se buracos e caldeirões, maiores e menores, que a autoridade municipal mandava entulhar, mal e mal, por ocasião da solenidade máxima anual, a de Corpus Christi ou quando estava para chegar à cidade algum personagem de alta categoria como um capitão-General, governador ou bispo.

O procurador José Gonçalves

Coelho, a 19 de abril de 1766, lembrou seus pares a conveniência de se atender ao pedido do novo capitão-general que pedia providências para o entulhamento do buraco no quintal do Colégio antes que ficasse mais arruinado. Outra cova grande que muito dava para fazer era a do Carmo, às vezes designada pelo nome de Buracão do Carmo, numa ladeira em que os desmoronamentos se sucediam uns aos outros. E a 17 de maio de 1766, contratava-se com Manoel Calixto de Souza a reforma de uma das pontes essenciais da cidade, a da Tabatingüera do Fonseca, devendo a obra ser acabada em dois meses e feita de madeira capaz, durável, de canela amarela, com boas guardas e bem fortes e pregada com pregos de ferro.

A ponte cruzava o rio Tamanduateí desde os arredores do Glicério até os inícios da rua da Moóca. Em 1787, o aterro que conduzia à ponte do Anhangabaú, no Açu, recebeu paredes de pedras laterais, no outro extremo da Colina, próxima à Igreja dos Terceiros de São Francisco.

Devia naquela época, de muito mais volumosas águas, haver na Várzea do Carmo grande número de pontezinhas e pontilhões cujos nomes se perderam como a Ponte das Freiras, do Franquinho, do José Braz, do Marechal Sussucaba e outras a que se referem os termos em bairros cujos nomes persistiram como Pirajuçara, Paicambu, Jaguaré e Carmo.

**CALÇAMENTO** - Em 1788 começou o Senado a promover mandados executivos contra os proprietários alcançados no pagamento da pavimentação fronteira às suas casas. Já, então, se empossara do governo Bernardo de Lorena, grande incentivador de obras públicas que, com certeza instigou a Câmara a prosseguir, com todo o ímpeto possível, nos serviços de calçamento. Em 1784, trabalhava-se no calçamento de pedra da rua da Matemática e do Buracão do Carmo.

Continuavam as Câmaras do último biênio do século XVIII a lutar contra a grande covanca do Carmo, cujo entulho era tão difícil, obra pela qual muito se empenhava o Ouvidor Dr. Caetano de Barros Monteiro. Coisa que muito trabalho dava aos nobres Senadores vinha a ser a luta contra os indivíduos que, abusivamente,

abriam, nas vias públicas, valos e regos: Séria questão de valagem foi a que ocupou a atenção dos vereadores nas vereança de 1773 com Angela Vieira, viúva de um dos principais republicanos de São Paulo, Luiz Rodrigues Vilares. Em síntese do acontecido, com descaso pelas conveniências do bem público, a dona viúva mandara fazer um valo à borda do caminho que ameaçava não só precipício a quem por ali passasse como até a segurança e estabilidade do leito da ladeira. Dentro em breve, propiciaria ruína semelhante ao barranco do Tamanduateí e Colégio, Caminho e Chácara do Fonseca.

**PENÚRIA** - Frequentes eram aliás os abusos dos cidadãos em relação ao interesse público. Em 1792, estavam as finanças da cidade em péssimo estado. A penúria dos recursos desarmara a Edilidade ante a necessidade de promover reparos por vezes urgentes. A de 1794, a 12 de março, ia a Edilidade às casinhas averiguar a ruína que havia a examinar e o eterno Buracão do Carmo onde que ocorreram novos desbarrancados.

As telhas, as lajotas e os ladrilhos, que chegavam trazidos pelas canoas, eram transportados ladeira acima,

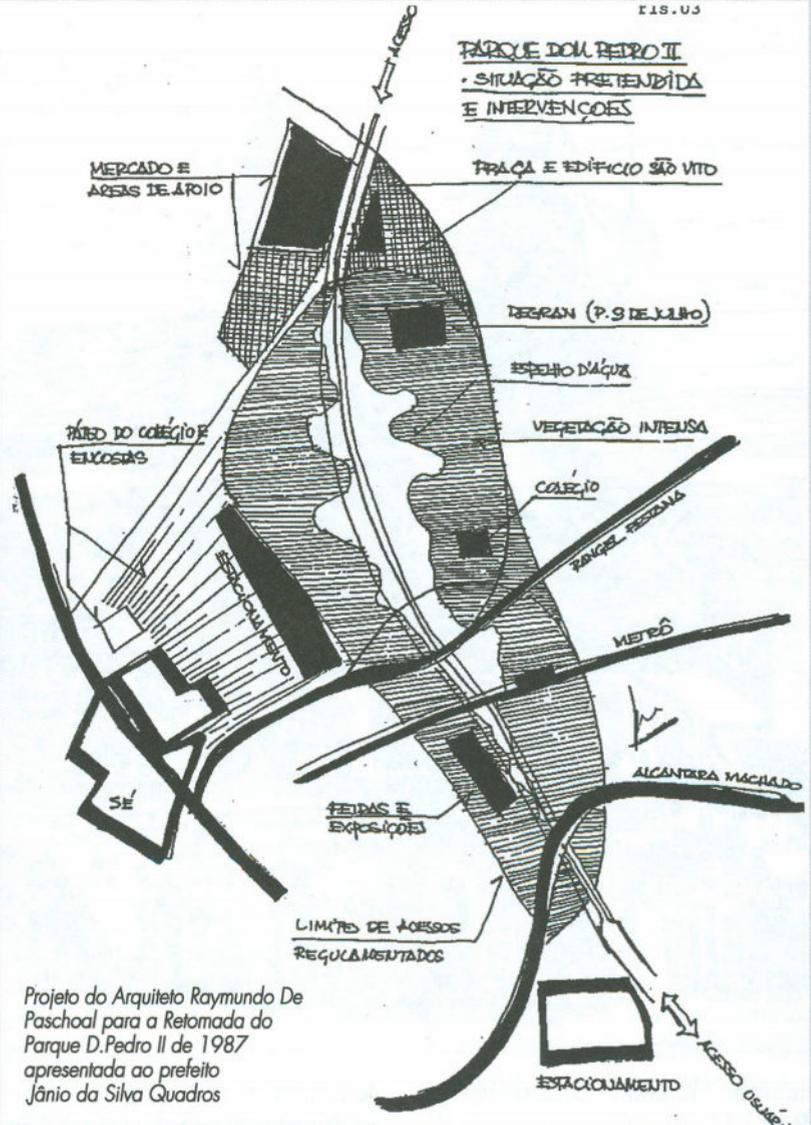
chão lamacento, escorregadio, que ligava o Porto Geral ao cume da Colina, e ali, os escravos em lombo de jumento chegavam aos canteiros de obras das casas de sacadas de ferro e dos candelabros, daqueles proprietários abastados que erigiam suas residências no centro da cidade, próximos do Largo da Sé.

Orgulhavam-se os paulistanos dos primeiros anos novecentistas do vultoso aspecto do seu Paço Municipal, tão nobre, quanto jamais a sua cidade possuía igual. E nele se encerrava ambiente que não deveria ter desaparecido: ali ocorrera a 23 de maio de 1821 o primeiro ato solene e o primeiro passo de adesão de São Paulo ao movimento culminado a 7 de setembro de 1822 pelo nascimento do Brasil - Nação.

**NUMERAÇÃO** - Em 1809 ocorreu em São Paulo interessante inovação. Resolveu o Senado que, pelas diversas ruas do centro urbano, se procedesse a numeração das casas. E mais, se dessem nome às vias públicas para efeito de se fazer a cobrança da décima. Por esse tempo, talvez, haja assentada a nomenclatura das ruas do centro urbano de São Paulo, conforme vemos as designações inseridas na primeira planta conhecida da cidade levantada pelo Capitão do Real Corpo de Engenheiros, Rufino José Felizardo e Costa. Poucas destas designações permaneceram até nossos dias como sejam os largos de São Bento, São Francisco e Carmo. Outros nomes antigos das ruas subsistem como se sabe os da de São Bento, Direita, Santo Antonio, Boa Vista onde um de seus alinhamentos passaria a chamar-se 3 de Dezembro, Tabatingüera, Carmo e São João. Muitos nomes de todo desapareceram tais como Rosário dos Pretos e hoje 15 de Novembro, Cruz Preta e hoje Quintino Bocaiúva, Comércio (antiga Álvares Pentead), Ladeira do Açú ( hoje avenida São



**PARQUE DOM PEDRO II  
- SITUAÇÃO PRETENDIDA  
E INTERVENÇÕES**



Projeto do Arquiteto Raymundo De Paschoal para a Retomada do Parque D. Pedro II de 1987 apresentada ao prefeito Jânio da Silva Quadros

João) e rua do Ouvidor que de 1887 em diante, José Bonifácio. Também desapareceram os nomes das ruas São José (Líbero Badaró), Miguel Carlos (Florêncio de Abreu), Santa Casa (Riachuelo), Freira (Senador Feijó) e Flores (Silveira Martins).

**DETRITOS** - Um dos maiores estorvos das passadas administrações municipais brasileiras residia na remoção do lixo. Regra geral, os particulares lançavam às vias públicas os detritos diários de suas casas, com grave prejuízo da higiene. Fato que incluía, também, o Buracão do Carmo, como notório centro de resíduos das mais variadas origens, aviltando o remanso das águas do Tamanduateí, encardindo ainda mais o afastado local como destinado, sem remédio, a entrar na memória da cidade como superfície chagosa.

Nenhuma das igrejas seiscentistas, setecentistas e oitocentistas tinha valor arquitetônico nem seu interior adornavam obras de arte de certa valia. São Bento também já não era a igreja dos princípios do século XVII, erigida com telhas e tijolos da Fazenda de São Caetano, que a esta substituíra à construída por Fernão Dias Paes, depois reconstruída sempre no mesmo local por Frei Miguel de Santa Rita em meados do século XVIII, e afinal arrasada em 1912, para dar lugar à magnífica basílica de hoje.

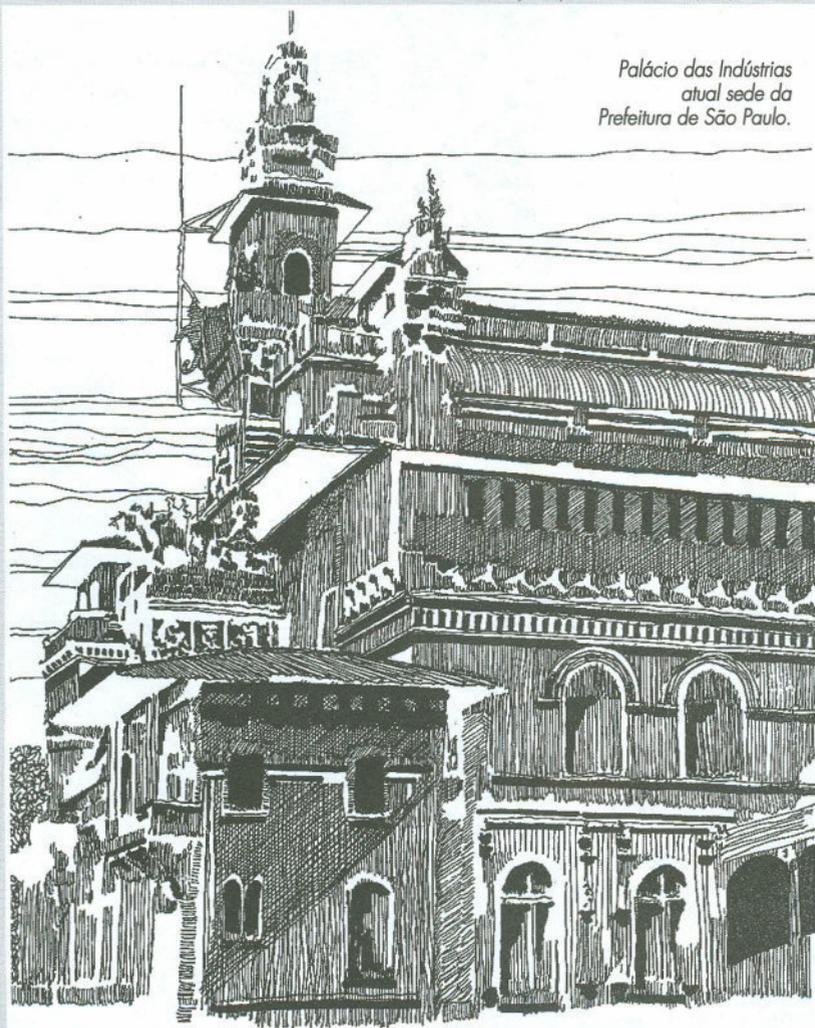
**IDEALISMO** - No período de meio século, duas gerações de arquitetos, separadas apenas pelo tempo, preocuparam-se com a mesma área e com idêntica posição idealista. Este foi o título do editorial do jornal *A Tribuna do Parque*, Parque D. Pedro II edição histórica de janeiro de 1988, publicação criada e editada por arquitetos e jornalistas, que sensibilizados pelo grau de importância que a retomada do Parque atingiu, resolveram registrar todo o desenvolvimento do início desse processo de apropriação racio-

nal do centro urbano antigo da Metrópole. Desta vez o jornal especializado no Parque informou as etapas de andamento das obras, desde a elaboração dos primeiros conceitos do projeto urbanístico, paisagístico, patrimonial histórico e de impacto social até a entrega da área à população. Foram abordadas com bastante oportunidade questões de planejamento urbano, técnicas de pavimentação, transporte coletivo, abastecimento, depoimentos de historiadores, urbanistas, arquitetos, professo-

res, bem como, posicionamento de órgãos públicos, quer municipais, quer estaduais.

O jornal resgata a memória do Parque quando ainda era conhecido como Buracão do Carmo, lugar ermo, abandonado, sujo e esquecido como um depósito de lixo da cidade e o trouxe, pela história, até o século XX, agora, na comemoração dos 10 anos pós-retomada, oferecendo desde sua publicação, material de pesquisa para o entendimento da evolução da paisagem urbana, desenvolvimento

Palácio das Indústrias  
atual sede da  
Prefeitura de São Paulo.



econômico, cultural e social da região do Brás.

A iniciativa desses profissionais, atentos ao momento histórico que presenciavam, resultou no trabalho de aproximação de duas gerações de arquitetos, separadas apenas pelo tempo, mas que se preocupam com a mesma área e com idêntica posição idealista: arquitetos Couchet (1917) e Raymundo De Paschoal (1987).

Em fevereiro de 1987, o Grupo de Trabalho Interdisciplinar Permanente do Parque D. Pedro II, coordenado pelo arquiteto Raymundo De Paschoal, iniciou a tarefa. De início, o então prefeito Jânio da Silva Quadros, criou o Grupo e anunciou a intenção

de reurbanizar as áreas ao longo do trecho central urbano do rio Tamaquateí, construindo um novo Paço Municipal, além de parques e edifícios de habitação. Como idéia inicial, haveria um terminal de ônibus urbano recebendo a população da Zona Leste: o objetivo era atingir o Centro, utilizando percursos racionais pelas principais artérias que rasgam a cidade desde os bairros mais afastados e diminuindo o fluxo de coletivos nas áreas próximas ao Parque D. Pedro II. Eram, cerca de 80 e 90 linhas abrigadas no novo terminal, cujo subsolo, com estacionamento com duas mil vagas, seria entregue aos usuários das lojas.

O espaço ocupado estaria compreendido entre a Avenida Exterior, rua 25 de março e a avenida Rangel Pestana. As obras, então de ajardinamento, orçadas em Cz\$ 9 milhões e instalação do novo terminal de ônibus foram iniciadas em meados de 1987. Quanto ao Palácio das Indústrias, o Quartel do Batalhão de Guardas e o Mercado Municipal foram considerados pelo DPH Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo como edifícios a serem restaurados conforme estudos e projetos apresentados. em declarações feitas pelo assessor-chefe da AEU, o arquiteto Raymundo De Paschoal, não seria possível recuperar o Parque como era em 1922, quando foi inaugurado, mas com certeza poderia voltar a ser como no passado em cerca de 70% ou 80% dos aproximadamente 500 mil metros quadrados.

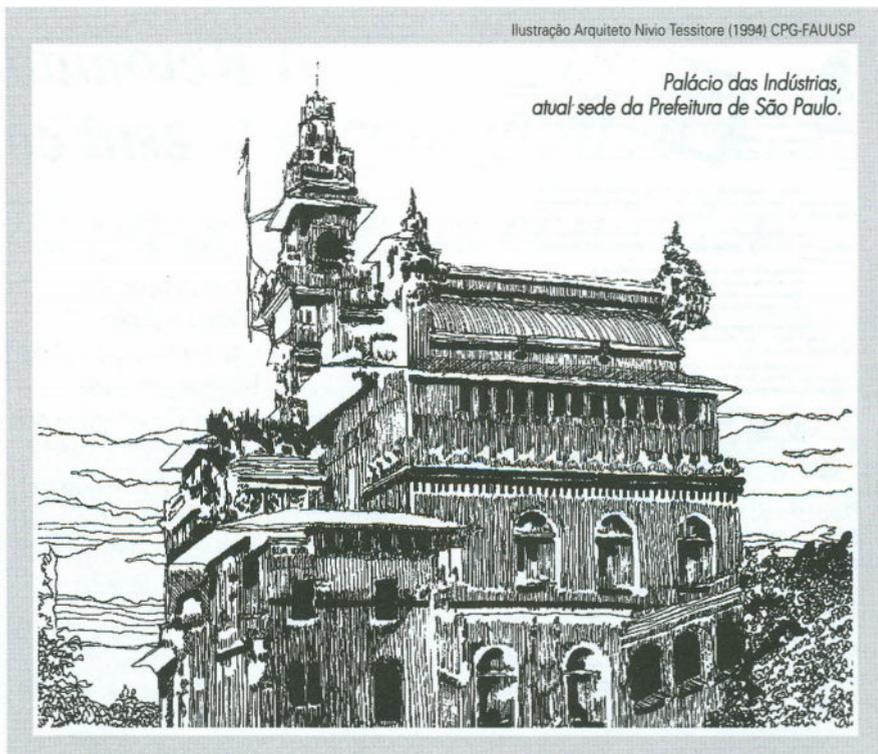
Intenções de desapropriação foram levadas à população pelo poder público. Foi determinado à Secretaria dos Negócios Jurídicos que elaborasse um decreto de declaração de interesse público para a desapropriação de áreas compreendidas entre a rua 25 de março e a Avenida Exterior e entre a Praça São Vito e a Avenida Mercúrio ocupados por edifícios comerciais e residenciais onde deveriam ser construídos um moderno terminal de ônibus urbano e obras viárias integradas.

O coordenador do Grupo Intersetorial Permanente, arquiteto De Paschoal, informava que "o projeto de recuperação do Parque pretende reconstituir a área verde do local. Nas áreas desapropriadas nem todos os edifícios serão demolidos, sendo preservados alguns por interesse histórico e outros para uso do próprio Plano". Os comerciantes estabelecidos na região poderiam ocupar lojas que funcionariam no pavimento superior do terminal, recebendo vagas nos estacionamentos subterrâneos previstos no projeto.

Em fevereiro de 1987, era apresentado ao prefeito Jânio da Silva Quadros, pelo coordenador do Grupo, as bases do Termo de Referência do empreendimento associado de Terminal de Ônibus, garagens, lojas e serviços de apoio que consistia em “*uma possibilidade de organização de um projeto de realocação da atividade atacadista de tecidos, para a propriedade municipal junto à Avenida Alcântara Machado, projeto denominado Nova São Paulo*”.

Com o avanço das intenções de retomada do Parque de forma irreversível, os interesses de grupos estrangeiros fizeram-se presentes. Em julho de 1987, James Jay Salinas, Vice-Chairman da Swiss-Arab Bank & Trust Co.Ltd. enviou correspondência ao prefeito, apresentando a proposta de participar da construção e financiamento para a reativação de um dos setores de maior valor do centro de São Paulo com base nos estudos do coordenador do Grupo.

A proposta era a construção de



Palácio das Indústrias, atual sede da Prefeitura de São Paulo.

um hotel de 1.400 apartamentos (Grupo Marriott), Centro de entretenimento esportivo (tipo Madison Square Garden) com capacidade para 7.000 pessoas, Sea World Exhibition Center, renovação e restauração dos edifícios com alto valor histórico e transformá-los em centro culturais. A recuperação do Parque D.Pedro II foi prioridade do prefeito Jânio da Silva Quadros. Recuperar a importante área central da cidade foi responsabilidade do Grupo Intersecretarial Permanente do Parque D.Pedro II, criado pelo decreto municipal nº 23.257 de 30 de dezembro de 1986 e coordenado pelo arquiteto Raymundo De Paschoal.

“*A recuperação do Parque D.Pedro II, não será conduzida como um projeto acadêmico, pronto e acabado. É antes, um processo para nortear os melhores interesses da cidade, públicas e particulares, no empreendimento. A esplanada Parque D.Pedro II é o primeiro empreendimento específico, do conjunto imaginado e teve a aprovação do prefeito Jânio da Silva Quadros, especificava*

*e esclarecia o memorial descritivo que acompanhava o projeto básico entregue ao prefeito*”.

Nesse momento, surgia o elo de ligação de duas gerações de arquitetos, separadas apenas pelo tempo. Como no editorial de 1988, do *Jornal A Tribuna do Parque*, o Novo Parque D.Pedro II anunciava a reformulação da área, com proposta renovadora que agora podemos comemorar, passa dos 10 anos, com a realização na íntegra do ideal: o Palácio das Indústrias, sede da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo, a bandeira branca com a Cruz de Malta em vermelho do Município na sua torre mais alta, o verde do Parque restaurado e mantido, bem como o Novo Terminal sendo utilizado pela população.

Realmente, “*a recuperação do Parque D.Pedro II, não foi conduzido como um projeto acadêmico, pronto e acabado. Foi antes um processo para nortear os melhores interesses da cidade*”. Considerou-se que com o passar dos anos reergueu-se várias vezes, quando já era tido como esquecido,





Despacho do Prefeito Municipal Jânio da Silva Quadros, do assessor-chefe da AEU, arquiteto Raymundo de Paschoal aprovando o projeto de sua autoria para o novo Parque D. Pedro II, data de 30 de abril de 1987. O Projeto foi denominado Esplanada do Parque D. Pedro II, alusivo à Esplanada do Parque da Várzea do Carmo, do arquiteto Couche. (1917)

foi combatido, apoiado, reforçado, maldito e tido como absurdo.

#### BIBLIOGRAFIA

- Martins, José de Souza, A Escravidão em São Caetano (1598-1871), Associação Cultural e Esportiva Luis Gama, CED, Centenário da Abolição, 1988
- Prefeitura do Município de São Paulo, Palácio das Indústrias Memória e Cidadania - O Restaura para a Nova Prefeitura de São Paulo, São Paulo, 1992.
- Taunay, Alfonso de E., História da Cidade de São Paulo no Século XVIII, 1º p. Volume II, 1765-1801, Departamento de Cultura, Divisão do Arquivo Histórico, São Paulo, 1951.
- Taunay, Alfonso de E., História da Cidade de São Paulo no Século XVIII, 2º p. Volume II, 1765-1801, Departamento de Cultura, Divisão do Arquivo Histórico, São Paulo, 1951.
- Taunay, Alfonso de E., História Colonial da Cidade de São Paulo no Século XIX Volume III, 1801-1822, Departamento de Cultura, Divisão do Arquivo Histórico, São Paulo, 1956.
- Praetorius, Luiz Gonzaga, Diário dos Escravos de São Bento, Editora Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, São Paulo, 1991.
- Jornal A Tribuna do Parque Parque D. Pedro II, Edição Histórica, Diretor Responsável Nívio Tessitore, São Paulo, 1988.

(\*) Nívio Tessitore é arquiteto com graduação e pós-graduação, em nível de Mestrado na área de concentração Estruturas Ambientais Urbanas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP).

## A Retomada do Parque está concluída

Devemos, no entanto, a primeira iniciativa, quando foi autorizada a construção do Parque da Várzea pela lei nº 1.793, de 12 de junho de 1914 ao prefeito Dr. Washington Luiz Pereira de Souza. De acordo com a lei nº 2.057, de março de 1917, a Prefeitura abriu concorrência pública para a construção do Parque nos terrenos da área denominada Parque da Várzea do Carmo.

Em no documento da Comissão de Justiça e Polícia, da Câmara Municipal de São Paulo, de 22 de abril de 1914, lê-se: não é, nem pode ser o parque de que devemos dotar a cidade e que requer uma extensão muito mais considerável. A Várzea do Carmo tem pouco mais de 30 hectares, ao passo que o Bois de la Cambre (Bruxelas) tem 100, o Bois de Vincennes, 730, o Bois de Boulogne, 750, Gruwald e Spanda (Berlim), 5.000.

“Mas a sua situação privilegiada permite ligá-la, por um lado, acompanhando as avenidas Marginaes do Tamanduatehy, aos jardins do Ipiranga, e, por outro lado, pela avenida Cantareira, à Ponte Grande, em cujas imediações se implantará, segundo todas as probabilidades, o grande parque municipal. As idéias do arquiteto Cochet coincidem em sustância com as do engenheiro Bouvard, de que a Câmara tem conhecimento pelo relatório da Prefeitura, correspondente ao ano de 1911. Como o engenheiro Bouvard, sugere o

arquiteto Couche dois alvíteiros diversos: primeiro consiste no ajardinamento de toda a área disponível; o segundo, permite a alienação de parte da Várzea. A Comissão de Justiça opina pela aprovação do segundo projecto, porque várias e ponderosas são as vantagens que elle apresenta.

Os prédios actuaes das ruas 25 de Março, rua da Mooca e adjacências destoariam por completo do logradouro público, que vamos crear. Deixá-os em contiguidade com o parque seria comprometter irremissivelmente o effeito do conjuncto. reservando-se a faculdade de alienar as nesgas em questão, a Municipalidade tratará de parcelal-as em lotes de configuração e dimensão apropriadas e terá o direito de impor aos adquerentes as condições que entender necessárias para o aformoseamento do logar. A altura dos edificios, a sua destinação, o seu afastamento em relação aos prédios convisinhos, o estylo das fachadas, tudo isso pode ser previsto em beneficio da esthetica desse trecho da cidade. No ponto de vista financeiro, a operação proposta será certamente das mais fructuosas. Basta que o executivo não precipite as alienações, guardando-se para fazel-as à medida que se tornem adeantando as obras projectadas. a área disponível é de cerca de 30.000 m<sup>2</sup>, que, na base muito razoável de 50\$000, devem produzir 1.500.000\$000”.

# O passado de uma escola guarda a história de 70 anos de lutas contínuas

Sônia Maria Franco XAVIER(\*)

Quem hoje passa pela rua Maranhão, nº 22 e vê o imponente prédio da Escola Estadual de 1º Grau Bartolomeu Bueno da Silva, não imagina que sua história já tenha mais de 70 anos de luta, muita doação e desprendimento por parte de seus mestres.

Contada pelas professoras Maria Bacchi Galvani, Maria José Galvani Felipe, Leila Abib Paladino e Sara Assef Amad, a história ressalta o relato das mestras que tiveram suas vidas ligadas à escola. Isso, desde o início, quando seu nome era 2º Grupo Escolar de São Caetano e estava localizado à rua Monte Alegre, nº 35. A data de sua instalação nesta cidade aconteceu no dia 27 de junho de 1927.

Estas senhoras, hoje aposentadas e moradoras da cidade, mantêm-se rodeadas por grandes famílias, uma vez que não quiseram perder o vínculo com suas colegas de trabalho e dentro desta escola. Assim, ao se afastarem do magistério, fundaram uma organização que denominaram *Cabana*, cujas letras significam: *Colegas Amigas do Bartolomeu Abraçam Novas Atividades*.

**OBJETIVO** - A primeira reunião da *Cabana* foi no dia 30 de junho de 1983 e contou com seis professores que estabeleceram como objetivo básico desta organização: conseguir um contato mais freqüente entre suas filiadas e a produção de atividades paralelas a sua função educativa. E deu certo, pois de meia dúzia de representantes no início, as fileiras do grupo



Segundo Grupo Escolar  
27 de junho de 1927

Reprodução: Album de São Bernardo



Acervo: Fundação Pro-Memória

Vista geral da EEPG Bartolomeu Bueno da Silva, na sua inauguração

foram aumentando para contar atualmente com mais de 70 professores que se reúnem toda terceira quarta-feira de cada mês no Salão de Festas do Clube União Cultural Teuto. Hoje esta organização é bem mais abrangente e conta com professoras aposentadas de várias escolas da cidade.

As professoras pertencentes à *Cabana* são ligadas por um ideal comum: ajudar ao próximo e também se ajudarem mutuamente. Dizemos isto, porque suas reuniões são sempre cheias de novidades, comemorações de aniversários, bazares beneficentes, palestras sobre educação,

problemas de salários, direitos dos professores, atividades culturais e religiosas.

Programam também passeios, excursões, exposições de trabalhos, artesanato, tudo num ambiente alegre e descontraído. Atualmente mantêm a mesma linha adotada no princípio e visam a desenvolver atividades de modo espontâneo e criativo.

**FUNDADORAS** - Dentre as fundadoras desse grupo de amigas estão Leila Abib Paladino, Therezinha Helena Rocha, Maria José Galvani, Asia da Silva Castro, Maria Aparecida Costa, Maria Zaida de Angelis Cruz, Maria Aparecida Chiochetti, Yvone E. Milani, Maria Aparecida Mendes de Oliveira, Maria Alice Padovani Ramos, Irene Franzini Bertola, Elzira Tavares Armani, Maria Bacchi Galvani, Maria Aparecida Chichetto e Elly dos Santos Malva.

Conforme depoimento destas professoras, tem sido salutar manter essa união entre colegas que por muitos anos trabalharam juntas e às quais se agregaram posteriormente novas amigas aposentadas de outras escolas da cidade. O grupo é animado e a alegria e a confiança existente entre todas é um motivo bastante forte para que essa idéia frutifique em todo o meio docente local. Depois de 20 ou 30 anos, a amizade se dispersaria por caminhos e locais diferentes o que dificultaria os

reencontros. Contudo, o grupo cresceu e tem um saldo positivo de centenas de reuniões realizadas nesse período de mais de uma década (14 anos). Muitas coisas foram concretizadas: bazares, comemorações festivas, campanhas educativas, enxovais para recém-nascidos, agasalhos para idosos, além de donativos para diversos atendimentos de serviço social, escolar e assistencial. "Além disso, recriamos o ambiente de camaradagem que se solidificou no decorrer do tempo em amizades sinceras"- revelam.

**DENOMINAÇÃO** - A escola recebeu através do decreto nº 16.773 de 23 de janeiro de 1947, publicado em 24 de janeiro de 1947 o seguinte termo: "o 2º Grupo Escolar de São Caetano, em Santo André, passa a denominar-se Bartolomeu Bueno da Silva, em homenagem ao bandeirante descobridor das Minas de Goiás, celebrizado por Saint Hilaire como integrante de uma *Raça de Gigantes*". Diz o decreto:

*"Os serviços prestados ao Brasil, pelo férreo temperamento que possuía, pela tenacidade inquebrantável de seu espírito, pela admirável constituição física, enfim pelas qualidades de paulista e piratininga de fibra, as quais se orgulhava de ostentar redundaram na conquista do Sertão de Goiás por onde fez penetrar a civilização e donde possibilitou a retirada de enorme soma de riquezas que du-*

*rante muito tempo tornaram sólido e prestigioso na Europa, o velho Portugal. Exemplo para as gerações atuais, credor de São Paulo e do Brasil porque foi um dos grandes vultos realizadores no glorioso passado, bem merece ter o seu nome inscrito no 2º Grupo Escolar de São Caetano".*

Conforme texto ilustrativo a respeito de Bartolomeu Bueno da Silva, pai e filho, conclui-se que o patrono deste estabelecimento é o filho de igual nome, também chamado pela alcunha de *Anhanguera*.

**COMEÇO** - O prédio da EEPGBartolomeu Bueno da Silva, foi entregue em 29 de julho de 1954 ao diretor da escola, Professor Dario Almeida Dias pelo então prefeito municipal, Anacleto Campanella. Ele apresenta em sua fachada um bonito painel de azulejos simbolizando uma cena do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva com os índios. Entre as figuras representadas percebe-se a reprodução do rosto de Anacleto Campanella. O rosto de cada índia representava uma funcionária da Cerâmica da Costa. O trabalho de pintura dos azulejos foi feito pelo artista Jayme da Costa Patrão.

Através de gravação feita em São Caetano do Sul, em 9 de janeiro de 1997, na residência da professora Maria Bacchi Galvani, onde se reuniram várias outras ex-professoras que estudaram, trabalharam e dirigiram esta escola nas suas duas fases: 2º Grupo Escolar de São Caetano localizado à rua Monte Alegre, nº 35 e a EEPG Bartolomeu Bueno da Silva situado a rua Maranhão, nº 22.

Relata Maria Bacchi Galvani:

*- "Cheguei a São Caetano em 1938 para trabalhar como professora primária no 2º Grupo Escolar que ficava onde hoje se localiza o prédio de apartamentos Di Thiene. Trabalhei lá durante oito anos. Aposentei-me como diretora, depois de passar por outras escolas, no ano de 1969.*

*Esta escola traz muita saudade.*



Acervo: Sarah Assel Amad

Desfile do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, professora Maria José Galvani, ano 1956



Alunos da professora Sarah Assef Amad, 4º ano masculino, ano 1957



Grupo Escolar Monte Alegre, 1943. Leila é a primeira da última fila, Elvira é a quarta da segunda fila. Professora substituta Carmelita

Foi ali que comecei como professora. Tive muitas alegrias, classes com 45 ou 50 alunos. Bons alunos, pessoas que se destacaram nas mais diversas atividades em nossa cidade.

Lembro-me com entusiasmo do coral que dirigia juntamente com Maria Angélica do Amaral Simonelli e que se apresentava em todas as comemorações escolares.

Outra realização importante foi a criação da Caixa Escolar que criou fundos para as atividades extra-classe.

Diz Sara Assef Amad:

—“Vim para o Bartolomeu recebendo uma cadeira-prêmio. Era ainda muito jovem e como havia me formado com notas superiores a 9,0 em todas as disciplinas fui convidada a assumir o magistério. Mudei-me então para São Caetano. Minha formatura foi na cidade de Sorocaba. Trabalhei no Bartolomeu do ano de 1954 à 1972. Entrei quando a escola ainda funcionava na rua Monte Alegre (2º Grupo Escolar) e fiz junto a mudança para o novo prédio.

Creio que vivi uma fase de glória nesta escola, pois participávamos de grandes desfiles cívicos e esta escola primava pelos vários quesitos que apresentava como fanfarra, marcha,

grande número de alunos, organização e uniformes. Vencíamos sempre os concursos.

A participação da direção, dos pais de alunos e dos professores era grande, tanto na organização das atividades, como na realização e confecção de materiais para os desfiles. É importante lembrar a presença do Tiro de Guerra como nossos vizinhos, pois sempre colaboraram nos ensaios para que os desfiles saíssem mais perfeitos.

A apresentação da fanfarra no canal 7 de televisão, foi o ponto alto da escola pois fomos classificados em primeiro lugar, concorrendo com um grande número de escolas de todo o Estado de São Paulo. A escola guarda os troféus que foram conquistados”.

**AFETO** - Revela Maria José Galvani Felipe - Dona Zezé, como é mais conhecida:

—“Fui aluna desta escola do ano de 1942. Formei-me professora em 1954 e vim trabalhar como substituta no Bartolomeu. Em 1961, efetivei-me, trabalhando lá até me aposentar.

Tenho por ela uma grande ligação afetiva pois grande parte de minha vida passei lá, estudando, trabalhando, orientando meus filhos que também

ali estudaram.

A escola do Estado apresentava um ensino forte. As vagas eram disputadas. O trabalho era bem feito. A postura e a vestimenta dos professores era bem formal na época.

Um professor de quem me lembro com saudade era Angelo Vaquero, que faleceu muito cedo, mas que sempre colaborou muito nas atividades da escola. Quando já estava doente programou um desfile que teve como tema o Sputnik. Ele montou uma réplica para o carro alegórico e desenhou as roupas para os alunos como se fossem astronautas. Foi um grande desfile e a escola recebeu um prêmio.

O Município nesta época estimulava as maratonas, de Português, Matemática e Estudos Sociais. Nossos alunos eram muito bem preparados e a escola guarda em troféus e medalhas esta grata lembrança.

A conclusão do curso ginásial acontecia como se fosse uma formatura, com grandes comemorações e a ligação dos alunos com a escola era muito afetiva.

Todos trabalhavam por um só ideal, a família Bartolomeu e o seu sucesso na comunidade”.

**ESTÍMULO** - Recorda com saudade a ex-professora Leila Abib Paladino:



Foto tirada no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, na rua Monte Alegre. 1-Maria José Galvani( estava no 2º ano, 2C9 Grupo Escolar), 2-Rosa Fernandes Vieira, 3-Maria da Silva, 4-Ana Alavaski, 5-Amabile Defile, 6-Benedita Alzira Dutra, 7-Benedita Josefina Barbosa, 8-Bruna DeMarchi, 9-Carmem Luiza Ozélo, 10-Carmem Rebadan, 11-Deise Arcuri, 12-Delfina Augusta Pinto, 13-Eligenia Ferreira, 14-Ermelinda Barutti, 15-Enedina Riera, 16-Francisca Padian, 17-Helena Astolfi, 18-Helena Joana Previato, 19-Ivone Abib da Costa(2ª da 2ª fila), 20-Isabel Garcia, 21-Lidercia Germani, 22-Lourdes Ramos, 23-Maria Aparecida Côco, 24-Maria Aparecida Silva, 25-Maria Cápola, 26-Maria Benedita Pinto, 27-Maria Helena Romêra, 28-Maria Rinaldi, 29-Maria Vitória Siqueira, 30-Marianinha Morgilo, 31-Mercedes Chechetto, 32-Nilse Isabel Penachi, 33-Odette Rodrigues, 34-Rafaela Pêço, 35-Regina Mariano, 36-Rut Reuzi, 37-Tereza Albino, 38-Tercilia Camilo, 39-Vilma Ricceli, 40-Yolanda Ferreira, 41-Zulmira Camilo

Acervo: Maria Catarina Bizuti



Aluna Maria Catarina Bizuti, 1962, 2ª série  
GE Bartolomeu Bueno da Silva atual diretora da escola

–“Fui aluna desta escola desde 1942. Cursei da primeira à quarta série, sendo aluna de Maria Bacchi, excelente professora. Ela estimulava muito as alunas a serem professoras. Mais tarde voltei como professora para esta escola, vindo a ser colega de Maria Bacchi e de sua filha dona Zezé.

Nela, todos participavam, até os maridos das professoras ajudavam nos desfiles conseguindo os carros e ajudando em sua orientação e alegoria. Fazíamos várias festas durante o ano. Por exemplo, a Festa Junina, onde eram eleitas a Rainha da Pipoca e da Primavera.

Chegamos a fazer nossas quermesses de Festa Junina, no jardim Primeiro de Maio. Havia muito entusiasmo em nosso trabalho. Realizávamos também muitas exposições dos trabalhos de nossos alunos. Os alunos vinham de vários bairros e percebia-se uma grande mistura de raças. Neste bairro havia uma grande presença espanhola e italiana.

**REALIZAÇÕES** - Explica Maria Catarina Bizutti Equi:

–“Em 1961 entrei na primeira série do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva. Neste ano fui aluna da professora Azia de Castro e perma-

neci até completar o curso primário. No quarto ano tive como professora Maria Aparecida Mendes de Oliveira. Vivi o período de grandes realizações desta escola. Participei de desfiles, campeonatos, campanhas e recebi medalhas de honra ao mérito por bom desempenho.

Em 1972 retornei na condição de professora satisfazendo assim os meus anseios de criança que sempre amou aquele espaço. Posteriormente, em 1992, assumi a direção da escola, onde permaneço até hoje. Discorrer sobre o Bartolomeu é falar de minha vida, de meus sonhos e de minhas realizações.

O que me entristece é que ao completar 70 anos de atividade sempre crescendo, a escola em 1996, devido à redistribuição escolar estadual, passou de 60 professores e 1.500 alunos para 20 professores e 650 alunos.

Mesmo assim, apesar dos seus 70 anos de funcionamento, ela se encontra em boas condições de uso, graças a todos os seus diretores, que souberam mantê-la.

Para mim, esta escola é tão im-

portante que minha única filha estudou aqui da primeira à quarta série. Saiu quando a escola passou a ser somente de primeira à quarta série”.

A EEPG Bartolomeu Bueno da Silva hoje funciona com 11 salas de aula em dois períodos, manhã e tarde, e atende somente alunos da primeira a quarta série. São diretores Maria Catarina Bizuti e Henrique de Francisco (vice-diretor).

A escola possui uma Associação de Pais e Mestres e a única festa que se mantém é a de São João, no mês de junho. Atentos aos novos rumos da Educação, os professores almejam que se preserve a escola e que se amplie seus trabalhos.

(\*) Sônia Maria Franco Xavier, professora de Filosofia e História, dirige o Museu Municipal de São Caetano do Sul, integra o Grupo de Pesquisadores de Memória do ABC, é membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

# A herança cultural da Cerâmica São Caetano S/A.

José Roberto GIANELLO(\*)

No dia 26 de novembro de 1941, o presidente da República Getúlio Vargas visitou as instalações da Cerâmica São Caetano, e, na passagem pelo Grupo Escolar que a Cerâmica mantinha em suas dependências, deixou registrada na página 11 do livro de visitantes da escola, a seguinte mensagem: *'Uma das mais gratas emoções da minha visita a São Paulo'*.

O Grupo Escolar Cerâmica São Caetano era dirigido nessa época pela diretora Clarice de Magalhães Castro, e representava apenas um aspecto do trabalho que a empresa realizava em prol dos dependentes de seus operários.

A história da Cerâmica São Caetano está profundamente enraizada na própria vida de São Caetano, desde a época em que era um distrito ligado ao Município de São Bernardo, e até no próprio bairro que lhe empresta o nome: Bairro Cerâmica.

**SIMONSEN** - A Cerâmica São Caetano foi fundada pelo senador Roberto Simonsen, considerado patrono da indústria nacional, engenheiro, político, estadista, literato que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, estudioso e profundo conhecedor dos problemas



Aspecto do Grupo Escolar Cerâmica São Caetano em 1936

sócio-econômico do País, criador do Sesi e do Senai, incentivador do desenvolvimento industrial e idealizador de várias associações de classe.

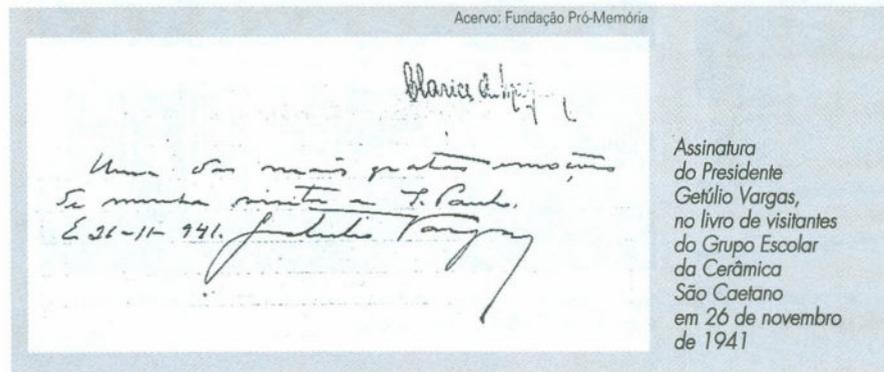
Líder empresarial, falecido em 1948, notabilizou-se pela compreensão dos problemas e reivindicações da classe operária graças à visão e a dos que o sucederam na direção da indústria. Foi na verdade uma antecipação, sob vários aspectos, das conquistas dos trabalhadores que mais tarde se incorporaram à legislação trabalhista e providenciária, tais como assistência médica, odontológica e hospitalar,

abono de Natal, aprendizagem profissional, ensino primário, recreação, esportes, assistência pré-natal, alfabetização, habilitação, serviços sociais, refeitórios, etc..

**VISÃO** - A liderança de Roberto Simonsen e o dinamismo de outros dirigentes, como Armando de Arruda Pereira, foi continuada por seus filhos Eduardo Simonsen, Victor Geraldo Simonsen e Roberto Simonsen Filho, que modernizaram a indústria, expandindo-a em todos os setores, a fim de suprir as necessidades do mercado.

Na direção da Cerâmica São Caetano até 1948, Roberto Simonsen mostrou-se um homem à frente de sua época, pois muitas das idéias e ações eram modernas para aquele momento. Ele fazia questão de ressaltar a defesa e a cooperação voluntária e consciente entre patrões e empregados, auxiliares superiores e humildes operários.

Segundo a filosofia do senador, operários e patrões deveriam compartilhar de um mesmo ideal, praticando



Acervo: Fundação Pró-Memória

Assinatura do Presidente Getúlio Vargas, no livro de visitantes do Grupo Escolar da Cerâmica São Caetano em 26 de novembro de 1941

Acervo: Fundação Pró-Memória



Aspecto do playground do Grupo Escolar da Cerâmica São Caetano em 1936

a ajuda mútua, sem lutar uns contra os outros. Outra bandeira era a defesa dos princípios de organização científica de trabalho, e uma concepção de Estado inspirada no modelo norte-americano, buscando adequar a realização do projeto econômico-social defendido pelos industriais brasileiros.

Assim, para organizar esse atendimento, seria necessário que os empresários se conscientizassem da imprescindível aplicação dos princípios da organização do trabalho. De acordo com o empresário, isso faria com que a produção fosse barateada, a produtividade e os ganhos aumentassem e, conseqüentemente, seriam reduzidas os conflitos internos nas fábricas.

**MÉTODO** - Portanto, a alta eficiência de uma fábrica dar-se-ia pela administração de funções que incluiriam os fatores tempo, custo, execução e pagamento justo pelo trabalho desenvolvido, baseado em métodos científicos. Todas as idéias que faziam parte do Sistema Simonsen de Administração eram aplicadas às indústrias que dirigia, principalmente a Cerâmica São Caetano. Esse processo tinha como pano de fundo as grandes mudanças da época em que viveu (1889-1948). Na dinâmica das mudanças mundiais que aconteciam, existia a formação de cartéis e monopólios mundiais, as duas grandes guerras com a redivisão política do mundo entre as potências

vencedoras e a formação de blocos (socialista e capitalista); aumento assustador da população global; aumento da produção com as indústrias agitadas pelo crescente descontentamento do operariado; a Revolução Russa; a crise de 1929; o desenvolvimento técnico-científico...

No Brasil, mais particularmente a criação da República Nova; a Coluna Prestes, a Semana de Arte Moderna de 1922, a Revolução Constitucionalista de 1932, e a urbanização com o crescimento das cidades, e logicamente das indústrias.

**MODELO** - A atuação de Roberto Simonsen extrapolava os limites da Cerâmica São Caetano. A escola, fundada dentro das dependências da Cerâmica São Caetano, era um modelo educacional para todas as indústrias da época. A simples análise do livro de visitas da escola, é uma amostra dos elogios que a escola recebia dos mais diferentes tipos de convidados. Seguem alguns depoimentos:

-“Com o maior prazer deixo consignada a excelente impressão que levo da minha visita a esta casa de ensino-26 de novembro de 1941, Fernando Costa; AIBR.-Imprensa Brasileira Reunida pelos seus diretores, consignam aqui a sua impressão magnífica

Acervo: Fundação Pró-Memória



O Grupo Escolar Roberto Simonsen foi Inaugurado em 18 de fevereiro de 1956, em prédio construído pela Prefeitura com material fornecido pela Cerâmica

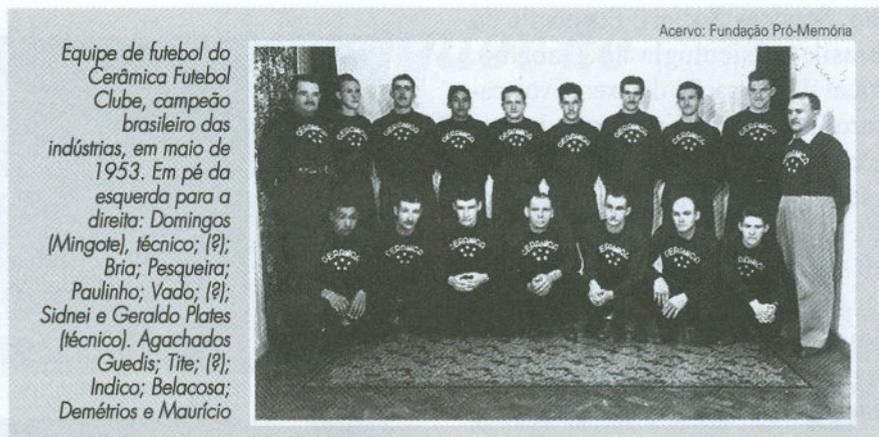
Acervo: Fundação Pró-Memória



Aspecto externo do Centro Social Roberto Simonsen, área de lazer dos operários da Cerâmica São Caetano

pelos que o Grupo Escolar Cerâmica São Caetano vem fazendo em prol de nossa terra, formando vários brasileiros bons, fortes e cultos. À sua direção e dignas colaboradoras, a nossa homenagem extensiva aos diretores da Cerâmica São Caetano”.

A Fundação do Grupo Escolar Cerâmica São Caetano foi o embrião dos projetos que Simonsen encetaria no futuro, preocupado com as deficiências da mão-de-obra técnico-profissional no Brasil. Paralelo a estas preocupações de ensino básico, Simonsen já introduzira no programa de ensino na



Equipe de futebol do Cerâmica Futebol Clube, campeão brasileiro das indústrias, em maio de 1953. Em pé da esquerda para a direita: Domingos (Mingote), técnico; (?); Bria; Pesqueira; Paulinho; Vado; (?); Sidnei e Geraldo Plates (técnico). Agachados Guedis; Tite; (?); Indico; Belacosa; Demétrios e Maurício

Acervo: Fundação Pró-Memória

Escola de Sociologia e Política de São Paulo cadeiras absolutamente novas

em relação ao ensino superior ministrado, como Organização do Traba-

## Datas históricas da Cerâmica São Caetano

**1912** - Era uma pequena olaria, aproveitando-se da argila taguá existente na área.

**6 de maio de 1913** - Antonio Rodrigues Cajado constituiu a firma Cerâmica Privilegiada do Estado de São Paulo. Privilegiada porque detinha o privilégio (patente) de fabricação de telhas francesas.

**24 de julho de 1919** - João Teles da Silva Lobo e Luiz M. Pinto Queiroz adquiriam os bens da Cerâmica Privilegiada para continuidade das operações da Cerâmica, que, já nessa época tinha o nome fantasia de Cerâmica São Caetano e a razão social de Queiroz e Lobo Ltda.

**12 de fevereiro de 1920** - Admissão de Joaquim José Pereira Braga na sociedade, que passou a chamar-se Queiroz Lobo e Braga Ltda., continuando com o nome fantasia de Cerâmica São Caetano.

**1º de agosto de 1920** - Queiroz Lobo e Braga Ltda. conta também como pequenos acionistas, João de Lacerda Soares e Luiz Nougnes. A partir dessa data passa a chamar-se Cerâmica São Caetano Ltda. como razão social e não como nome fantasia.

**1922** - Medalha de ouro na Exposição Internacional do Centenário do Rio de Janeiro.

**31 de agosto de 1923** - A Companhia Construtora de Santos (fundada em 4 de março de 1912 pelo engenheiro santista Roberto Simonsen) e o engenheiro Armando de Arruda Pereira compram a maior parte das quotas de Queiroz Lobo e Braga Ltda.

**19 de fevereiro de 1924** - O nome oficial da empresa passa a ser Cerâmica São Caetano S/A.

**13 de maio de 1925** - É fundado o Cerâmica Football Club.

**1925** - Medalha de ouro na Exposição Agrícola Industrial do Conforto Msoderno - São Paulo.

**1927** - Vencedora de concorrência pública realizada pelo governo argentino para fornecimento de telhas para cobertura dos quartéis do Exército.

**7 de outubro de 1936** - Instalação do Grupo Escolar Cerâmica São Caetano, estabelecimento de ensino particular da Cerâmica São Caetano, na rua Casemiro de Abreu. Primeira diretora: Lucynia Nogueira Magalhães.

**26 de novembro de 1941** - Visita do presidente Getúlio Vargas. Inauguração da Fábrica de Sílica.

**1954** - Última produção de telhas esmaltadas, fornecidas para a Nova Basílica de Aparecida do Norte.

**1960** - Alvará nº 1 de Brasília - Primeira indústria autorizada a construir filial no Distrito Federal. Os ladrilhos São Caetano são especificadas para obras governamentais em Brasília pelo arquiteto Oscar Niemeyer. O presidente Juscelino Kubitschek em seu livro *Por que Construí Brasília* cita nominalmente os excelentes ladrilhos São Caetano.

**13 de maio de 1973** - Magnesita S/A. compra o controle acionário da Cerâmica São Caetano. Essa aquisição foi de ordem estratégica visando aglomerar forças de produção e capacidade tecnológica para atender o plano siderúrgico nacional que previa para 1980 uma produção de aço de 20 milhões de toneladas.

**13 de maio de 1976** - Para acelerar a expansão e participação no mercado na área de revestimento cerâmico, a Cerâmica São Caetano adquiriu o controle acionário da recém-inaugurada Indústria Cerâmica Suzano S/A., (pertencente à família Nigri) e posteriormente, 1983, a incorpora à Cerâmica São Caetano S/A.

**1978** - Fornece refratários para a coqueria da Açominas e passa a pertencer ao diminuto e sofisticado número de fabricantes mundiais de refratários para coqueria.

**1981** - Fase de modernização de equipamentos e aquisição de prensas de grande porte; Espectrômetro, Rifrátômetro de Raios X. Também importa da Itália o mais moderno forno de morroqueima rápido do mundo para revestimentos cerâmicos.

**1985** - Faz os queimadores cerâmicos para a Companhia Siderúrgica Nacional sendo a única empresa, fora do Japão, que detém esta tecnologia.

lho, Serviços Sociais, Economia do Brasil, e Psicologia do Trabalho. Além da formação de executivos capazes para assumir a direção dos negócios administrativos, públicos e privados, Simonsen preocupava-se para que a instrução se estendesse às largas massas da população, preparando igualmente operários, conhecedores dos seus ofícios, conscientes das responsabilidades no mecanismo de produção, dominando perfeitamente a técnica e as máquinas nas tarefas de que são incumbidas.

**ESPECIALIZAÇÃO** - Daí a fundação do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), organização que se destina a aumentar o número de trabalhadores especializados, e aperfeiçoar os conhecimentos profissionais.

A importância da Cerâmica São Caetano, na vida social, cultural e política de São Caetano desdobrou-se em várias frentes. Em 1928, Roberto Simonsen, junto com Armando de Arruda Pereira, integrou a comissão para tratar da emancipação política de São Caetano (então distrito de São Bernardo). Em 1949, após o plebiscito que deu autonomia a São Caetano do Sul, o prefeito eleito, Angelo Raphael Pellegrino, saiu dos quadros da Cerâmica São Caetano. Na área cultural, a importância do Grupo Escolar, as inicia-



Acervo: Fundação Pró-Memória

Vista aérea da Cerâmica São Caetano em 26 de novembro de 1947

Acervo: Fundação Pró-Memória

Festa de aniversário do 51º ano da Cerâmica São Caetano Futebol Clube realizada em 1976, animada pelo conjunto Os Incríveis. Da esquerda para a direita: Narciso; Roque de Lima [chefe de segurança]; no microfone Mário Celso [presidente]

tivas de lazer e bem-estar patrocinadas pela Cerâmica através do Cerâmica Futebol Clube, e do serviço de Assistência Social marcaram indelevelmente a vida cultural em São Caetano.

Nesta época de globalização da economia, vem-nos à memória uma questão que incomodava Roberto Simonsen: a convivência entre a tecnologia emergente e a vida social dos

operários. Ele queria uma solução para o fato de que quanto mais desenvolvia as máquinas, menos mão-de-obra era necessária, sendo isso responsável pelo aumento do flagelo industrial: o desemprego.

(\*) José Roberto Gianello, é sociólogo e assessor da Divisão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

## Datas históricas do Grupo Escolar Cerâmica São Caetano

Criado em 3 de março de 1936 e instalado quatro dias depois, com o nome de Grupo Escolar Cerâmica São Caetano, a escola funcionava em prédio particular da Cerâmica São Caetano do Sul S/A, à rua Casimiro de Abreu sendo diretora D. Lucynia Nogueira Magalhães.

Em 01 de junho de 1937 mudou-se para à rua Major Carlo Del Prete.

Em 27 de agosto de 1940 foi anexado ao Grupo Escolar Cerâmica São Caetano o 4º Grupo Escolar de São Caetano do Sul.

Em fevereiro de 1941 mudou-se para o prédio da rua Projeta-da, s/nº, construído pela Prefeitura de São Caetano do Sul.

Em dezembro de 1948 passou a se chamar Grupo Escolar

Dr. Roberto Simonsen em homenagem ao Diretor Presidente da Cerâmica São Caetano.

Em setembro de 1949 a escola mudou a sua denominação para Grupo Escolar Senador Roberto Simonsen devido ao fato do patrono ter sido Senador da República de 1946 a 1948 quando faleceu.

Pela resolução SE; 24-E/76, passou finalmente a ser chamado Escola Estadual de Primeiro Grau Senador Roberto Simonsen. Até final de 1976 a escola funcionou no prédio situado à Estrada das Lágrimas, 515, Vila São José. Em 1977 mudou-se para o prédio atual na Estrada das Lágrimas, 1656, Bairro Mauá, contando com 39 classes.

# Pietro Pajetta, um pintor do cotidiano de Vittorio Veneto

Aleksandar JOVANOVIĆ (\*)

**P**ietro Pajetta (pronuncia-se Paietta) nasceu em Serravalle, em 1845, e faleceu em Pádua, em 1911. Pode se afirmar que sua produção artística qualifica-o, sob vários aspectos, como uma espécie de captador da realidade cotidiana de Vittorio Veneto. É claro que sua obra não se resume aos quadros que fixam nuances de uma comunidade rural enraizada nos Alpes italianos, mas essa realidade reflete-se em parte significativa dos trabalhos que deixou. Filho de um pintor que se dedicou bastante à produção de murais, aprendeu com o pai os rudimentos da arte que iria

abraçar. Sem condições de frequentar a Academia de Belas Artes de Veneza, acaba fugindo de casa, em 1862, e aos 17 anos alista-se nas tropas que lutam pela unificação da Itália. Na verdade, decorreriam 21 anos entre o nascimento do pintor e a unificação de Serravalle com Ceneda e a consequente criação da cidade de Vittorio Veneto. Nesse lapso de tempo, boa parte do norte da Itália, sobretudo o Vêneto, faziam parte do império austríaco e, de certo modo, a região estava voltada para a metrópole de língua alemã, Viena.

É interessante notar que Pajetta consegue inscrever-se na Academia de Belas Artes de Bolonha, com o au-

xílio do general Enrico Cialdini, e ali frequenta aulas presumivelmente durante dois anos. Retorna à cidade natal apenas em 1870, casado. Depois, entre os anos de 1878 e 1880 mora em Veneza, voltando a Vittorio Veneto, onde permanece até 1893. Naquele ano muda-se para Pádua, onde permanece até o final da vida.

**OBRAS** - O primeiro quadro conhecido de Pajetta intitula-se *Madonna con il Bambino* (A Madonna com o Menino) e deve ter sido pintado em 1871. Um trabalho significativo chama-se *Paolo, mio padre* (Paolo, meu pai), de 1879, que retrata o pai de Pietro, trabalhando em seu ateliê. Paolo Pajetta também foi um bom pintor. Aca-

Acervo: Museo del Cenedese



*Madonna con il Bambino* (A Madonna com o Menino), óleo sobre tela, de 1871

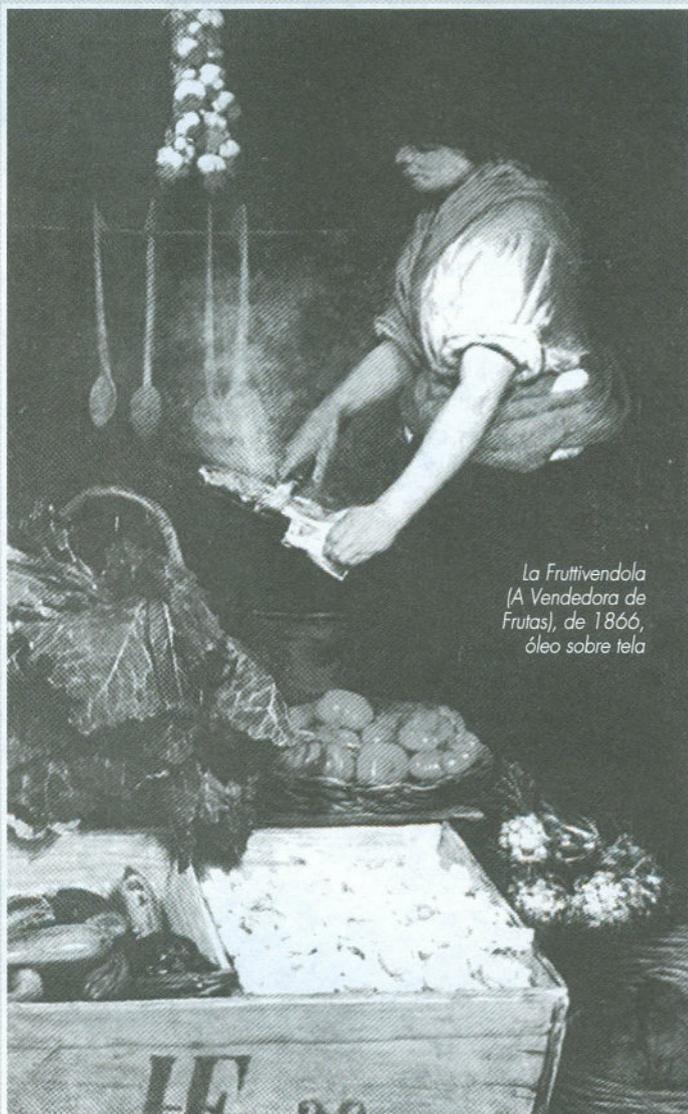
Coleção Elisa Pajetta, Verona



*Paolo, mio padre* (Paolo, meu pai), de 1879



Colloquio  
nella stalla  
(Colóquio  
no estábulo,  
de 1895



La Fruttivendola  
(A Vendedora de  
Frutas), de 1866,  
óleo sobre tela

bou sendo premiado com a medalha de bronze na Exposição Regional do Treviso, em 1872, onde Pietro também se apresentou com três quadros.

O trabalho intitulado *I Cantastorie* (Os cantadores populares de história), de 1880, [capa da revista *Raíces* nº 15] foi produzido pelo artista depois de ter passado dois anos em Veneza. Ali ele captura uma situação típica das comunidades rurais em que a transmissão oral da cultura - recitada ou cantada - sempre desempenhou papel importante, fundamental. Na

verdade, a tela de Pajetta serve como testemunha documental de uma época cujos reflexos já nem mesmo podem ser captados no seio de uma sociedade industrial, urbanizada, e voltada para o consumo e a produção em série. O auto-retrato de Pajetta, que está no *Museo del Cenedese*, em Vittorio Veneto, é uma obra interessante, que mostra o artista fumando cachimbo, numa pose muito natural, numa técnica quase fotográfica.

**BUCOLISMO** - Tudo indica que Pietro Pajetta alimentava predileção especial

pelas paisagens rurais que retratassem a relação do homem do campo com os animais domésticos ou pequenas cenas do cotidiano de uma comunidade encravada sobre o campo. É o caso do *Colloquio nella stalla* (Colóquio no estábulo), de 1895, e de *La famiglia del contadino* (A família do camponês), de 1897. Por isso, boa parte de seus trabalhos tem como marca evidente o prenúncio do verismo, corrente realista italiana [1.]. A sua *Fruttivendola* (A Vendedora de Frutas), de 1866, óleo sobre tela, acaba estu-

dando uma natureza morta sob a perspectiva do jogo de claro-escuro, num trabalho extremamente original.

Já no quadro intitulado *Mercato davanti alla Loggia di Serravalle* (Mercado diante da Loggia de Serravalle), de 1887 [capa desta edição], o protagonista é a própria cidade de Vittorio Veneto, que Pajetta retrata com técnica semifotográfica, com traços marcadamente realistas. O que emerge da tela é um pedaço minúsculo de Serravalle do século XIX, tal e qual devia ser e, neste caso particular, tal e qual os olhos do artista conseguiram enxergar e suas mãos puderam captar através dos pincéis, das formas e das cores. Num primeiro plano, aparece o cavalo branco, cuja cor contrasta com a roupa dos camponeses e com toda a cena restante. Ainda assim, existe uma espécie de comunhão indissolúvel entre pessoas e animais no cotidiano perpetuado pelo pintor.

**TÉCNICAS** - Não são menos interes-

santes, no entanto, o desenho a lápis sobre papel intitulado *Ritratto della Signora Augusta Armellin* (Retrato da senhora Augusta Armellin), o estudo de perfil que Pajetta fez do próprio pai, sob o título de *Mio padre davanti al camino* (Meu pai diante da chaminé), de 1884. Ou o óleo sobre tela *Sul greto* (Na margem arenosa), de 1876; o quadro intitulado *Mia madre* (Minha mãe), ou a sua *Preghiera in San Marco* (A oração em San Marco). Destacam-se, ainda, seu *Ritratto di signora in pelliccia* (Retrato de mulher vestida com peles), *Nell'aria* (Na área), *Intorno do stéle* (A ordenha), *Contadinella con cesto* (Camponesinha com cesto), *Sottoportico a Serravalle* (Pórtico em Serravalle), ou os belos retratos *La Friulanella* (A jovem friulana) ou *L'avvocato Luigi Spagnol* (O advogado Luigi Spagnol) e o quadro a óleo *L'attesa* (A espera), de 1909. E, claro, o seu autorretrato, com chapéu, óculos e o cachimbo que pende dos lábios.

## Notas

[1.] O verismo (termo cuja etimologia deve ser encontrada nas palavras italianas *vero*, *verità*, *verdade*) foi uma corrente artística da segunda metade do século passado que, de certo modo, transmite a versão italiana do naturalismo-realismo. Seus modelos foram os escritores franceses Émile Zola (1840-1902) e Honoré de Balzac (1799-1850) e os iniciadores dessa corrente, na Literatura italiana do século XIX, foram os escritores Luigi Capuana (1839-1915) e Giovanni Verga (1840-1922). A exemplo de toda a corrente realista-naturalista do século passado, o verismo apregoava a necessidade de a Arte espelhar a realidade da vida, sobretudo o cotidiano das classes sociais menos favorecidas, sem adornos e com um descritivismo pormenorizado. Rompia-se, assim, um cânone tradicional da Literatura, segundo o qual, desde a Antiguidade clássica, os heróis, basicamente, deveriam pertencer às classes privilegiadas da sociedade. Na música, o verismo pode ser encontrado nas óperas de Pietro Mascagni (1863-1948), Ruggiero Leoncavallo (1858-1919), Giacomo Puccini (1858-1924) e Umberto Giordano (1867-1948). É nesse contexto que a obra plástica de Pajetta deve ser enquadrada.

(\*) Aleksandar Jovanovic, professor da Universidade de São Paulo, doutor em Linguística, jornalista, é presidente da Fundação Pró-Memória

Coleção: Luciano Franchi, Meduna di Livenza



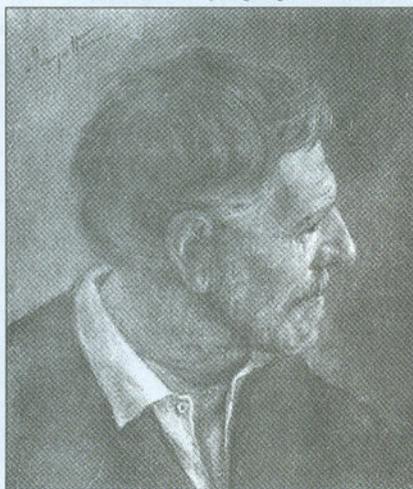
La famiglia del contadino (A família do camponês), de 1897

Coleção: Luciano Franchi, Meduna di Livenza



Ritratto di signora in pelliccia (Retrato de mulher vestida com peles), óleo sobre tela

Coleção Ugo Faganello, Vittorio Veneto



Mio padre davanti al camino (meu pai diante da chaminé), de 1884

Coleção: Giacomo Rova, Vittorio Veneto



Ritratto della Signora Augusta Armetim (Retrato da senhora Augusta Armetim), lápis sobre papel

Coleção: Elisa Pajetta, Verona



Mia madre (minha mãe), óleo sobre tela

Coleção: Ugo Faganello, Vittorio Veneto



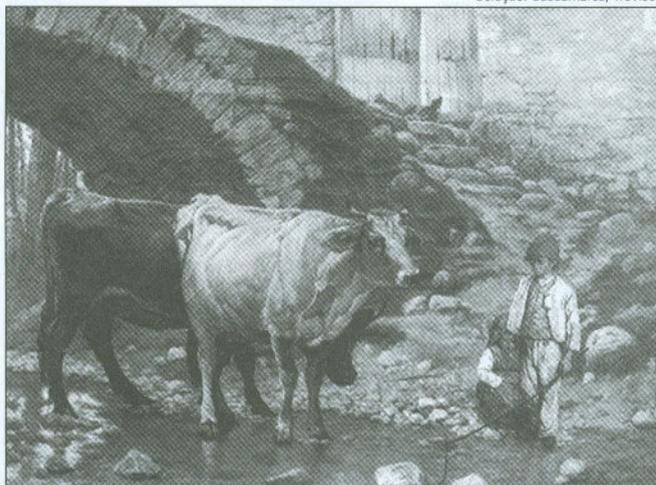
Pregghiera in San Marco (A oração em San Marco), óleo sobre a tela

Coleção: Elisa Pajetta, Verona



Autoritratto. (Auto-retrato) Óleo sobre tela 60x40

Coleção: Cassamarca, Treviso



Sul greto (Na margem arenosa), de 1876

Coleção: Luciano Franchi, Meduna di Kivenza



Nell' aia (Na área)

# Os diversos fatores que motivaram a imigração italiana

Claudinei RUFINI (\*)

**T**al qual aves de arribação, eles partiam todo ano para *fare la stagione*; migravam em busca da sobrevivência nos campos, na época da colheita. Estavam também presentes nas minas de carvão, de enxofre e de cobre de toda a Europa. Apareciam nas salinas e nas construções de estradas, túneis, represas, ferrovias e cidades inteiras. Depois, começaram aparecer, também, no outro lado do Atlântico; primeiro, em pequenos grupos, isoladamente; depois, às centenas, milhares, milhões. Partiam à procura da esperança, do sonho.

O que teria levado tantas pessoas a abandonar toda uma secular relação familiar e territorial?

Quando buscamos nossas raízes, somos assaltados pela curiosidade:

como viviam nossos antepassados, o que faziam e porque emigraram, são questões que sempre vêm à tona. Não raras vezes, são séculos de História que vão se esvaindo de nossas mentes, perdidas nos poucos vestígios de informação que chegaram às nossas mãos.

É uma viagem pelo tempo, buscando os elos escondidos, ou esquecidos, de uma cadeia que nos leva à descoberta de nossas raízes, da incessante procura de nossas origens. Por vezes, somos tentados a usar a imaginação para entender ou justificar coisas que aconteceram, que, não raro, acaba por fantasiar a realidade, escrevendo uma História que não aconteceu, senão em nossas palavras. Isto se dá, principalmente, quando os fatos que buscamos estão cada vez mais distantes no tempo.

A História da imigração italiana é

considerada, ainda hoje, uma página vergonhosa para muitos historiadores e pesquisadores italianos; poucos estudos foram realizados sobre o assunto, a maioria, nas últimas décadas. É mais fácil encontrar análises sobre as causas e conseqüências do processo migratório, nos países que acolheram os imigrantes, inclusive no Brasil.

A imigração sempre esteve presente na vida italiana. Primeiro, foram os artistas, arquitetos e navegadores, espalhando pela Europa os novos saberes do Renascimento. Depois, os camponeses, privados da terra, acoçados pela fome e pela miséria, movidos pela desigualdade imperante de uma sociedade feudal que teimava em resistir às mudanças que transcorriam pelo continente, graças a uma aliança estratégica entre a Igreja e o já decadente reino espanhol, na luta contra as idéias reformistas de Calvino e Lutero, no século XVI. A Contra-Reforma e a Inquisição, continuariam a influenciar a vida do povo e a política, por mais de duzentos anos. Em toda a Península, só havia lugar para senhores e servos (1).

**DESIGUALDADE** - No século XIX, a Itália estava dividida em pequenos reinos regionais, muito desiguais econômica e politicamente. Os reinos do Norte eram mais desenvolvidos, apresentando melhores condições econômicas e sociais, influenciados pelas transformações políticas nos países vizinhos, estimuladas pela Revolução Francesa. Também cuidavam de suas estradas e da educação de uma parcela da população - as classes dirigentes e a pequena burguesia - mantendo um intercâmbio comercial permanente com os grandes centros econômicos continentais.

Acervo: Fundação Pró-Memória



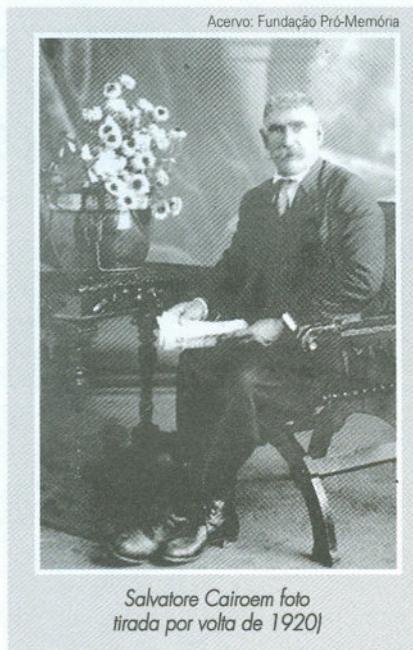
Angela Dalcin Martorelli, pioneira de 1877, perdeu o pai e o avô em conflitos provocados pela invasão austríaca na região do Vêneto (foto da década de 20)

A indústria já dera, ali, seus primeiros passos (2).

Neste mesmo tempo, os reinos do Sul ainda estavam submetidos a um rígido regime feudal. Não haviam estradas, nem escolas, onde os camponeses ainda eram submetidos pelos senhores, à cobrança de direitos: direito de proteção, direito de missa, direito da primeira noite (o senhor cobrava uma quantia em dinheiro dos noivos para que ele, usando de seus poderes, não passasse a noite de núpcias com as noivas). Esses reinos viviam exclusivamente da agricultura; as indústrias praticamente não existiam (3).

É nesse quadro que acontece, em 1860, a Unificação italiana. Mas, ao invés de acabar com as desigualdades, agravou-as ainda mais. Cada reino tinha seu próprio equilíbrio econômico, dependente das regiões vizinhas. Os políticos do Norte impuseram seu governo, submetendo os interesses populares aos interesses dos grandes proprietários de terras e das novas classes dirigentes emergentes (4). A Unificação rompeu os pequenos mercados regionais, criando um mercado único, aberto à concorrência internacional.

Nesta época, toda a Europa estava envolvida por um movimento migratório sem precedentes, que levaria,



Salvatore Cairo em foto tirada por volta de 1920)

ao final do século, 60 milhões de pessoas, de todas as nacionalidades, para as Américas e Austrália. Esta movimentação humana era causada por quatro grandes fatores:

a) O aumento brutal da população do continente. Em um século, a população européia passaria de 147 milhões para mais de 400 milhões de habitantes.

b) Falta de terras. Com o fim dos regimes absolutistas e o surgimento dos Estados nacionais, surgiu um novo conceito de propriedade, a propriedade privada, acabando com as

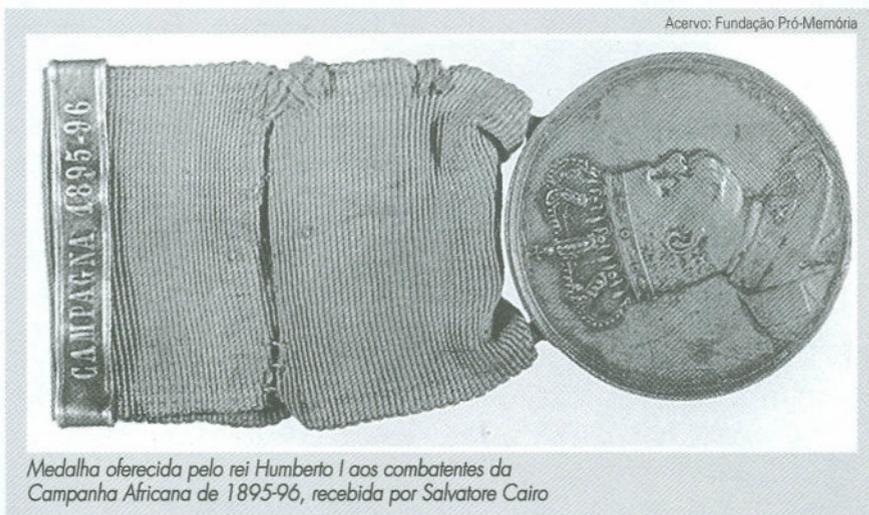
terras comuns, pertencentes à Igreja e às comunidades municipais, utilizadas até então pelos camponeses.

c) A industrialização. Com a Revolução Industrial nasce um novo conceito de cidade e novas relações sociais, patrocinadas pelo emprego de novos maquinários e pelo estabelecimento de novas relações econômicas.

d) A crise do campo. Com a nova ordem estabelecida, mudam também as velhas sociedades rurais, absorvidas pela nova organização agrícola, voltada para enfrentar a concorrência internacional.

**CONTRASTE** - Para o Governo, a imigração era um importante instrumento de controle social. Apesar do relativo progresso do continente, a Itália ainda era um país atrasado economicamente, dividido, repleto de contrastes e pobreza. Para o Estado, a imigração era uma boa solução para enfrentar a insatisfação popular e a desordem social, com sublevações e revoltas estourando em todas as regiões, no campo e nas cidades, principalmente no Sul, onde o jovem Governo teve de enfrentar e derrotar o *brigantaggio*, entre 1860 e 1865. Este movimento armado pode ser comparado ao cangaço, que dominou o nordeste brasileiro nas primeiras décadas do século XX. Os *brigantti* formavam grupos armados que assaltavam e saqueavam as propriedades; muitas vezes dividiam o fruto de sua ação com os camponeses miseráveis e famintos. Eram, basicamente, ex-soldados que lutaram pela Unificação, desmobilizados após a vitória do movimento, e abandonados à própria sorte, sem emprego ou terra para cultivar; haviam, também, camponeses sem terra, nem condições de subsistência. Para o governo, eram bandidos; para o povo humilde, eram heróis (6).

Na falta de solução para resolver os problemas internos, o Governo



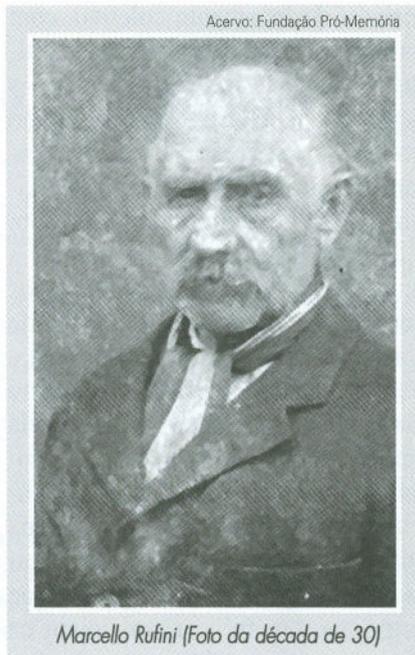
Medalha oferecida pelo rei Humberto I aos combatentes da Campanha Africana de 1895-96, recebida por Salvatore Cairo

italiano procurou desfazer-se dos opositores e dos descontentes, enviando-os para os países que estavam à procura de mão-de-obra. O próprio Estado Pontifício, o Vaticano, mandou para a Bahia, em 1831, 62 presos políticos com suas famílias e mais alguns voluntários, num total de 137 pessoas (7).

**DÉFICIT** - Apesar de contar com uma grande parcela da população vivendo em estado de miséria absoluta, o Estado italiano transformou-se num enorme gastador de recursos públicos, provocando um forte déficit no orçamento sem, no entanto, realizar as reformas sociais necessárias para melhorar a vida de sua população. *“Silenciosamente, os latifundiários perdiam o seu poder para os senhores das finanças e da indústria... O Sul começa a apresentar os primeiros sinais de sua condenação. A grande imigração italiana encontra aqui o seu principal caldo de cultura. O protesto público dos camponeses logo se transformará num rio tumultuoso, formado por contingentes de camponeses expulsos de suas terras porque, na Península, são os grandes donos de capital e os industriais que traçam os rumos do país, e o Governo é incapaz de impor-se a eles. É apenas o Governo da Burguesia, ainda que dividida; não é o Governo de todo o povo”*. (8)

Com uma política econômica que privilegiava apenas uma parte da população; e algumas regiões em detrimento das demais, o Governo destinava a maior parte do orçamento para o pagamento de débitos (44%) e para a manutenção das Forças Armadas (37%). O restante (19%), era destinado para o pagamento do funcionalismo, para a construção e manutenção de estradas, ferrovias, escolas e hospitais, além do pagamento de outras obrigações como pensões e assistência social (9).

**REPRESSÃO** - Apesar de pobre,



cheia de dívidas e com uma frágil estrutura político-econômica, a Itália mantinha um dos maiores exércitos da época, com 430 mil soldados, maior até do que o exército britânico, a maior potência da época (10). Essa força era empregada, normalmente, na repressão aos levantes populares que, não poucas vezes, terminaram em banhos de sangue. Foi o Exército que garantiu o sonho de construção da Grande Itália, com a invasão da Eritreia, na Abissínia (atual Etiópia), no norte da África, seguindo as normas da política expansionista das grandes potências da época.

Mas, diferentemente dessas potências, nenhum dos seguidos chefes-de-governo italianos desenvolveu um programa internacional de amparo e assistência aos seus imigrantes; tampouco procurou estabelecer relações comerciais com os países que os recebiam, transformando a imigração numa ponte para o estabelecimento de intercâmbio econômico. Para o Governo italiano, a imigração representava apenas um interesse econômico, já que a prosperidade interna dependia das remessas de dinheiro que os imigrantes enviavam para suas famí-

lias, impedidas de deixar o país (11).

A imigração também era um excelente negócio para os armadores italianos, companhias de navegação e recrutadores de mão-de-obra, que montaram um verdadeiro comércio de pessoas, tratadas como se fossem animais e vítimas constantes de golpistas e estelionatários de toda espécie. Não raro, a longa travessia do Atlântico terminava em verdadeiras tragédias, com a morte de dezenas de pessoas, vitimadas pela fome, doenças ou descaso da tripulação. O Governo assistia a tudo impassível e, ao invés de tentar melhorar a situação dos que partiam, chegou ao ponto de aumentar as taxas para expedição de passaporte e liberação de partida. Os imigrantes não recebiam nenhum tipo de assistência nem antes de partirem, nem depois de desembarcarem na nova terra.

**SONHO** - Enquanto os governantes submetiam o Estado aos interesses das classes patronais, o povo italiano era esquecido, explorado, massacrado e abandonado. Porém, a imigração já era uma realidade concreta para centenas de milhares de italianos, que já haviam constituído pequenas comunidades no Brasil, Argentina, Uruguai e em outros países, mediante a assinatura de acordos para a transferência de transferência de mão-de-obra e colonização, estabelecidos entre esses países e os antigos reinos italianos (12).

A repressão institucionalizada e os seguidos erros dos dirigentes italianos, contribuíram para aumentar a fome e a miséria do campo e das cidades. A insatisfação popular era temida pelos governantes, mas estes se omitiam em relação às desigualdades sociais e, ainda, criavam novas e explosivas situações:

a) Aumentaram excessivamente os impostos, transformando-os nos mais altos da Europa; criou novas taxas, eliminando qualquer possibilida-

de de economia das classes mais pobres, excluídas até do consumo básico, tornando sua vida insuportável.

b) A agricultura enfrentava sucessivas crises, provocadas pela concorrência internacional; ao invés de apoio, os agricultores, sobretudo os pequenos, são condenadas a uma difícil sobrevivência.

c) Os poucos recursos disponíveis não são destinados para a melhoria das condições do país, mas para os empreendimentos coloniais e para o Exército.

d) A América continuava à procura de mão-de-obra, acendendo os sonhos e esperança de uma vida digna (13).

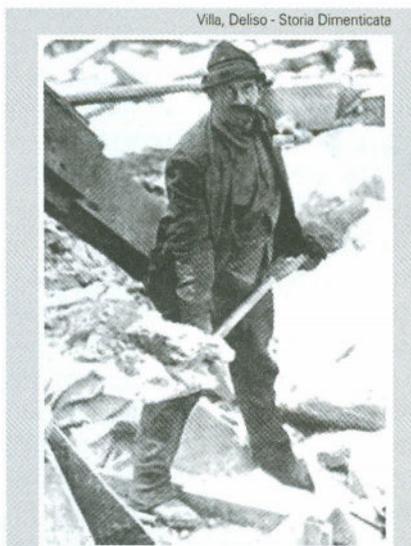
Expulsos da própria terra, os imigrantes partiam sem saber o próprio destino; *sarà quel che sarà*, diziam. Estavam excluídos da sociedade e da cidadania: “...Plantamos e ceifamos o trigo, mas não provamos pão branco. Cultivamos a videira, mas não bebemos vinho. Criamos os animais, mas não comemos carne. Estamos vestidos de farrapos ... Mas é uma Pátria a terra em que não se consegue viver do próprio trabalho?” (14)

O quadro, na região do Veneto, não era diferente. A pequena propriedade rural já não assegurava o necessário para a sobrevivência; a atividade agrícola em baixa e os altos impostos, mergulharam a região numa profunda crise econômica (15), provocando um êxodo de proporções jamais vistas. No período entre 1876 e 1900, 814 mil italianos partiram para o exterior; destes, 325 mil eram originários do Veneto. É a fome que expulsava os camponeses vênnetos de suas terras férteis e produtivas, como também expulsava os camponeses da Sicília, da Calábria, da Basilicata, e de todo o Sul, com suas terras áridas e atormentadas pela revolta (16).

**PECULIARIEDADE** - A imigração vêneta apresentava, também, uma característica que a diferenciava das de-

mais: o deslocamento coletivo, com os grupos formados nas próprias aldeias, enquanto nas outras regiões, o deslocamento era individual. O grupo dos pioneiros imigrantes que chegaram ao Núcleo Colonial de São Caetano, em 1877, é um exemplo disso. Eles preocupavam-se em manter a unidade do grupo (17), lembrando dos conselhos e orientações do pároco de Capella Maggiore nesse sentido (18).

A atuação dos padres no Veneto também era diferente. A influência da Igreja Católica era forte na região, sobretudo entre os camponeses. A religião era a força que os animava na superação das dificuldades. Por outro lado, eram geralmente os padres que arregimentavam e organizavam os grupos para a partida, acompanhando-os até o embarque. “A partida é vista como um acontecimento doloroso, mas necessário. Rompe com uma situação de miséria, abrindo uma porta à esperança. Por isso, às vezes, centenas de pessoas se deslocam juntas, lentamente, ao som dos sinos, como nas grandes festas, e, à frente da procissão, vai um grande crucifixo, ou o estandarte de um santo, que os



Sem estudos ou qualificação profissional, os imigrantes italianos eram largamente empregados na construção civil.

imigrantes levarão consigo para a nova pátria” (19).

Chegados ao Brasil, os imigrantes vênnetos continuaram dando muita importância à assistência espiritual (20). Além disso, mantinham um grande espírito coletivo, unindo-os em todas as localidades onde estabeleceram-se, no Rio Grande do Sul, no Paraná, em São Paulo, em Minas Gerais e no Espírito Santo. Quase todos falavam o mesmo dialeto; estavam iguados em suas esperanças; entre eles não havia mais senhores, nem servos miseráveis; haviam todos partido pobres; haviam, todos, possuído seu pedaço da mesma terra. E lutavam todos pela mesma conquista (21). Puderam, assim, manter uma identidade comum, com seu sonhos, suas crenças e tradições (22).

#### Referências Bibliográficas

- [1] **Villa**, Deliso - *Storia Dimenticata*. F. Meneghini, Thiene, 1995, p. 37
- [2] **Ianni**, Constantino - **Homens sem Paz**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1972, 2ª ed.
- [3] **Villa**, Deliso - op. cit, p. 25
- [4] **Ianni**, Constantino - op. cit.
- [5] **Villa**, Deliso - op. cit.
- [6] **Villa**, Deliso - op. cit.
- [7] **Ianni**, Constantino - op. cit. p.77
- [8] **Villa**, Deliso - op. cit, p.68
- [9] **Villa**, Deliso - op. cit, p.174
- [10] **Villa**, Deliso - op. cit
- [11] **Ianni**, Constantino - op. cit, p.16
- [12] **Ianni**, Constantino - op. cit, p.89
- [13] **Villa**, Deliso - op. cit, p.170
- [14] **Ianni**, Constantino - op. cit, p.89
- [15] **Alvim**, Zuleika - *Brava Gente!*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986
- [16] **Villa**, Deliso - op. cit, p.94
- [17] **Ianni**, Constantino - op. cit.
- [18] **Cairo**, Esperança Martorelli e Rufini, Claudinei - *Bravas Mulheres*. in *Raízes* nº 4, janeiro de 1991
- [19] **Villa**, Deliso - op. cit, p.79
- [20] **Alvim**, Zuleika - op. cit.
- [21] **Villa**, Deliso - op. cit, p.154
- [22] **Rufini**, Claudinei - *Raízes* na Aldeia. In *Raízes* nº 2, dezembro de 1989

(\*) Claudinei Rufini é jornalista e secretário executivo da Fundação Pró-Memória.

# Uma história comum a duas famílias

Salvatore Cairo nasceu em 1873, em San Marco D'Argentino, na Calábria. Marcello Ruffini, nasceu num povoado nos arredores de Rovigo, no Veneto, em 1875. Em 1895 prestavam o serviço militar obrigatório, servindo nas tropas de ocupação enviadas para a Abissínia, na tentativa de estabelecer ali uma colônia, e se auto-afirmar frente às grandes potências do seu tempo, que partilhavam o território africano. Como já foi visto, esta aventura consumia quase metade das verbas do orçamento.

Segundo Deliso Villa, naquele ano, o Governo Crispi estava às voltas com um escândalo financeiro, e para recuperar o prestígio perdido, empenhou-se em consolidar a ocupação, mandando as tropas para acabar com a resistência local. Curiosamente, Giulitti, chefe-de-governo anterior, contrário ao programa colonial, firmara um acordo com Menelik, o soberano abissíneo, na esperança de que ele aceitasse o protetorado italiano, fornecendo-lhe ajuda militar.

As tropas dirigiram-se, então, para o interior da Eritreia, e o que se viu, foi uma mistura de incompetência e heroísmo. Dirigindo-se para a localidade de Amba Alagi, um destacamento de 3 mil soldados esperava a resistência de 30 a 40 mil guerreiros armados unicamente de lanças; encontraram 100 mil guerreiros, armados com fuzis e munição italianos, ocupando as posições estratégicas do local. Rapidamente foram cercados e massacrados; somente 300 conseguiram sobreviver.

A notícia do fato provocou vários protestos na Itália e no exterior, onde estavam os imigrantes, num misto de tristeza pelos mortos, e orgulho pelo heroísmo com que se comportaram. A ordem foi para um contra-ataque imediato. Uma coluna com cerca de 16 mil soldados foi posta em marcha. Depois de uma longa caminhada que durou a noite toda, chegaram cansados e assonados ao vale de Ádua.

Aquilo que aconteceu ali, jamais seria esquecido por aqueles dois rapazes. Os oficiais menosprezaram o poder dos adversários, enquanto os soldados ainda esperavam encontrar um bando de homens vestidos de tanga e armados de lanças. Os abissínios os aguardavam, estrategicamente colocados no alto do desfiladeiro; os cercaram e atacaram, primeiro, com uma chuva de grandes pedras; depois, com o fogo dos fuzis e, por fim, com as baionetas. Foi outro massacre.

Marcello era artilheiro, e contava que eles não conseguiam apontar seus canhões contra as posições inimigas, pois estavam muito altas, fora do ângulo de tiro. O confronto durou horas. As linhas italianas foram quebradas e os grupos se dispersaram; quem não conseguiu fugir acabou tombando nas baionetas. Foram quase 7 mil mortos, um número maior do que todas as baixas sofridas nas batalhas pela Reunificação.

Salvatore conseguiu fugir, furando o cerco com alguns companheiros. Marcello escapou da morte, escondendo-se debaixo dos corpos dos companheiros mortos, na investida dos abissínios com as baionetas caladas. Mesmo assim, recebeu um corte entre o queixo e o pescoço, quando uma lâmina atravessou um dos corpos que o cobriam. Muitos foram capturados. Na fuga, os sobreviventes deixaram tudo para trás. Dispersos e escondendo-se, levaram uma semana para alcançar a cidade mais próxima, bebendo a própria urina, quando não havia água, e comendo capim, quando encontravam.

Na volta à Itália, foram condecorados pelo rei Humberto I. Os prisioneiros seriam resgatados algum tempo depois, mediante o pagamento de uma quantia em dinheiro. Depois da baixa, voltaram para suas cidades de origem, onde voltaram à atividade agrícola.

As duas famílias viriam se encontrar, meio século depois, em São Caetano. Salvatore veio para o Brasil em 1912, deixando na Itália a mulher, Maria Tereza, e três filhos pequenos - Adelina, Domingos e José Angelo. Chegou aqui tão revoltado com seu país, que rasgou e queimou todos os documentos pouco depois de estabelecido, a única coisa que conservou foi sua medalha. Trabalhou na abertura das ruas do Cambucí durante um ano, quando foi convidado pelo engenheiro Francisco Canger, para comandar, de empreitada, a abertura de ruas para o loteamento de uma chácara de sua propriedade, localizada nas proximidades de São Caetano. Deste loteamento nasceu a Vila Bela, para onde trouxe a família em 1913, e onde nasceu Maria, sua filha mais nova.

Nos anos 20, comandou um grupo de operários na abertura das ruas para o loteamento da chácara de propriedade do médico Vicente Giacaglini, que daria origem à Vila Alpina. Em meados dos anos 30, ficou completamente cego, vindo a falecer em 1949, na mesma Vila Bela que ajudara a construir.

Marcello Ruffini continuou vivendo as angústias e dificuldades nos campos de Rovigo, enfrentando novamente os horrores da guerra, com os combates contra a ocupação austríaca que aconteciam a poucos quilômetros dali, no vale do rio Piave. Veio para o Brasil em 1926, junto com a mulher, Ermenegilda, e os filhos Adelmo, Haroldo e Giuseppe, indo trabalhar na lavoura de café na fazenda Alegria, em Franca. Ali ficou até 1937, quando veio trabalhar nas Indústrias Matarazzo, com o filho Adelmo, estabelecendo-se na Vila Bela, falecendo em 1949.

Os dois morreram próximos, no tempo e na distância. Não sabiam dessa história comum, transcorrida havia mais de cinquenta anos. A descoberta foi feita depois que seus netos, Cleusa T. Cairo e Foster Ruffini, começaram a namorar no final daquele mesmo ano.

# O Tiro de Guerra de São Caetano do Sul

José Claudino LUCCA(\*)

O Tiro de Guerra de São Caetano do Sul foi criado a 8 de maio de 1951. Até o ano de 1950, os jovens em idade militar que residiam em São Caetano faziam seu alistamento na Prefeitura, mas eram selecionados em São Paulo e quando aptos serviam nas unidades da capital. Isso acarretava sérios transtornos na vida dos jovens, das famílias e da cidade, pois na tropa o soldado serve em período integral.

Havia sempre uma complicação nas atividades estudantis e aquele ano quase sempre era perdido. No campo do trabalho era ainda pior, pois as empresas não contratavam quem não estivesse quite com suas obrigações militares, o que inviabilizava um primeiro emprego, antes dos 20 anos.

Nessa época, o prefeito era .Angelo Raphael Pellegrino que, sensibilizado com os problemas da cidade conseguiu junto ao então Ministério da Guerra a criação do novo Tiro de Guerra. Sua sede foi improvisada num galpão na Rua Roberto Simonsen e pela Portaria Ministerial nº 110/51 recebeu o nº 02/277 ( o 02 por ser do II Exército e o 277 porque já havia outros 276 no território nacional.

Como era tradição, o prefeito municipal foi empossado Diretor. O Exército mandou o instrutor - 2º Tenente Antonio Rennó Ribeiro. Foram matriculados 67 atiradores convocados da classe de 32 e suas atividades tiveram início em 20 de novembro de 1951.

Posteriormente, o Tiro de Guerra foi transferido para um antigo cinema no nº 96 da Rua Maranhão. Outra vez



numa sede improvisada. Há que se ressaltar que as instalações do Tiro de Guerra são todas da Prefeitura Municipal. A sede, o imobiliário, as contas de luz, água, telefone, o material de expediente, os auxiliares administrativos, etc... O Ministério do Exército entra somente com os instrumentos, o armamento e a munição para os exercícios e treinamentos e agora, com o fardamento dos soldados. Durante alguns anos os atiradores matriculados tinham de adquirir seus próprios uni-

formes o que causava uma despesa que para alguns era onerosa. Sempre utilizamos o Estande de Tiro de São Bernardo do Campo, uma vez que não possuímos terreno disponível para tal.

É de extrema importância a participação da municipalidade na vida do Tiro de Guerra. Historicamente essa participação foi mínima por parte da administração pública. Durante muitos anos a nossa sede foi a pior do ABC. São Bernardo com instalações suntuosas, com funcionários, com salas de aula, com pátios de ordem unida, até com campo de futebol. Santo André com a mais moderna de todas do Estado de São Paulo, e São Caetano com 400 matriculados, sem uma sala de aula decente, tendo que fazer treinamentos de ordem unida na rua, sem um auxiliar sequer. A Prefeitura sempre alegando que não tinha recurso. Para uma sede nova, nem pensar. Não havia terreno.

Para trabalhos administrativos fazia-se necessária a colaboração de atiradores que se dispunham a ajudar. Formávamos duas turmas por ano, num total de 800 homens. As precárias condições de trabalho, porém,



nunca foram argumentos para uma apresentação diferenciada dos Tiros de Guerra irmãos. Pelo contrário. Nos exames finais, fomos muitas vezes citados como exemplo. Nas comemorações de 7 de setembro, desfilávamos em São Paulo formando um grupo do ABC onde representamos sempre todos os Tiros de Guerra. Sempre com louvor. Tudo isso, graças ao esforço dos seus instrutores e a qualidade dos soldados, filhos de São Caetano do Sul, naturais ou adotados.

Nos anos 70, São Caetano promoveu a 1ª Olimpíada do Atirador. Depois a 2ª, a 3ª e a 4, onde todos os Tiros de Guerra da 2ª Região Militar puderam participar. A competição foi dividida por zonas dentro do Estado. Após as eliminatórias regionais, os melhores atletas competiram em São Caetano do Sul. A final de futebol foi no campo do Palmeiras, no Parque Antártica, tal o vulto que a competição estava adquirindo. Ocorre que o período de instrução era de seis meses e outros TG reclamaram o acúmulo de trabalho e solicitaram a chefia no Quartel General que não autorizasse a continuação das Olimpíadas. Foi uma pena.

A localização do Tiro de Guerra na Rua Maranhão, uma área quase central da cidade, atrapalhava o trânsito, perturbava os vizinhos com ruídos à noite ou de madrugada e não permitia o desenvolvimento total das atividades. Havia uma aspiração antiga de todos em se conseguir uma sede nova e mais ampla. Inúmeras alternativas foram estudadas e, dentre elas, a que a Prefeitura trocava um terreno que já pertencia à Associação dos Servidores Municipais com a sede na Rua Maranhão e trocava novamente o terreno com outro pertencente ao clube Águias de Nova Gerti. Tudo acertado, menos o dinheiro para a construção da nova sede. E o tempo ia passando. Não se melhorava a sede



Acervo: José Claudino Lucca

*Equipe de Instrutores dos anos 80, da esquerda para direita: Sargento Campos, Sargento Fradique, Sargento Vilas Boas, Sargento Lucca e Sargento Iwano*

antiga, porque seria construída a nova e não se construída a nova.

Então assumiu a Prefeitura o dr. Luiz Olinto Tortorello e com dinamismo e o arrojo que lhe é peculiar procurou informar-se era possível o novo prédio ser instalado dentro de um parque municipal. Era. Convidou os instrutores da época (já era o Tiro de Guerra 02/069, havia mudado o número) para que informassem ao arquiteto qual seria o Tiro de Guerra ideal. A sede mais prática e funcional. As necessidades operacionais compatíveis com o terreno para uma construção moderna. Passados esses detalhes, e em tempo recorde, foi elaborado o projeto, aprovado, construído e inaugurado o mais novo, o mais moderno, mais prático e funcional Tiro de Guerra de todo o Estado de São Paulo. O TG 02/069 São Caetano do Sul. Afora isso, conseguiu-se a diminuição do efetivo e com a volta para o período de instrução de um ano, a seleção para os novos conscritos pode ser melhorada. Hoje a cidade pode orgulhar-se de que os melhores homens em idade de serviço militar é que são matriculados. Pode orgulhar-se também que a Prefeitura oferece todo o apoio e é citada como exemplo para as outras cidades. Afluência de público que comparece às solenidades é cada vez maior, prova de que a comunidade apoia o esforço da administração pública, está

atenta e participa. E sabe que o Tiro de Guerra é uma escola de moral e civismo. É um órgão de formação de munícipes conscientes e preocupados com sua idade, sua comunidade, seu estado e seu país. Usar uniforme, para os jovens, é sempre um motivo de orgulho. O serviço militar só traz benefícios para o homem e o Exército é um constante fator de integração nacional.

O novo TG tem sua sede à Avenida Fernando Simonsen, 160 - Cerâmica (anexo ao Parque Chico Mendes). Foi inaugurado em 8 de maio de 1990. O instrutor-chefe na época era o sub-tenente Alfrio França Vilas Boas, e o atual diretor e que foi seu fundador é o dr. Luiz Olinto Tortorello - prefeito municipal. Formou em 1997, 140 atiradores. O chefe de instrução é o sargento Paulo Alves de Castro e tem ainda com instrutor o sargento Jocimar França Rodrigues.

Hoje podemos dizer com orgulho que temos um Tiro de Guerra à altura de São Caetano do Sul e os nossos jovens não precisam fazer o seu serviço militar fora da cidade em que vivem.

*(\*) José Claudino Lucca, é Capitão R/1 do Exército. Serviu como instrutor de TG em São Caetano do Sul de 1972 a 1984 (26 turmas e mais de 10 mil atiradores). É também membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, onde ocupa a cadeira 38; professor do IMES na cadeira de Estudos de Problemas Brasileiros.*

# Crescimento do Município é resultado de longa marcha através da História

(\*) Arnaldo TREBILCOCK

Como e quando nasceu São Caetano? Não grifamos o sufixo *do Sul*, pois este foi imposto quando o Município já era adulto e em pleno gozo de seu sucesso! Então: como e quando nasceu São Caetano? Se interpretarmos nascimento como ver a luz, viver para o mundo, diríamos então que São Caetano como entidade autônoma tem pouco menos de 50 anos; se fosse um indivíduo diríamos que conquistou a maioridade já cinquentão.

Mas dizem os arquivos confiáveis da cidade, São Caetano celebra

atualmente 120 anos e tem como referência o início do que se convencionou chamar colonização, com a chegada e início de atividades produtivas das primeiras famílias de venetos que foram assentados em lotes do que era então a Fazenda São Caetano.

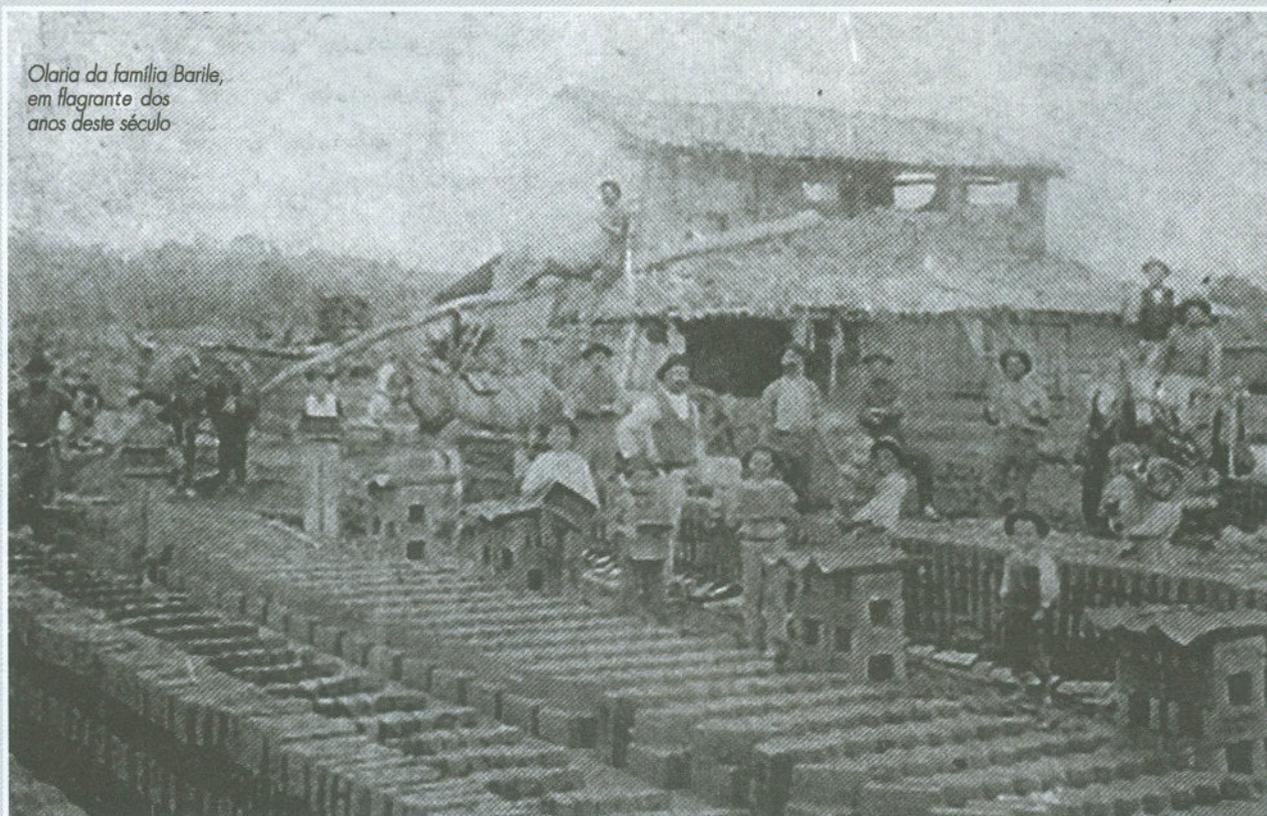
Aí está o que podemos chamar de início de vida de um município, ou o que poderíamos alcunhar de vida própria, útil, produtiva e sadia. Diríamos porém que a terra, pertencente hoje ao Município de São Caetano do Sul, conheceu a luz da produtividade muito antes, a partir de mil e quinhentos e alguma coisa.

Era então um vago torrão de

uma nebulosa vila fundada por João Ramalho, posteriormente abandonada e destruída em 1560. Em 1631 um certo capitão - devia ser então o *dono do pedaço* - deu de presente aos padres beneditinos as terras do Tijucuçu. Anos depois novas terras adjacentes foram doadas aos mesmos padres que fundaram a Fazenda São Caetano, onde formaram pequenas plantações de hortaliças e capins. Embora fazenda significasse então, como ainda hoje, terras destinadas à aragem, plantações, agricultura e criação, os padres tiveram ali como atividade principal o fabrico de telhas, tijolos e lajotas. Provavelmente foi a São Caetano a

Acervo: Fundação Pró-Memória

Olaria da família Barile, em flagrante dos anos deste século



primeira fazenda a prioritariamente albergar indústrias.

Viveu assim a gleba São Caetano a vida bucólica colonial e imperial com toda tranquilidade e modorra, apanágio dos beneditinos, curadores das almas de gentios ou lusos, dentro da filosofia da Igreja permeada da profecia de Vaz Caminha... *“a terra é dadivosa e boa e, em se lhe plantando, tudo dá”*. Arautos desta filosofia os padres usaram a terra para sua pioneira indústria...do barro.

Repentinamente, logo após 1868, a fazenda São Caetano explodiu para a vida agitada e álcere, por dois acontecimentos de suma importância: a construção da ferrovia dos ingleses - a São Paulo Railway ou simplesmente SPR. - e a compra pelo governo imperial das terras de São Caetano.

Em janeiro de 1877 floresceu o primeiro núcleo agrícola com o assentamento das primeiras famílias de imigrantes, todos Venetos de boa cepa.

Aparentemente as terras de São Caetano deveriam ter um futuro eminentemente agrícola, pois os primeiros núcleos entregues aos imigrantes tinham a finalidade de minimizar o efeito deletério das seguidas fugas de agricultores.

E assim foi no início... mas o vírus da atividade industrial já vinca-va fundo a alma sãocaetanense.

A fabricação de telhas, tijolos e lajotas tomou novo e febril impulso quando em 1895 os padres necessitaram de grandes quantidades destes materiais para a construção do Museu do Ipiranga. Tijolos, telhas e lajotas vieram principalmente de uma olaria pertencente ao Sr. Giuseppe Ferrari que pode ser indicado, sem contestação, o primeiro industrial de porte da região.

E São Caetano continuou crescendo, ampliando sua produção

agrícola e industrial dourando e dando lustro aos brasões de outros, pois era apenas distrito ou subdistrito de outros municípios: até 1901 a cidade de São Paulo, depois anexado ao município de São Bernardo do Campo.

A multiplicação de indústrias levou São Caetano a viver várias etapas: foi distrito fiscal, distrito de paz e arcebispado.

Em que pese o anseio e a luta dos habitantes para tornar São Caetano autônomo e com vida própria, mais de 50 passaram antes do surgimento de um organizado e batalhador movimento em prol da autonomia. Em 1928 o movimento liderado brilhantemente por Armando de Arruda Pereira e respaldado pelo *São Caetano Jornal*, teve sua primeira atuação política criativa: tudo indicava que a tão sonhada autonomia estava à vista... mas não veio. O prestigioso coronel Saladino Cardoso Franco conseguiu ser eleito para um sexto período como prefeito de São Bernardo e São Caetano continuou como subdistrito...

E lá se foram mais 20 anos de frustrações, de luta, de pressão popular para que, finalmente chegasse o dia tão almejado.

Dezembro de 1948 - Lei estadual nº 233 - Foi criado o Município de São Caetano - grifado com o sufixo do Sul - passando a ser São Caetano do Sul para não haver confusão com outra são caetano existente no Estado de Pernambuco - como se fosse possível confundir uma cidade plenamente desenvolvida, laboriosa, produtiva, de primeira linha com um lugarejo qualquer, na ocasião ainda de pequena expressão, enterrada no sertão brasileiro... Mas... havia uma lei, isto é, um ditame federal assinado pelo ditador de plantão exigindo a identificação clara, sem a menor sombra de dúvida, de quem era quem a

mais tempo...

E foi assim que a alvorada de 1949 encontrou São Caetano plenamente municipal, em marcha batida para o futuro que hoje assume...

Engessada em seus escassos 15,4 quilômetros quadrados, São Caetano pouco ou nada pode expandir linearmente; não tem condições de atrair novas indústrias ou comércio que demandam grandes áreas. Embora sinta pulsar em seu sangue eminentemente a vocação industrial, vírus que afaga seu organismo pujante, em que pese a boa administração do atual governo municipal seguidor de anteriores, quase todos do mesmo jaez, o Município vê-se forçado a buscar expansão no que é possível: o setor serviços e aquelas indústrias que podem expandir verticalmente, não necessitando de amplos galpões, nem entradas e saídas para furgões e caminhões de grande porte, a entregar ou retirar cargas volumosas e pesadas.

A luta é árdua, o progresso em tanto penoso, mas certamente ao alcance de quem já tanto lutou e tanto conquistou...

Temos certeza de que, dentro de uns dois anos, se tanto, pudermos voltar ao assunto teremos condição de (nós ou quem recolher a pena que o destino poderá tirar de nossas mãos...) dizer: a previsão estava correta, não fomos profetas nem videntes, apenas soubemos entender a pujança e o valor desta cidade.

Que assim seja...São Caetano... do Sul.

*(\*) Arnaldo Trebilcock, brasileiro, estudou na Europa e terminou os seus cursos numa universidade italiana. Foi redator-chefe da Tribuna das Estâncias e redigiu artigos de fundo da Tribuna Latina. Doutor em Ciências Comerciais, atua como agente-geral para o Brasil de empresas fabricantes de maquinário e equipamentos para indústrias petrolíferas, petroquímicas e farmacêuticas.*

# A felicidade está no ar : memória do rádio e da radionovela

Antonio de ANDRADE (\*)

**1**922 é ano chave para a compreensão do Brasil de hoje. Em época alguma da história brasileira tantas rupturas ocorreriam, e de tal forma profundas, a moldar uma nova sociedade. Por estímulo de poucos e a desconfiança de quase todos, o *gigante adormecido*, finalmente embarcava na modernidade. Como era de se esperar, as denominadas elites nacionais acompanharam com distanciamento e descrédito os acontecimentos que marcaram o início da agonia da República Velha e que se estenderia até 1930, quando da derrocada e substituição por uma outra elite - igualmente conservadora e insensível - agora moldada no personalismo autoritário de Getúlio Vargas. Observe-se o ca-

lendário de acontecimentos de 1922. Já em fevereiro acontece em São Paulo a Semana de Arte Moderna que, segundo Paulo Prado, um dos organizadores da Semana, pretendia assustar essa burguesia que cochila na glória de seus lucros. Burgueses e os ricos fazendeiros do ramo cafeeiro pressentiam a fragilidade e as tenebrosas perspectivas da instável e desgastada aliança entre cafeicultores e políticos carcomidos. Daí alguns ricos burgueses acolherem com simpatia - e dinheiro - aquele bando de intelectuais classe média ansiosos por luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismo, motores, chaminés de fábricas, sangue, velocidade, sonho na arte, como Menotti del Picchia explicava para a imprensa paulista os objetivos da Semana. Assim, o sisudo jornal *O Estado de S. Paulo*, que se referia aos modernistas como futuristas, na edição de 18 de fevereiro de 1922, dá conta do que andou acontecendo no Teatro Municipal de São Paulo. Na última pagodeira da Semana Futurista foi preciso fechar as galerias para evitar que o palco se enchesse de batatas.

**PARTIDO** - Uma semana após a conclusão da Semana, enquanto os funcionários da faxina recolhiam do palco do Municipal as batatas, tomates e ovos com os quais o público brindara o *début* espalhafatoso da geração modernista e seu clamor por mudanças nas artes, um outro grupo, discreto e atento de bolcheviques, ex-anarquistas e maximalistas, ao todo nove militantes, reunia-se nos fundos de uma modesta casa na longínqua Niterói e fundava o Partido Comunista do Brasil que, entre períodos de legalidade e clandestinida-



Mário Jorge Montini em fotografia do início da carreira de radioator. Em 1955 e 1956 foi considerado o melhor contra-regra, tendo recebido o Troféu Roquete Pinto

de, viria a constituir-se na agremiação política de maior longevidade em toda nossa história política.

Seu primeiro secretário-geral, o barbeiro Abílio de Nequete, seria preso ainda em 1922, logo após a primeira manifestação pública do partido. Solto optou pelo retorno ao cotidiano quase nada ideológico de sua barbearia, abrindo espaço para o jornalista Astrojildo Pereira que consolidaria e ampliaria a ação do partido por todo o Brasil. Isto até 1931, quando o processo de proletarização do partido colocou na berlinda a ala intelectual e bem apessoada, levando à direção os proletários autênticos com seus macacões sujos de graxa, as mãos calejadas pelo trabalho pesado e quase nenhuma afeição pela razão. Enquanto o PCB iniciava a histórica trajetória de rachas e defec-

Acervo: Fundação Pró-Memória



Mário Jorge Montini recebeu vários prêmios em sua carreira na rádio paulista. Nesta foto ele aparece recebendo mais um troféu Roquete Pinto das mãos do radialista Geraldo Blota

ções nos quartéis do Exército, a situação estava mais do que esquentando. A jovem oficialidade, oriunda dos estratos humildes da sociedade, mostrava-se sensível aos clamores populares por mudanças na estrutura de poder.

**CRISE** - A eleição presidencial de 1922, vencida pelo mineiro Artur Bernardes, reforçou o poder das velhas oligarquias, representado pela dobradinha São Paulo/Minas Gerais no revezamento do exercício da presidência. Mas, na década de 20, já era visível a chamada crise das instituições. Afloram problemas na política de valorização do café e as camadas médias e o proletariado amplificam \_ especialmente através da imprensa escrita \_ o clamor por reformas, moralização e combate à carístia. Portanto, quando o presidente Epitácio Pessoa resolve enquadrar a oficialidade, fechando o Clube Militar, e coloca na prisão a maior patente do exército, o marechal Hermes da Fonseca (aquele da frase: a política passa e o Exército fica), explode a primeira revolta militar em 5 de julho de 1922 que terminara de forma melancólica no chamado episódio dos 18 do Forte.

Era na verdade o início da movimentação reformista dos denominados tenentistas que chegariam ao poder em 1930, após uma outra tentativa frustrada em 1924 em São Paulo. Da situação teriam proveito Epitácio Pessoa e o presidente eleito Artur Bernardes que reagem com repressão draconiana à oposição e um estado de sítio que perduraria até 1926, quando é eleito o paulista Washington Luís, o último da Velha República.

Mas nem tudo se resumia em crise no Brasil de 1922 e, se as coisas não andavam bem por aqui, pior na Europa, onde na Itália, Mussolini marchava sobre Roma e tomava o poder no grito, enquanto circunspectos

alemães iam à feira carregando uma cesta cheia de marcos e voltando com um punhado de comida. O caminho para o autoritarismo e a demagogia chegar ao poder estava aberto para figuras esquizofrênicas como aquela do frustrado pintor Adolf Hitler que, em 1923, pela primeira vez, tenta um golpe de estado. Foi para a cadeia e solto deu no que deu.

**CENTENÁRIO** - O Brasil comemorava em 1922 o primeiro centenário de vida independente, e o governo federal resolveu festejá-lo com diversas solenidades a máxima data nacional. Um evento destacava-se pelo porte e pretensão: a Exposição Internacional do Rio de Janeiro destinada a mostrar o avanço tecnológico e incentivar o intercâmbio comercial entre as nações. No dia 7 de setembro de 1922 os visitantes iriam se deliciar com uma novidade que introduziria o país no mundo da comunicação de massa: o rádio. O discurso presidencial foi transmitido por alto-falantes distribuídos pelos pavilhões da Exposição e à noite, diretamente do Teatro Municipal, transmitiu-se através dos equipamentos radiofônicos da Westinghouse a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes.

O Brasil não seria mais o mesmo a partir de então. Desde 1920, o rádio vinha se difundindo pela Europa e Estados Unidos. Os aparelhos receptores eram precários e montados pelo próprio interessado que juntava, numa pequena caixa, um cristal de galena, um indutor, um condensador de sintonia e fone de ouvido, tudo acoplado a uma antena improvisada junto ao varal de roupas. Não utilizava energia elétrica e a audição \_ conseguida com muito trabalho de tentativa de sintonia \_ era individual.

**PASSATEMPO** - Os aparelhos receptores elétricos só surgiriam com a expansão do número de emissoras e eram caríssimos. A programação no início, além da precariedade dos

equipamentos transmissores e receptores, tinha um caráter não comercial e voltava-se a emissões educativas e culturais, durava algumas poucas horas e era produzida por grupos entusiastas que faziam do rádio uma forma de passatempo. Os membros associativos pagavam uma taxa de contribuição e a estação somente ia ao ar após autorização governamental já que o rádio era enquadrado como uma forma de telegrafia e, portanto, assunto de segurança nacional.

O depoimento de *Almirante* (1), um dos pioneiros do rádio brasileiro constata as dificuldades e o novo elemento no cenário urbano. A cidade transformou-se em floresta de antenas. Não havia residência que não ostentasse sobre o telhado, ou pelos quintais, os fios horizontais para a captação das ondas hertzianas (...). Havia também o enervante problema das ligações das galenas com suas agulhas para a obtenção de um bom contato. Ainda, segundo *Almirante*, para solucionar o problema do contato com a galena para uma boa sintonia, as duas emissoras cariocas existentes em 1924 optaram por um revezamento: uma transmitia somente às segundas, quartas e sextas, e, a outra às terças, quintas e aos sábados. Aos domingos não se ouvia rádio. Outro pioneiro, Renato Murce, lembra que os ouvintes associados colaboravam com uma taxa mensal de cinco mil réis.

**PIONEIRISMO** - A primeira emissora a surgir no Brasil foi a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, propriedade do escritor e cientista Roquete Pinto e do cientista Henrique Morize. Foi ao ar pela primeira vez em 20 de abril de 1923, já contando com uma programação regular que incluía jornais falados, aulas e música ... muita música. As gravações (discos) já eram populares por aqui. Desde 1900, a *Casa Edison* vendia no Rio de Janeiro e São Paulo discos

Na festa de casamento de Mário Jorge Montini, em São Caetano, no dia 25 de abril de 1953, compareceu todo o elenco masculino da Rádio São Paulo. Aparecem em pé da esquerda para a direita: Marcelo Ponce, Valdir de Oliveira, Javier de Oliveira, Augusto Barone, Mário Jorge Montini, Nilton Lopes, Jorge Luiz, Antonio Melo, Geraldo Alves, Ernesto de Oliveira, Diógenes Grecco, Raimundo Pereira. Fila Intermediária: Celso Marival, Benito Denando, (?), Cesar Leitão. Agachados: Julinho, Francisco Magalhães, Rogério Góas, Dante Rui, Maurício de Oliveira, Ésio Ramar, Osmiro Campos, Arquimedes Messina, Luiz Ramos



e fonógrafos. Data de 1902 a primeira gravação brasileira com o cantor Baiano interpretando *Isto é bom*. A segunda emissora carioca foi a *Rádio Clube do Brasil* surgida em 1924. Em São Paulo, a pioneira foi a *Rádio Educadora Paulista*, inaugurada em novembro de 1923. Viria a seguir a *Rádio Clube de São Paulo*, em junho de 1924.

**INTEGRAÇÃO** - Em 15 de novembro de 1926, um marco histórico, os ouvintes de São Paulo ouviram pela *Educadora* uma transmissão direta do Rio de Janeiro de um concerto em homenagem ao recém-eleito presidente da República, o paulista Washington Luís. Nesta época estimava-se em 26.000 o número de aparelhos receptores existentes no Brasil.

O rádio dava início à aproximação entre os principais centros econômicos do país, o conceito de distância e isolamento social começa a ser repensado e

As massas urbanas iniciam o acesso ao universo da informação

eletrônica. Num país onde predominava o analfabetismo, o rádio iria assumir um papel social fundamental. Até 1930 o rádio brasileiro resumiu sua missão àquilo que Roquete Pinto idealizava ser seu objetivo maior: promoção da educação e da cultura nacional. Vitoriosa a Revolução de 1930, Vargas e os tenentistas vislumbram o potencial político e econômico do rádio e trataram de criar legislação específica reservando ao governo poder absoluto em relação ao novo e poderoso instrumento de comunicação.

**PRAGMATISMO** - Assim, a autorização para funcionamento passa a ser a título precário, podendo ser cancelada a qualquer momento. Se por um lado havia um rígido controle por parte do governo, coube a este acelerar sua difusão ao autorizar a partir de 10 de março de 1932 a propaganda comercial. Ainda em 1932, explode o Movimento Constitucionalista de São Paulo, e o rádio demonstra pela primeira vez toda sua enorme potencialidade informativa e políti-

ca. A *Rádio Record de São Paulo*, adquirida em 1931 por Paulo Machado de Carvalho, assume o papel de porta-voz do movimento insurrecional e pelas vozes de três locutores: César Ladeira, Nicolau Tuma e Renato Macedo, tendo por fundo musical a marcha *Paris Belfort*, levava a todo país o noticiário dos revoltosos paulistas furando o bloqueio da censura varguista. Derrotados os paulistas e a abrandada a censura, o rádio brasileiro toma novos rumos. A liberação dos anúncios amplia o universo de penetração e a função educativa/cultural cede espaço para a diversão popular com os programas de variedades, voltados para as imensas massas urbanas, ávidas de lazer e diversão.

**POPULARIZAÇÃO** - O rádio passa a influenciar o comportamento e gostos das camadas populares e surgem os primeiros ídolos: Francisco Alves, Carmem Miranda, Mario Reis, Noel Rosa, Dalva de Oliveira, Araci de Almeida, popularmente conhecidos como cantores do rádio e imor-

talizados nos versos da canção de Lamartine Babo e João de Barro:

*Nós somos os cantores do rádio  
Levamos a vida a cantar  
De noite embalamos teu sonho  
De manhã nós vamos te acordar.*

*Nós somos os cantores do rádio  
Nossas canções, cruzando o espaço azul,  
Vão reunindo, num grande abraço,  
Corações de Norte a Sul.*

O rádio transforma-se num fenômeno de massas e inicia-se a chamada *Era do Rádio* que, durante um quarto de século, predominaria no cenário social e da comunicação brasileira. O sociólogo Orlando Miranda (2), captou de maneira precisa este momento de consolidação da comunicação de massa entre nós:

“O impacto do rádio sobre a sociedade brasileira a partir de meados da década de 30 foi muito mais profundo do que a televisão viria a produzir trinta anos depois”.

**MOBILIZAÇÃO** - De certa forma, o jornalismo impresso, ainda erudito,

tinha apenas relativa eficácia (a grande maioria da população nacional era analfabeta). O rádio comercial e a popularização do veículo implicariam na criação de um elo entre o indivíduo e a coletividade, mostrando-se capaz não apenas de vender produtos e ditar modas, como também de mobilizar as massas, levando-as a uma participação ativa na vida nacional. Os progressos da industrialização ampliavam o mercado consumidor, criando condições para a padronização de gostos crenças e valores. As classes médias urbanas (principal público ouvinte do rádio) passariam a considerar-se parte integrante do universo simbólico representado pela nação.

Com a entrada do investimento publicitário terminava a fase da improvisação e ampliava-se a concorrência. Em São Paulo, a *Rádio Record* saiu na frente, ao profissionalizar um setor onde predominava o amadorismo. Contrata profissionais da melhor categoria que passam a constituir o quadro permanente (na época chamado de *cast*) e exclusivo

da emissora. Segmentou a programação, criando gêneros de programas que atendessem aos diversos interesses dos ouvintes.

**SLOGANS** - Concorriam com a *Record* emissoras como a *Cruzeiro do Sul*, *Bandeirantes*, *Cultura*, *América* e *Difusora*. Para fixar a marca junto ao ouvinte as emissoras passam a fixar *slogans* como *Rádio Bandeirantes, a mais popular*; *Rádio Gazeta, a emissora da elite*, *Rádio São Paulo, a voz amiga*; *Rádio Record, a maior*. Em 1937, entra em cena o poderoso Assis Chateaubriand que, a seu império jornalístico, decide incorporar o rádio, inaugurando em São Paulo, a *RádioTupy*, em 4/9/1937, ampliando sua cadeia nacional de comunicação, as *Emissoras Associadas*, agora não mais limitada aos jornais e revistas. Meses antes era inaugurada no Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1936, aquela que iria se tornar na mais influente e importante emissora de rádio brasileira de todos os tempos: a *Rádio Nacional*. No início, propriedade do grupo jornalístico *A Noite* e posteriormente em

Acervo: Fundação Pró-Memória



Elenco Feminino da Rádio São Paulo, em 25 de abril de 1953, reunido no casamento de Mário Jorge Montini, no salão do São Caetano Esporte Clube, na rua Perrella. Da esquerda para a direita: Dulce (?), Amélia Rechi, Nícia Soares, Diva Lobo, Neuza Maria, Talita de Barros, Hilda Cavana, a noiva, Maria Tereza, Sonia Regina, Maria Aparecida Alves, Dalva Costa, Leonor Navarro e Lenita Helena

1940, durante a vigência do Estado Novo, encampada pelo governo federal e transformada na ponta de lança da propaganda varguista, não apenas no Brasil, mas irradiando com seus potentes transmissores para os cinco continentes.

**PRIORIDADE** - Este deslumbramento de Vargas pelo rádio já vinha de bem antes, provavelmente reflexo dos problemas ocasionados pela *Record* durante a revolta paulista em 1932 e à lição que vinha da Alemanha nazista. Logo após assumir o poder em 1933, Hitler nomeou para o poderoso Ministério da Propaganda, Joseph Goebbels que, imediatamente elencou o rádio como prioridade nacional: todo alemão deveria ter um rádio em casa. Lênin, ao assumir na Rússia em 1917, priorizou o jornal e o cinema e assim foi, mesmo após a popularização do rádio. Talvez esteja aqui a raiz da inexplicável ojeriza da esquerda brasileira pelo meio de comunicação representado rádio, um erro histórico da corrente progressista e intelectual (mais um), que optou pelo encastelamento nas redações dos jornais, num País onde o analfabetismo e a baixa renda sempre predominaram. Ficou, assim, aberto amplo flanco para a penetração ideológica populista/conservadora, que habilmente captou e manipulou o potencial radiofônico, atingindo com habilidade esta parcela da população.

**POTENCIAL** - Não por acaso, o rádio sempre foi o meio de comunicação mais perseguido e censurado nos períodos de autoritarismo. A direita conhece bem o potencial estratégico e político do rádio, e um estudo de sua presença na eleição de amplo contingente de candidatos populares ao longo das diversas eleições ainda está por ser feito. Os setores progressistas não atentaram sequer para o fato que em 1961, uma rede mambebe de rádios, a *Rede da Legalidade*, a partir de Porto Alegre mobi-



Em 1950, os artistas da Rádio São Paulo formaram um time de futebol para jogar nas horas vagas e finais de semana. Da esquerda para a direita, em pé, José de Freitas, Maurício de Oliveira, Valdir de Oliveira, José Pinheiro, Mário Jorge, Geraldo Alves, Jorge Luiz (Técnico)

lizou o Brasil e impediu um golpe de Estado que levaria ao poder a facção mais conservadora da política brasileira, quando do episódio da renúncia de Jânio Quadros. O poderoso populismo radiofônico (e agora também televisivo) assume na atualidade novos contornos \_ e novamente com amplo sucesso \_ pelo uso das seitas religiosas e messiânicas que veiculam pelo rádio o comércio da esperança e da felicidade. Por seu lado, o rancoroso jornalismo brasileiro, permeado pelo discurso ideológico, negativista e catastrófico, transformou-se num foco de denunciamento, sensacionalismo e total ausência de perspectivas para o País, desprezando os setores mais populares que não são considerados um potencial mercadológico e, muito menos, ideológico. Em 1934, Vargas que habilmente percebeu este equívoco criou a *Hora do Brasil*, transmissão em cadeia nacional obrigatória no horário das 19 às 20 horas, e que até hoje permanece no ar. Mas era pouco. A *Nacional* deveria ocupar 24 horas de transmissão e ser imbatível em audiência em

todo território nacional. Os cofres públicos foram generosos, e em breve a emissora era uma das cinco mais potentes do mundo. Sua programação em quatro idiomas levava ao exterior a ideologia do Estado Novo e a imagem de uma potência em formação. Por trás a presença do temido DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e de nosso Goebbels tropical: Lourival Fontes, a *Nacional* reuniu o maior elenco de talentos, e introduziu e consolidou gêneros ainda não tradicionais no rádio.

**FUTEBOL** - Um destes gêneros consolidados foi o da transmissão de jogos de futebol que teve como pioneiro o locutor Nicolau Tuma da *Rádio Sociedade Educadora Paulista* que transmitiu, em 19 de julho de 1931, uma partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, no campo da Chácara Floresta, no bairro da Ponte Grande na cidade de São Paulo(3), onde os paulistas venceriam por 6 a 4. Em breve, a *Nacional* impunha seu padrão de qualidade não apenas ao futebol, mas em especial nos shows de auditórios.

Mas seria com seus programas de radioteatro e radionovelas que a rádio iria conquistar seus índices de audiências mais significativos. Tentativas de levar o teatro ao rádio já aconteciam desde a metade dos anos 30. No Rio de Janeiro, o programa *Teatro Leopoldo Fróes* era sucesso na *Rádio Transmissora do Rio*. Em São Paulo, o *Teatro Manuel Durans*, da *Rádio Record* é lembrado como pioneiro. Todos levavam uma peça completa apresentada em três atos. Mas em junho de 1941, uma nova era do rádio brasileiro começou quando o locutor da Nacional anunciou:

–“Senhoras e senhoritas, o famoso creme dental Colgate apresenta o primeiro capítulo da empolgante novela de Leandro Blanco, em adaptação de Gilberto Martins: *Em busca da felicidade*”.

Esta novela de origem cubana fora traduzida e produzida pela Standard Propaganda, agência de publicidade que administrava a conta da Colgate Palmolive no Brasil, e pretendia explorar uma fórmula já testada com sucesso nos Estados Unidos e em países latinos, oferecendo programas voltados às donas-de-casa, um segmento de mercado desprezado pelas verbas publicitárias e que no entanto representava a maior parcela de audiência nos horários matutino e vespertino. Segundo Renato Ortiz (4), a radionovela surge no Brasil como um produto importado seguindo um padrão pré-estabelecido:

a) temática é folhetinesca e melodramática;

b) o público visado é composto por donas-de-casa.

**NOVELAS** - A pequena Rádio São Paulo dá abrigo a Oduvaldo Vianna, que retornando de uma temporada como correspondente do jornal *A Noite*, em Buenos Aires, trazia como grande novidade o enorme sucesso das novelas transmitidas pela *Rádio El Mundo*. Entusiasmado, Oduvaldo

## Mário Jorge: uma voz de São Caetano na Rádio São Paulo

Mário Jorge Montini iniciou carreira, ainda criança, no grupo de teatro da Igreja da Sagrada Família, onde adquiriu conhecimentos artísticos por orientação dos padres Alexandre, Aldo e Ezio Gislimberti. Ainda jovem trabalhou na Matarazzo e Texaco, ambas no Bairro Fundação, onde morava com os pais na Rua Heloisa Pamplona. Por influência da mãe, confiante nos dotes artísticos do filho e assídua ouvinte das radionovelas da Rádio São Paulo, procurou a emissora então instalada na capital na distante Avenida Angélica, para participar de um teste para jovens talentos. Após diversas fases de seleção acabou sendo escolhido e imediatamente entrou no estúdio para participar das populares radionovelas. Já em 1949 seu nome começava a despontar no cast da PRA-5. Se o sucesso chegou com rapidez, o mesmo não ocorria com o salário. A emissora remunerava por episódio levado ao vivo, nada era gravado e eventuais falhas iam para o ar. Mário Jorge recebia um cachê de 20 cruzeiros por episódio e, por mais que atuasse, a remuneração ficava distante de um bom e seguro salário mensal de 2.500 cruzeiros, como aquele oferecido pela General Motors e que acabou rejeitando pelo amor ao rádio. Para reforçar o orçamento – já que um compromisso matrimonial se aproximava – trabalhou na Rádio São Paulo como escuta de outras emissoras para anotar resultados esportivos e também como contra-regra, uma espécie de faz-tudo em matéria de criatividade para completar com efeitos sonoros os melodramáticos diálogos das novelas. Um outro bico era a participação em peças de teatro apresentadas em locais como o Circo Piolin, como a inextinguível encenação da *Paixão de Cristo* na Semana Santa.

Em 1953 casou com Ilda Cavana e a solenidade religiosa e posterior festa aconteceram nos salões do São

Caetano E.C., então localizado na Rua Perrela, acabou por mobilizar a cidade pela presença do elenco completo da Rádio São Paulo.

Em 1954, logo após as primeiras transmissões da TV Record, participou do teleteatro *A muralha*, que antecipou a chegada da telenovela em capítulos e que surgiria pela primeira vez em 1963 na extinta TV Excelsior. Com a televisão teve uma outra importante aproximação quando passou a dublar as séries filmadas apresentadas na TV Tupi e TV Record a partir de 1957. Nesta atividade permanece em pleno exercício após 40 anos de trabalho.

Em sua residência guarda diversos troféus famosos como o Roquete Pinto e o Troféu Cacique da extinta Rádio Cacique de São Caetano do Sul, amealhados em uma carreira séria e competente que aproxima-se dos 50 anos.

Neste período contracenou com nomes do rádio paulista que entraram para a história do rádio: Nelson Martinez, Walter Foster, César Monteclaro, Ennio Rocha, Waldemar Ciglione, Mauricio de Oliveira e as eternas vozes femininas: Arlete Montenegro, Yara Lins, Lenita Helena, Ilca Ferreira, Cecília de Alencar, Maria Tereza (a Teresóca que durante muito tempo morou na Avenida Goiás) e Terezinha Gaglio, aqui de São Caetano, que trabalhou na PRA-5 e casou com o sonoplasta Francisco Magalhães - que na Gincana Kibon de Vicente Leporace era o maestro Magalhães, responsável pelas cortinas sonoras que povoavam o imaginário dos jovens e dos familiares orgulhosos dos dons artísticos dos precoces petizes que se apresentavam aos domingos na TV Record. Após o casamento, Terezinha e Magalhães vieram morar em São Caetano, na mesma Rua Heloisa Pamplona da infância e juventude de Mário Jorge.

escreveu algumas novelas e, inutilmente, procurou patrocinadores. Convidado a dirigir a *Rádio São Paulo* aceitou o cargo e aproveitou para levar ao ar sua radionovela: *A predestinada*.

O sucesso foi tão rápido e consistente que em poucos meses a emissora situava-se como líder de audiência em São Paulo. Qual a receita deste inesperado sucesso? A radionovela resgatava, de alguma forma, o imaginário popular, reproduzindo através dos contos e casos do cotidiano simples e sofrido da brasileira típica da época: a dona-de-casa. Em se tratando do universo feminino, numa época em que predominava o comportamento submisso, fruto de uma cultura historicamente machista e autoritária, a radionovela \_ bem como sua irmã mais próxima, a fotonovela \_ priorizava temáticas próximas ao papel possível em uma sociedade em transição do rural para o urbano, do arcaico para o moderno.

**DESIGUALDADE** - Um retrato fiel da condição feminina no Brasil deste período, surge em algumas pesquisas feitas pelo Ibope, no Rio de Janeiro, na época capital do País, e portanto, centro mais avançado nas questões comportamentais. Em 1951, 65,2% dos cariocas apoiavam a ação da polícia em reprimir casais trocando beijos em locais públicos. Por outro lado, 57 % dos entrevistados afirmavam ser contrários à possibilidade da mulher desfrutar dos mesmos direitos dos homens. O comentarista do Ibope resumiu os dados da amostragem desta forma: "o homem continua acreditando firmemente no patriarcado(...), revolta-se contra as reivindicações feministas, acreditando que o lugar da mulher é em casa, tomando conta dos filhos e solucionando problemas domésticos"(5).

**MITOS** - Voltada para um público onde a subserviência e alienação di-

tam o modo de agir, a radionovela exerceu papel importante ao reforçar os papéis femininos desejáveis, fortemente enraizados nos quatro mitos da cultura cristã \_ ocidental em relação à mulher: o amor, a paixão, o incesto e a pureza. Estes elementos, fortemente presentes na cultura latina foram assimilados, codificados e transformados de modo a constituir um produto rentável e facilmente palatável, seja para o ouvinte quanto aos interesses financeiros de mercado.

Assim, formatado como um produto direcionado à mulher, os temas desenvolvidos priorizavam as questões ligadas à busca do casamento (objetivo final de toda mulher de família); mulheres traídas e/ou abandonadas (decorrência do casamento frustrado); mães solteiras (casamento não consolidado) rejeitadas pela família e pela sociedade; adultério (casamento em crise pela incapacidade da mulher em completar os anseios do marido); preservação da pureza feminina (condição necessária para concretizar o casamento) e pecados carnis e luxuriosos (o sexo extra-casamento, novamente causado pela incapacidade feminina e reservado exclusivamente ao homem).

**REDEÇÃO** - Só pelo sofrimento, submissão e lágrimas poderia atingir a redenção e perdão. Pecadora por natureza, desde o deslize pioneiro de Eva, a cobrança e desprezo seria seu eterno destino. A fórmula constantemente repetida, em dezenas de capítulos, conduzia o enredo a situações extremas, privilegiando o lado dramático e romântico do enfadonho cotidiano feminino. No auge da emoção, o capítulo era interrompido estrategicamente, deixando no ar a dúvida sobre o desdobramento do dia seguinte. Tudo graças ao apoio do anunciante, normalmente sabonetes e produtos de toalete direciona-

dos ao embelezamento feminino. É dessa época o indefectível *reclame* cantado por duas vozes femininas e uma masculina:

*As rosas desabrocham,  
Com a luz do sol,  
E a beleza das mulheres,  
Com o creme Rugol.*

**MELODRAMA** - Os títulos das novelas, bem como das fotonovelas, filmes mexicanos, argentinos e italianos exibidos em grande quantidade nos anos 40 e 50, deixam claro o tom melodramático e a necessidade de fazer chorar e sofrer: *Almas desenhadas*; *Prisioneira do Passado*; *Sonhos Desfeitos*; *Mais forte que o amor*; *Perdida*; *Mulher sem alma e - a maior de todas - O direito de nascer*, do cubano Félix Cagnet, cujo enredo tinha início com a frase bombástica de Maria Helena (futura mãe de Albertinho Limonta):

-“Doutor, não posso ter este filho que vai nascer”.

Primeiramente, na voz de Walter Foster na *Rádio Tupi*, de São Paulo, e de Paulo Gracindo na *Nacional*, do Rio de Janeiro, o personagem de Albertinho Limonta, pela primeira vez na história da comunicação brasileira, levou a população a um estado de comoção. O mesmo sucederia nas diversas vezes em que foi exibida pela televisão. Registra Ismael Fernandes em *Telenovela Brasileira: Memória* que o último capítulo em 13 de agosto de 1965 foi seguido de uma festa no Ginásio do Ibirapuera, totalmente lotado e, numa espécie de neurose coletiva o povo gritava os nomes dos personagens e chorava por Mamãe Dolores, Maria Helena e Albertinho.

**TERAPIA** - O autor, Felix Cagnet, tinha, bem claro, o poder melodramático e mercadológico de sua produção, como esclareceu em depoi-

mento na publicação cubana: *Revolución y Cultura*, transcrito no livro de Renato Ortiz, acima mencionado:

–“Elas consumiam os produtos que meus programas anunciavam. Eram pobres e sofriam. Desejavam chorar para desafogar suas lágrimas. Eu estava obrigado a escrever para elas e facilitar-lhes o que necessitavam, porque, enquanto choravam, descarregavam sua própria angústia”.

Nas emissoras do ABC o gênero consolidou-se na forma de rádio-teatro como o *Grande Teatro de Emoções*, apresentado na *Rádio Independência*, de São Bernardo do Campo, e que levava ao ar, no final da década de 50, peças produzidas por Guido Fidélis e Oswaldo Russi. A mesma dupla escreveu para a *Rádio São Paulo*, em 1958, a novela *Remorso*. Pelas ondas da ZYR – 82, *Rádio Emissora ABC*, ia ao ar aos sábados o *Grande Teatro Philips* com textos de Alves Cabral e Edson Lazari.

Segundo Silvia Borelli e Maria Celeste Mira (6), a partir dos anos 60 a radionovela perde espaço para a telenovela, até desaparecer em 1973. Segundo estas pesquisadoras, com a consolidação da telenovela, risos, lá-

grimas, medos e ansiedades passam a ser visualizados(...). O melodrama ocupou novos territórios; construiu sua hegemonia original e passou gradativamente a conviver com aventuras, comédias, policiais, até a plena explosão da diversidade ficcional na televisão, a partir dos anos 70.

**DECADÊNCIA** - A *Rádio São Paulo*, solitária e solidária acompanhou a decadência do gênero radiofônico e sua transposição vitoriosa para a televisão. Em 1967 a PRA-5 foi vendida por Paulo Machado de Carvalho para as *Emissoras Coligadas* e por sete anos produziu radionovelas destinadas à retransmissão por emissoras do interior. Neste período, até o final em 1974, a direção da emissora ficou em mãos de um sulsancaetense – Mario Jorge Montini – que, desde 1949 emprestou sua voz de galã a centenas de episódios de emoções e lágrimas que rolaram pelas ondas da PRA-5 *Rádio São Paulo*.

Após 75 anos, o rádio pelo seu poder de penetração, popularidade, baixo custo e mobilidade permanece imbatível como meio de comunicação. Somos o segundo país do mundo, com mais de 3.000 emissoras em operação, sem contar as mais de

5.000 classificadas como comunitárias, alternativas ou mesmo piratas. Com estas somadas ultrapassamos os Estados Unidos. Um mercado extraordinário. A mais incrível e revolucionária invenção humana. Uma ode à mais enigmática das capacidades do ser humano: a imaginação.

(\*) Antonio de Andrade é Mestre em Comunicação Social e professor nos Cursos de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

### Referências bibliográficas

- 1 - Cabral, Sérgio. *No tempo de Almirante*, Rio de Janeiro. Francisco Alves Editora, 1990.
- 2 - Abril Cultural. *Nosso Século*. Volume 5. São Paulo. Editora Abril, 1980
- 3 - Soares, Edileuza. *A bola no ar*. São Paulo. Summus Editorial, 1994
- 4 - Ortiz, Renato. *Telenovela: história e produção*. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1989
- 5 - Gontijo, Silvana. *A voz do povo*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 1996
- 6 - Borelli, Silvia H.S e Mira, M.C. *Sons, imagens, sensações: radionovelas e telenovelas no Brasil*. São Paulo. Intercom. Vol XIX, nº 1, 1996



Mário Jorge Montini durante depoimento para a Fundação Pró-Memória

# Metalúrgica Uliana completa

## 42 anos de atividades constantes

Silvio José BUSO(\*)

**E**m 1920, Flaviano Uliana e a esposa Ana Chies Uliana, com os filhos Hilário, Maria e João Baptista, partem como imigrantes de Vittorio Veneto em direção ao Brasil.

Chegando ao Brasil, os Uliana seguem diretamente para as fazendas de café no interior de São Paulo; Hilário, o filho mais velho da família, contava então com seis anos de idade. No interior de São Paulo, a família passa a trabalhar como mão-de-obra temporária nas fazendas: passam por Pirajuí, Cerquilho, Tietê e outras, trabalho árduo e estafante. Entretanto o sustento era garantido. A família cresce com o passar dos anos nascendo Angelo, os gêmeos José e Antonio e Vitor.

Por volta de 1930, uma cunhada de Ana Chies, Maria, vem para São Caetano e pelo acaso do destino, em 1935, Hilário, agora com 21 anos de idade, deixa os pais e os irmãos no interior, vindo sozinho para São Caetano na tentativa de melhorar o padrão de vida. Chegando aqui, passa a morar com a tia Maria e seus filhos na rua Marechal Deodoro.

**PROGRESSO** - Hilário então vai trabalhar com os primos na fábrica de balanças Filizola, e onde com vontade e habilidade faz progressos na profissão, e sendo o filho mais velho da família, Uliana logo arruma uma casa na rua Marechal Deodoro, trazendo os pais e os irmãos do interior para morarem juntos.

Depois de algum tempo Hilário, passa a trabalhar na CBC (Companhia Brasileira de Cartuchos), por volta de 1942. Nesta firma, logo se



Foto dos irmãos Uliana, circa de 1944 na casa da rua Marechal Deodoro. 1-Hilário, 2-Oswaldo, 3-João Batista, 4-Angelo, 5-6 gêmeos José e Antonio, 7-Vitor

destaca entre os funcionários por ler e falar o italiano e lá, como havia muitos *oriundi* que esqueceram a língua de origem pediam ao Hilário que lesse o jornal que circulava clandestinamente na época da guerra chamado *Fanfulla*, este jornal trazia notícias da guerra e Hilário lia e traduzia as informações.

Hilário após um tempo é convidado para trabalhar na Brasilit e depois na Fábrica de Ferragens Lírio. E em 1943, casa-se com Brasilina Fiori e tem o filho Oswaldo.

Em 1946 Hilário passa a trabalhar na General Motors, mas não perdia de vista a vontade de ter sua própria firma. Alegria na família: nasceu Gildo.

No ano de 1947 Hilário compra um terreno no loteamento do Grupo Votorantim na Vila Barcelona, cujo corretor era o Saldezzi, iniciando a

construção de sua própria casa, localizada na Alameda Cassaquera. Nessa época, não havia energia elétrica, água, esgoto ou calçamento em grande parte do loteamento. Entretanto Hilário e os irmãos vão se estabelecendo nos lotes. Nova alegria na família: nasce Hermelinda. Nessa época, Hilário e seu irmão iniciam com uma forja e bigornas a confecção de facas grandes para rebarbação de fardos de algodão, fazendo inclusive reformas nas facas em uso. Todo esse trabalho era feito à noite na rua Marechal Deodoro, onde existia um barracão nos fundos da casa. Entre 1948 e 1949, nasce Gilda e, em 1950, Giselda.

**CRIATIVIDADE** - Em 1949 Hilário monta um barracão nos fundos da casa da Cassaquera. O barracão é com madeira, comprada do desmanche de caixas de madeira do Greco

(José Antonio Greco) que estava estabelecido na Avenida Goiás. Um barracão com chão de terra; ele usando a criatividade coloca um motor estacionário a gasolina, um gerador Delco e várias baterias de caminhão de 12 volts interligadas, gerando assim sua própria iluminação em casa e na de sua mãe.

Às sextas-feiras, Hilário saía da General Motors à tarde e comprava no posto de gasolina em frente uma lata de 20 litros de gasolina, levando-a para casa para abastecer o motor-gerador, passando assim a semana com luz em casa por algumas horas da noite.

Um abaixo-assinado liderado por Hilário para que aquela região tenha energia elétrica, é aceito pela Light, que instala então energia em todas as ruas.

**METALÚRGICA** - Em 1955, Hilário, o irmão, e um sócio, Martins adquirem uma plaina para aço, torno, furadeira, ponteadeira, fresa e se estabelecem na rua Campos Sales: nasce a metalúrgica - Martins Uliana Companhia Limitada.

Em 1957 a firma muda de nome, agora Irmãos Uliana Companhia Limitada, o faturamento cai e o irmão sai da sociedade, entram então o primo Délcio e José Paschoal.

Três anos depois, Hilário sai da General Motors e passa a gerenciar a firma. Novo dissabor: Hilário perde os sócios ficando sozinho e com muitas dívidas. Mas, persistente, e com os filhos ajudando nos trabalhos, a metalúrgica firma-se no mercado.

De um barracão de madeira onde a firma nasceu, agora está instalada numa grande área na cidade de Suzano, gerenciada pelos filhos sucessores de Hilário.

(\*) *Silvio José Buso, é técnico em Saneamento Ambiental, membro do Conselho Diretor da Fundação pró-Memória e do Conselho Editorial da revista Raízes*

Acervo Silvio José Buso



Foto da família Uliana. 1-Alberto Teixeira de Queiroz, 2-Gilda Uliana de Queiroz, 3-Oswaldo Uliana, 4-Sebastiana Dias Uliana, 5-Hilário Uliana, 6-Maria Cileide S. Uliana, 7-Hermelinda Uliana Bueno, 8-Brasiliano Fiore Uliana, 9-Gildo Uliana, 10-Gilberto Bueno, 11-Gilson Carlos de Mello, 12-Giselda Uliana de Mello

Acervo Silvio José Buso

Acervo Silvio José Buso



Foto das filhas de Hilário no quintal da avó na alameda Cassaquera, onde estava instalada a Metalúrgica. 1-Hermelinda, 2-Jiselda, 3-Gilda



Foto dos filhos de Hilário, cerca de 1950 no quintal da alameda Cassaquera. -Oswaldo Uliana, 2-Gildo Uliana

# A história dos Paços Municipais revela fatos importantes da cidade

(\*) Domingos Glenir SANTARNECCHI

**C**om o Movimento Autonomista de 1948, São Caetano tornou-se independente, recebendo em seu nome o apêndice do Sul, para diferenciá-lo do seu homônimo de Pernambuco.

Assim, em março de 1949, foi realizada a primeira eleição para escolher o prefeito municipal e a Câmara de Vereadores, ressaltando-se que nessa primeira administração não tínhamos o cargo de vice-prefeito. Quando havia necessidade do prefeito licenciar-se, ele era substituído pelo presidente da Câmara, sendo o primeiro a fazê-lo o vereador Accácio Novaes.

No dia 3 de abril de 1949, tomava posse o primeiro prefeito municipal, dr. Ângelo Raphael Pellegrino, escolhido por uma coligação de partidos como uma figura de consenso pelas qualidades que possuía para dirigir os destinos da cidade.

Em marcante sessão solene realizada na Câ-

mara Municipal, instalada na Rua João Pessoa, em cima da antiga Loja Copagel (hoje defronte ao Banco Bamerindus), Pellegrino fazia o juramento perante os vereadores e ouvia um vibrante discurso feito por João Dal'Mas, um dos batalhadores da Autonomia, que nessa ocasião injetava ânimo e otimismo aos dirigentes da cidade que ora nascia, dando-lhes uma força interior, a mesma trazida pelos imigrantes italianos quando da fundação do Núcleo Colonial, em 1877.

**SEDE** - Santo André desgastado por ter perdido a parte do seu território, recolheu tudo que fosse possível, móveis, documentos, plantas, equipamentos, máquinas, etc. No dia em que Pellegrino chegou à sede do governo, após a posse, foi recebido por uma multi-

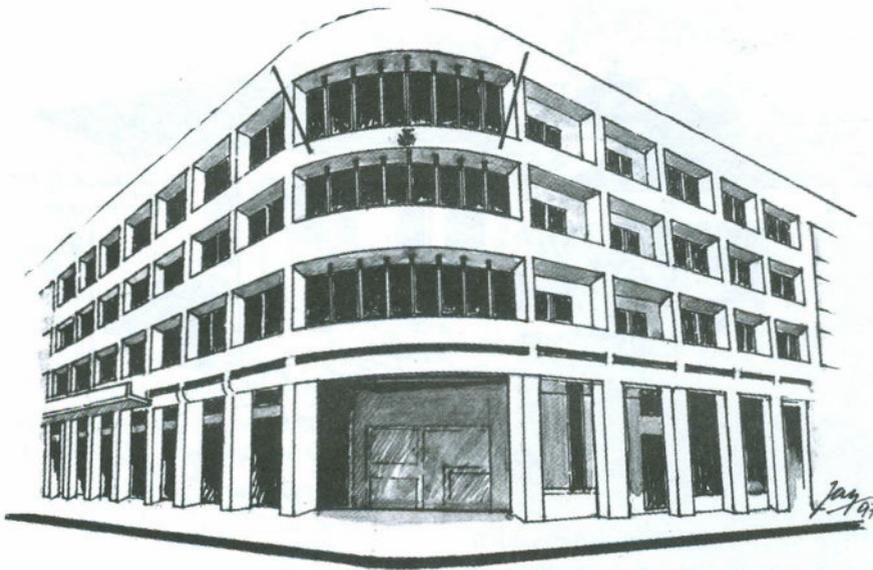
dão na esquina da Rua Baraldi com Rua Rio Grande do Sul, onde foi instalado o primeiro Paço Municipal, local que mais tarde abrigou o Pronto Socorro e depois o Museu Municipal. Hoje funciona ali uma casa de pão de queijo.

Nesse prédio, onde o primeiro Prefeito assumiu a direção do Poder Executivo, encontrou apenas uma mesa, uma cadeira e um vaso de flores. Esse era o patrimônio que Santo André legava a São Caetano.

Essa mesa, na qual Pellegrino dirigiu os destinos da cidade nos primeiros anos, mais tarde foi jogada num depósito da Prefeitura e a localizamos no início da década de 70, graças a informações prestadas pelo escritor, Manuel Cláudio Novaes, um dos pioneiros servidores da Prefeitura, que a reconheceu pelo formato característico da referida mesa. Mandamos recuperá-la e entronizá-la no Museu Municipal, onde hoje pode ser vista por todos. O acaso fez com que



Ilustração Jayme da Costa Patrão



uma mobília histórica fosse preservada para sempre.

O Paço Municipal da Rua Baraldi acolheu a sede do governo até dezembro de 1953. Em 3 de abril desse ano, assumiu a Prefeitura Anacleto Campanella e em dezembro, com a inauguração do Edifício Vitória, na Rua Santo Antônio, 320 - Centro, construído pela família Dal'Mas, se transferia para aquele local mais amplo, no 2º andar, a sede da Prefeitura. O 1º andar viria abrigar o Poder Judiciário - Fórum e o 5º andar abrigaria o Poder Legislativo - Câmara Municipal, juntando no mesmo local os três Poderes da cidade.

Esse Paço Municipal abrigou o prefeito Campanella em seu primeiro mandato e o prefeito Oswaldo Samuel Massei, também em seu primeiro mandato.

Com o crescimento da cidade e por consequência, o crescimento dos serviços públicos, Massei via a necessidade de construir uma sede própria para a Municipalidade e encerrou seu governo inaugurando o novo Paço, que foi o primeiro do Grande ABC a ser construído para

essa finalidade, na Avenida Goiás, 600 - entre as Ruas Goitacazes e Rio Grande do Sul - no Bairro Santo Antônio, onde permaneceu durante 31 anos.

Nesse Paço atuaram os prefeitos: Campanella - 1961/65 (2º mandato); Hermógenes Walter Braido - 1965/69 (1º mandato); Massei - 1969/1972 (2º mandato); Braido novamente 1972/77 (2º mandato); Raimundo da Cunha Leite - 1977/1982; João Dal'Mas - maio/82 a janeiro/83 (completando o mandato); Braido pela terceira

vez - 1983/89; e Luiz Olinto Tortorello - 1989/92 (1º mandato).

**CERÂMICA** - Enquanto o Palácio da Cerâmica estava sendo construído pelo prefeito Tortorello, já na fase de acabamento, recebendo o mobiliário e o prédio da Avenida Goiás era adaptado para a sua recuperação, a fim de receber outros órgãos, o Paço Municipal esteve instalado provisoriamente no Parque Ecológico "Presidente Dr. Jânio da Silva Quadros", no período de 21 de abril até 29 de agosto de 1992, onde funciona a Escola de Ecologia, na Rua da Paz, 10 - Bairro Mauá.

O prefeito Tortorello construiu o Palácio da Cerâmica na Rua Eduardo Prado, 201 - Bairro São José, inaugurando-o no final de seu primeiro mandato e prestando uma significativa homenagem, que todo o povo da cidade aguardava, denominando-o *Prefeito Ângelo Raphael Pellegrino*, num justo preito de saudade ao nosso primeiro prefeito municipal.

O Palácio da Cerâmica completou nesse ano o seu 5º ano de inauguração. Naquela data, o Poder Executivo Municipal se deslocava para o Bairro São José, dentro do Centro de Lazer José Ermírio de

Ilustração: Jayme da Costa Patrão



Moraes, onde a Prefeitura instalou-se em prédios modernos de arquitetura arrojada.

Essa obra causou muita polêmica junto à classe política da época, pois entendiam alguns que iria ocupar a área verde daquele parque. Na verdade o local onde foi construído, não era área verde, mas sim um campo de futebol tipo *raspadão*, utilizado nos fins de semana por um equipe daquele bairro.

Apesar do movimento contrário à construção, o Palácio finalmente foi construído e embelezou o local, criando-se um heliponto e um bosque na área remanescente. Sua inauguração ocorreu no dia 29 de agosto de 1992, dentro da programação de festejos do 115º aniversário de fundação da cidade.

O clima de festa tomou conta da solenidade inaugural e o pátio fronteiro ao Palácio ficou tomado pela população. Após a inauguração com banda e muitas bandeiras, além de um mastro gigante ostentando o pavilhão sul-sancaeta-



nense, o povo invadiu as dependências do novo Paço para constatar a sua beleza.

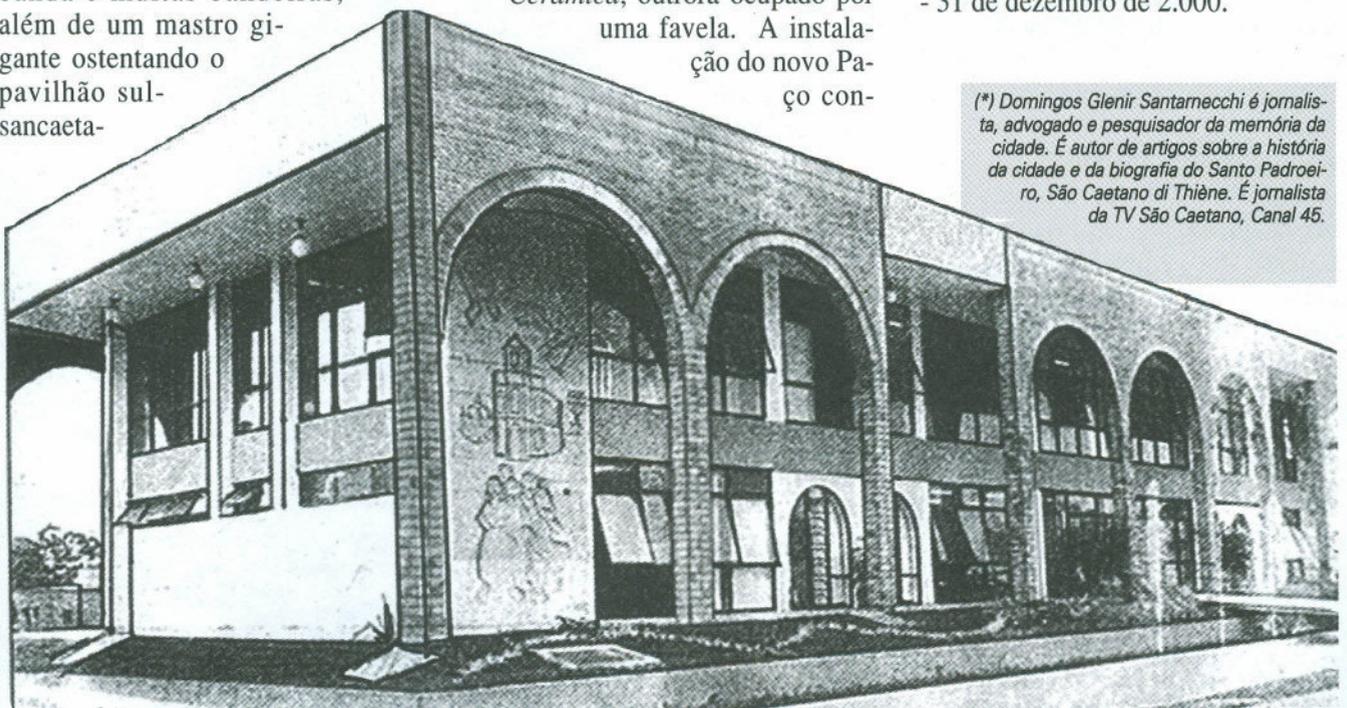
Um aspecto que muito ficou evidenciado, foi a descentralização dos serviços públicos da área central da cidade, muito congestionada e com um trânsito saturado.

Naquele dia, o prefeito Tortorello concretizava a maior e mais bonita obra das concebidas em seu primeiro governo e completava assim, a ocupação do antigo *Buracão da Cerâmica*, outrora ocupado por uma favela. A instalação do novo Paço con-

solidou o Centro de Lazer José Ermírio de Moraes, um dos parques mais bonitos da região, também conhecido por Espaço Verde Chico Mendes.

Nesse Paço atuaram o prefeito Luiz Olinto Tortorello (1º mandato); o prefeito Antônio José Dall'Anese, 1993/1996; e novamente o prefeito Luiz Olinto Tortorello (2º mandato), de onde estará governando os destinos da cidade até a virada do século - 31 de dezembro de 2.000.

(\*) Domingos Glenir Santamecchi é jornalista, advogado e pesquisador da memória da cidade. É autor de artigos sobre a história da cidade e da biografia do Santo Padroeiro, São Caetano di Thiene. É jornalista da TV São Caetano, Canal 45.



# Banco do Brasil, presente na História de São Caetano do Sul

Eva Bueno MARQUES (\*)

**T**angida pelas perseguições das guerras napoleônicas, a Família Real Portuguesa veio para o Brasil. A par da histórica Abertura dos Portos, em outro de seus importantes atos na nova capital do Império, Dom João VI criou o Banco do Brasil, uma das mais influentes instituições públicas e sociais brasileiras.

Assim, o primeiro estabelecimento bancário nacional tem seu alvará de criação datado de 12 de outubro de 1808. Na época, o capital estipulado para o início de atividades foi de 1.200 Contos de Réis, soma considerada muito elevada para aqueles tempos.

Com o passar dos anos, o desenvolvimento dessa importante casa de crédito consolidou-se, e o seu alto prestígio transformou-se na força propulsora que conduziu a instituição à posição que hoje ocupa, sendo considerado um dos mais confiáveis bancos de todo o mundo.



A primeira agência do Banco do Brasil, instalada estrategicamente na rua Baraldi, 963, bem no centro comercial do Município, foi inaugurada no dia 18 de outubro de 1952

**SONHO**-Porém, foi só em 18 de outubro de 1952 que essa pujante realidade tornou-se a aspiração dos sulsancaetanenses: manter uma

agência do Banco do Brasil no recém-criado Município, pois até então, em todo o ABC, só Santo André gozava desse privilégio. A aspiração,

Acervo: Banco do Brasil

**RECEBIMENTO**

*S. Caet. Sul, 20 de Outubro de 1952*

**CRÉDITE** — A 224. Depósitos sem limite

*Sociedade Comercial e Imobiliária São José Ltda*

abaixo assinado *Sociedade por quotas resp. civil de direito de*

entrega ao **BANCO DO BRASIL S. A.** a importância de *dez*

*mil cruzeiros*

para que lhe seja aberta uma conta de DEPÓSITOS SEL LIMITE, declarando sujeitar-se às condições que esse Banco tiver estabelecido ou vier a estabelecer para as contas dessa natureza. Os saldos não movimentados durante dez anos consecutivos não renderão juros depois de vencido esse prazo.

Para movimentação da referida conta declara *em* haver recebido um talão de cheques.

Ns. \_\_\_\_\_, cuja numeração confere \_\_\_\_\_

Assinatura *[Signature]*

Endereço *R. Baraldi, 937, 9*

Selos pagos por verba bancária \_\_\_\_\_

**SL** DEP. INICIAL

*Cr\$ 10.000,00*

Primeiro depósito efetuado na Agência do Banco do Brasil em São Caetano do Sul. A operação foi feita no dia 20 de outubro de 1952 em nome da Sociedade Comercial e Imobiliária São José Ltda., e o valor foi de Cr\$ 10.000,00 (Dez mil cruzeiros)



aos sábados, das 9 às 11 horas. O primeiro gerente foi José Walter Schain, enquanto que o contador era José Lourival Delgado.

Com o início das atividades bancárias, o primeiro cliente da agência (pessoa jurídica) foi a Sociedade Comercial São José, que administrava o imóvel dos Irmãos Benedetti, locando o prédio para o Banco do Brasil. Já o primeiro cliente (pessoa física), de que se tem notícia, foi Giácomo Benedetti. Segue um rol de outras pessoas jurídicas locais, como Cerâmica São Caetano, General Motors, Chocolates Pan, Indústria Paulista Porcelana Argilex, Indústrias Químicas Brasitex Polymer (hoje BASF), Dal'Mas S/A, Willu S/A. Artefatos de Madeira, Indústrias Aliberti, e outras.

Naquela época, São Caetano já contava com os seguintes estabelecimentos de crédito: Banco Noroeste, Banco de São Paulo, Banco Cruzeiro do Sul, Banco Mercantil de São Paulo, Banco Popular do Brasil e Casa Bancária de São Caetano.

Vários foram os gerentes que passaram pela agência de São Caetano do Sul: Além de José Walter Schain, vieram Herni Alvarenga, Francisco Medina Coeli, Orlando Campos Andrade, Antenor de Braga



Localizada na Praça Cardeal Arcoverde, 52, a Agência Central do Banco do Brasil foi inaugurada em 1967

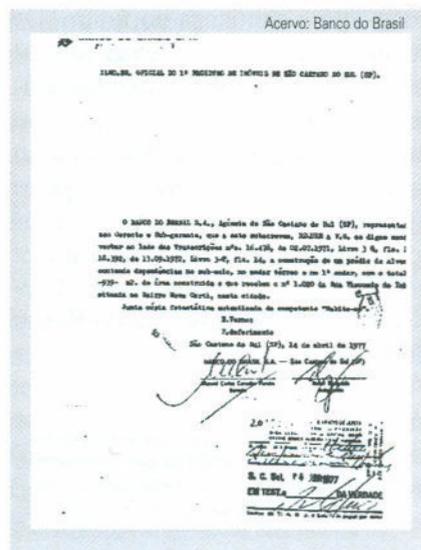
Farias, José Ribamar Soares, Tennyson de Menezes, Manoel Carlos Carneiro Pereira, Reginaldo José Spini, Mário Alves Camargo, Ivo Marson, Onorino Moro, Walter Domingues da Silva, Wilson Garrido, Luciano Alexandre Ferreira Junior. Atualmente, a agência conta apenas com 49 funcionários, em virtude da migração da mão-de-obra para os centros de processamento, criados já há algum tempo.

**DESENVOLVIMENTO** - A agência do Banco do Brasil cresceu rapidamente, prova desse fato, é que em 1956 o número de funcionários tinha se elevado para 36. No dia 6 de agosto daquele mesmo ano, o banco adquiriu um terreno de 467 m<sup>2</sup> na esquina da Praça Cardeal Arcoverde e Rua Carlos de Campos, por CR\$.1.300.000,00 (um milhão e trezentos mil cruzeiros da época). En-

tretanto, só oito anos depois foi anunciada a construção do prédio próprio. Isso ocorreu após a expedição do Alvará de nº 1044, no Processo 8524/63 de 21 de outubro de 1964. Em 1967, pronta a construção, foi concedido o Habite-se constando o endereço para a nova agência: Praça Cardeal Arcoverde, 52.

Para a inauguração do novo prédio compareceram o então presidente do Banco do Brasil, Nestor Jost, o governador do Estado de São Paulo, Roberto de Abreu Sodré e o prefeito municipal Hermógenes Walter Braido. Segundo dados do estabelecimento bancário, nessa época havia cerca de 100 funcionários, com a agência classificando-se como a 16ª do País.

Dez anos depois, já em 1977, com o crescimento do Município e consequente desenvolvimento do



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL  
DIRETORIA DE OBRAS E SERVIÇOS MUNICIPAIS

Alvará N. 1111/67

Processo N. 152/56

**ALVARÁ PARA** FUNCIONAR ESTAB. DE ELEVADORES  
EXERCICIO DE 1967

Havendo o Sr. BANCO DO BRASIL S/A

pagou à Tesouraria Municipal a importância de Cr\$ 44,00 (Quarenta e Quatro Cruzados Novos) e de Cr\$ 44,00 (Quarenta e Quatro Cruzados Velhos) em favor do Município de São Caetano do Sul, conforme guia de recolhimento n. 11613 para a FUNÇÃO DE ELEVADORES sito a Praça Cardinal Arco Verde esquina com a Rua Carlos de Campos é expedido o presente

"ALVARÁ PARA FUNCIONAR ESTAB. DE ELEVADORES"

São Caetano do Sul, 6 de Setembro de 1967

Escritório

*Robson Rodrigues*  
Diretor

O presente alvará é válido:

a) andaime: \_\_\_\_\_

b) para fins residenciais: \_\_\_\_\_

c) " " comerciais: \_\_\_\_\_

d) " " industriais: \_\_\_\_\_

e) demolição: \_\_\_\_\_

LOTE 201

folio N.º 8

Pag. 132

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

**REGISTRO DE IMÓVEIS**

Estado de S. Paulo

Município de São Caetano do Sul

Comarca de Santo André

Distrito de São Caetano do Sul

Oficial de Registro de

Imoveis da Comarca.

Certifico que a fls. 12 do livro 3-A foi transcrita hoje sob n.º 1.220 a. Ag. do imóvel: UM TERRENO com a arca de 467m2, em forma irregular, em "L", à Praça Cardinal Arcoverde, esquina da Rua Carlos de Campos, em São Caetano do Sul, desta comarca, adquirido pelo BANCO DO BRASIL S/A, Sociedade Anônima com sede no Rio de Janeiro, pelo valor de Cr\$1.300.000,00 (um milhão e trezentos mil cruzeiros), sob condições da Sociedade Comercial e Imobiliária São José Limitada, Sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com sede em São Caetano do Sul, conforme escritura de 6 de agosto de 1.954, das notas do 19º Tabelião da Capital, Hildeberto Vieira de Fello.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

centro comercial que se formou na Vila Gerty, foi autorizada a abertura de uma sub-agência na rua Visconde de Inhaúma, nº 1020, que em 1985, tornou-se autônoma.

A partir de 1986, com a extinção da chamada conta-movimento pela qual o Banco do Brasil tinha a permissão de utilizar recursos do Tesouro Nacional, a instituição passou a conseguir maior participação no mercado, multiplicando os serviços e produtos. Assim, se intensificou o leque de oferta de serviços aos clientes.

Em 1992, mais uma agência foi inaugurada em São Caetano do Sul. Localizava-se na rua Maceió, Bairro Barcelona. No entanto, três anos depois, este estabelecimento bancário teve as atividades encerradas.

**GARRA** - O entusiasmo do Banco do

Brasil não se arrefeceu com os revezes sofridos com a inflação galopante vivida pelo Brasil, que provocou tantos zeros em nossa moeda. Tanto que conseguiu sobreviver graças aos acertos e à lisura que sempre estiveram presentes como ideal da autarquia, e à garra dos funcionários que, durante todo esse tempo, não se deixaram atropelar pela História, mas foram peças importantes, uma vez que ajudaram a escrevê-la.

É assim que o Banco do Brasil tem mantido a trajetória nestes quase dois séculos de existência, dedicados ao serviço da pátria e do povo. De mãos dadas com o progresso, o Banco do Brasil encontra-se totalmente informatizado, promovendo o desenvolvimento e facilitando a vida dos clientes.

Como qualquer grande entidade, o Banco do Brasil de São Caetano do Sul é um local de trabalho onde cada um vê realizar o objetivo profissional, com dedicação, aperfeiçoamento e confiança no futuro. Os sonhos e sacrifícios de cada funcionário estão escritos nas páginas diárias de lutas, bom atendimento ao público, disciplina e assiduidade no cumprimento de deveres e respeito às metas desta importante instituição bancária, que continua a merecer o respeito de todos, graças à seriedade, marca registrada do Banco do Brasil.

(\*) Eva Bueno Marques é funcionária do Banco do Brasil de São Caetano do Sul, farmacêutica e membro da Academia Letras da Grande São Paulo.

# Meio século de Via Anchieta rememora marco da engenharia

(\*) Wlastemir di SENÇO

No dia 22 de abril de 1947, sob o comando do recém-empossado governador Adhemar Pereira de Barros, era apresentada ao Brasil e ao mundo a via que causou grande impacto, que jamais seria repetido, mesmo na inauguração de rodovias de condições técnicas superiores.

O aspecto de modernidade ficou mais patenteado pela presença, na fila de veículos que desceu a serra, dos modernos coachs de frente plana e de cor simbolicamente verde-amarela, dando uma visão do que seria, daí para a frente, o tráfego nas principais estradas do país.

Um degrau de quase 800 metros foi vencido, numa curta distância horizontal, de pouco mais de 6 km. A beleza plástica da via, cantada até em versos, transformava a descida num autêntico passeio, alegrado pela visão do mar, logo nos primeiros trechos.

A história das ligações entre o planalto e a baixada, confunde-se, em muitos lances, com a própria parte da história do Brasil, ocorrida no Estado de São Paulo.

Logo após a fundação de São Vicente muitos paulistas procuravam o caminho mais curto para o mar, descendo a serra e atingindo o canal para, daí, por mar, chegar ao Rio de Janeiro ou Lisboa.

Quando João Ramalho se estabeleceu no planalto passou a transpor a serra saindo do Perequê, em Cubatão, acompanhando o vale do Moji, virando à esquerda, seguindo pelo rio Grande até a Garganta de Botujuru. O caminho passou a ter o nome de Caminho de João Ramalho.



O padre José de Anchieta, seguindo ordens do padre Manoel da Nóbrega, começou a construir, em 1553, outro caminho, partindo do porto de Santa Cruz, no rio Cubatão, seguindo pelo rio Pedras em direção aos campos de Tibiriça.

Melhorado gradativamente, o Caminho do Padre José já se apresentava, no século XVII, como uma via consolidada e as mercadorias eram transportadas em lombos de burros. O transporte pessoal dos senhores era feito em redes sustentadas por índios.

Esse caminho, ao longo dos séculos, teve seu nome adaptado aos fatos históricos de nossa colonização e desenvolvimento. Assim, foi o Caminho do Padre José, Caminho do Planalto, Estrada das Lágrimas, Caminho de Piratininga, Estrada de Lorena, Caminho da Maioridade, Caminho das Diligências, Estrada do Vergueiro e, ainda, Estrada de Santos.

O nome de Caminho do Mar foi atribuído no século XVII, sendo que

no final do século XVIII, em 1790, recebia o grande melhoramento de ter parte de seu traçado pavimentado em lajes de pedra.

As deficiências do Caminho do Mar em relação à demanda cada vez mais intensa de transporte rodoviário - o número de caminhões aumentava de 222, em 1920, para 4.395, em 1924 - fez com que o governo Washington Luís planejasse uma nova ligação entre o planalto e o litoral. No entanto, envolvido com vastíssimo programa de obras, não pode concretizar suas intenções. Para comemorar o centenário da independência, em 1922, construiu os quatro monumentos existentes: Pouso do Paranapiacaba, Casa da Maioridade, Marco de Lorena e Cruzeiro Quinhentista.

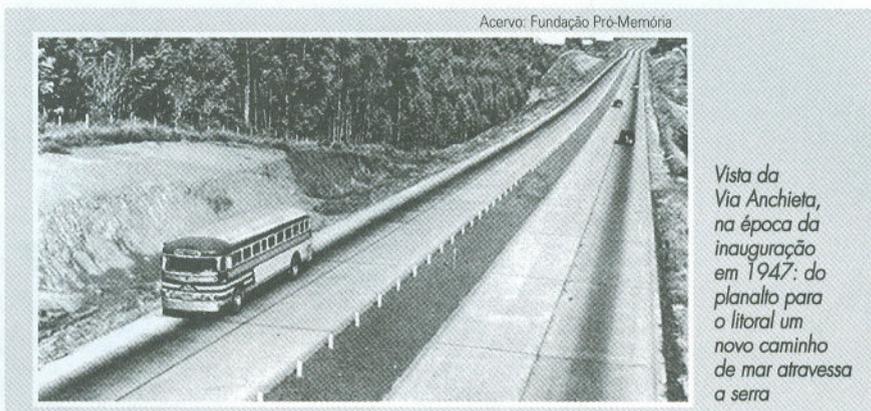
Em 1925, foi inaugurado ali o primeiro trecho de estrada da América do Sul em concreto de cimento, numa extensão de 8 km. Mesmo com a melhoria introduzida já se levantavam mais reclamos sobre a necessidade de cons-

truir-se entre São Paulo e Santos uma via que permitisse o transporte com segurança, rapidez e economia dos produtos de exportação e dos que entravam no país pelo porto de Santos.

No início da década de 30 o estado de São Paulo possuía mais de 70 mil veículos registrados, sendo 26 mil caminhões. Em 1934, as idéias já começavam a se formar: deveria ser construída uma nova estrada, com plataforma de 9 metros, raio mínimo das curvas no trecho de serra de 50 metros e rampa máxima de 6%. No trecho do planalto as retas seriam de extensão de 2 km e raio mínimo das curvas entre 250 e 500 metros. Eram esses os dados que o engenheiro Álvaro de Souza Lima, diretor-geral do DER, fornecia às autoridades estaduais em sua proposta para a construção da estrada.

Condições excepcionais em termos técnicos, para a época, lembrando que o desafio do degrau de cerca de 800 metros de altura continuava sendo uma barreira enorme, mormente sabendo-se da precariedade dos equipamentos então em uso. A construção da nova estrada foi, finalmente, autorizada pelo decreto nº 7.162, de 24 de maio de 1935, mediante financiamento, admitindo-se, desde logo, que seria cobrada taxa de utilização - pedágio - até que fossem amortizados o capital e os juros do investimento. O modelo pesquisado para a fixação das características técnicas foi o padrão dado às rodovias americanas na época, principalmente a Pennsylvania Turpike, onde, a exemplo de muitas outras estradas, o pedágio era cobrado.

A homenagem dada a José de Anchieta foi estabelecida pelo decreto nº 10.231, de 27 de maio de 1939, atribuindo-se à nova via, cuja construção ainda não fora iniciada, o nome de Via Anchieta. A construção da estrada começou em 10 de julho de 1939. Chefiava o DER o engenheiro Joaquim Timóteo de Oliveira Penteadó.



*Vista da Via Anchieta, na época da inauguração em 1947: do planalto para o litoral um novo caminho de mar atravessa a serra*

Com o início da 2ª Guerra Mundial, logo a seguir, as atenções foram naturalmente desviadas para as notícias da Frente Oriental, da capitulação da França, da retirada de Dunquerque, de Pear Harbor, do dia D, da rendição da Alemanha, de Hiroshima e Nagasaki, enfim dos principais fatos ocorridos no período de setembro de 1939 a agosto de 1945.

Lá na serra, lá na Baixada e aqui no Planalto, no entanto, com dificuldades imensas, viadutos, túneis, pontes, cortes, aterros, bueiros, valetas, camadas de macadame hidráulico, placas de concreto iam compondo o quadro da grande obra.

Dario de Castro Bueno, Ariovaldo de Almeida Vianna, Eduardo Celestino Rodrigues, Jorge Azem, Oscar Soares de Souza, Stephano da Collina, Hélio Lindenberg Quintanilha, Paulo Dutra da Silva, Alberto Pereira Rodrigues, Carlos Lichtenfelds e tantos outros enfrentavam, com seus comandados, no escritório e no campo, o trabalho das empresas que iam, palmo a palmo, vencendo os excepcionais obstáculos de uma construção marcada pelas dificuldades naturais do terreno e do clima, caracterizado pelas chuvas, garoas e nevoeiros, pelos caminhos de serviço quase intransponíveis, em certas épocas. Enquanto as notícias da guerra eram marteladas pelo rádio e jornais, milhares de homens tinham como maior motivação a obra que estavam construindo.

Ao lado do progresso das obras outra atividade pioneira era desenvolvida. Num casarão da rua Dona Veridiana, Luiz Filinto da Silva comandava uma equipe que introduzia no país os conhecimentos de Mecânica de Solos, aplicados às obras rodoviárias, seguindo os ensinamentos de Karl Terzaghi, apresentados no livro "Erdban Mekanick". A equipe de técnicos ali preparada estendeu suas atividades em outras obras e foi responsável pelas primeiras normas e especificações de serviços, documentos que nortearam a elaboração de outros semelhantes, que são vigentes em nossos dias.

Os trabalhos de construção da Via Anchieta foram divulgados por diversos tipos de publicações e também serviram para temas de teses e comunicações, em congressos, seminários e simpósios, por todo o país, despertando o máximo interesse dos técnicos de outros estrados e mesmo de técnicos estrangeiros.

Assim, quando se deu a inauguração, estava virada uma página da história da ligação entre o planalto e o litoral e, mais do que isso, uma página na história do rodoviarismo brasileiro. A via inaugurada, que era constituída de duas pistas, com duas faixas de tráfego cada uma no planalto e uma pista na serra, teve prosseguimento com a segunda pista na serra e as obras de acesso às cidades de Santos e São Vicente.

*(\*) Wlastermir de Senço é engenheiro, professor da USP e da FEI.*

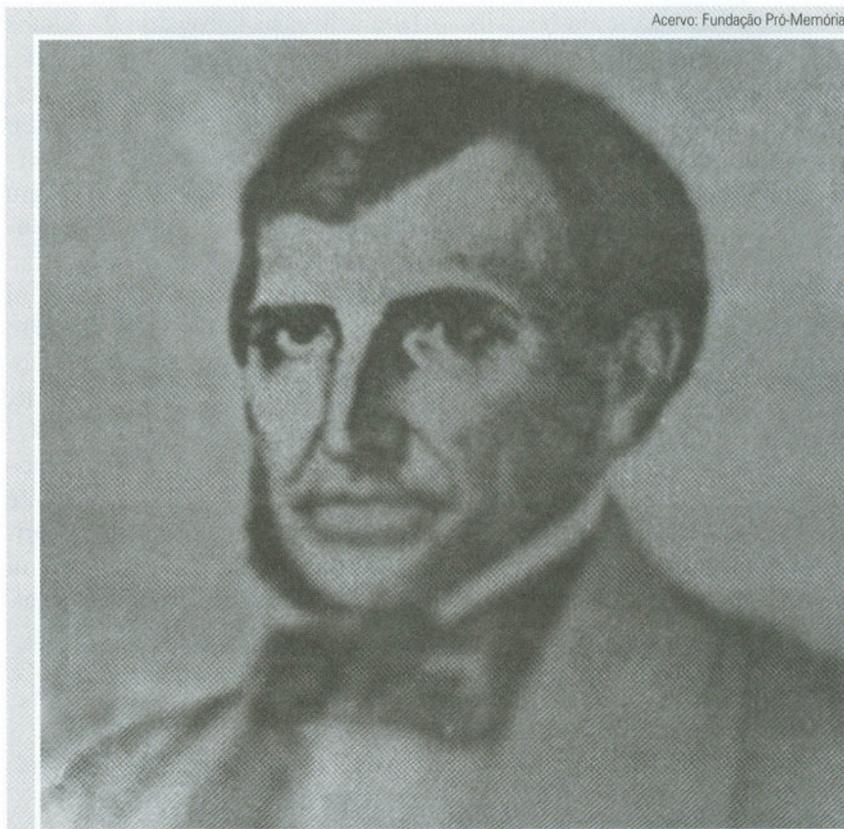
# *Estradas: um novo elemento na moderna paisagem paulista*

(\*) Guido FIDÉLIS

No livro *História e Tradições da Cidade de São Paulo* (edição especial sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário de São Paulo), o historiador Ernâni Silva Bruno relata que, no começo do século XX, acrescentou-se às ferrovias o interesse pelas estradas de rodagem, esboçando-se a era do automóvel, do caminhão e da jardineira. Às vezes, restaurando-se humildes e quase perdidos caminhos antigos, permitindo que novas vias se animasse com o movimento maior de veículos.

A partir de fins do século XIX, de outra parte, começaram a ser remodeladas ou substituídas as velhas e sólidas pontes portuguesas de pedra. E foi iniciada a era dos viadutos, construções que dariam à parte central de São Paulo alguns traços característicos de sua fisionomia. O primeiro deles - construído em 1892 - o antigo Viaduto do Chá, idealizado por Jules Martin, litógrafo francês radicado na cidade. Em 1913 ficou pronto o Santa Ifigênia.

**MUDANÇA** - Mas foi a partir de 1872 que os caminhos e sobretudo as estradas de ferro se refletiram sobre o sistema de equilíbrio e especialização entre zonas e os bairros da cidade. Em 1877, com a ferrovia para a zona norte da província, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, aconteceu com muitos lugares das vizinhanças da cidade o mesmo que ocorrera com outros quando se construiu a São Paulo Railway: perderam muito de sua importância e algumas de suas feições mais características. Já em 1880 era pequeno o movimento de tropas e de carros nos



Acervo: Fundação Pró-Memória

Foto de Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, personagem de importância fundamental na história do Grande ABC, responsável no tempo do Império pela Estrada de Ferro Santos-Jundiaí

caminhos do Rio de Janeiro, de Santos e de Jundiaí. Suas vendas de beira de estrada quase todas tinham desaparecido. E o próprio comércio de localidade como Penha, Freguesia do Ó e São Bernardo, decaiu de modo pronunciado.

Não se descudou o poder municipal das vias de ligação entre os bairros e localidades das vizinhanças que não dispunham de estrada de ferro. O Código de Posturas, de 1875, proibia estreitar, mudar ou impedir por qualquer forma as servidões. Fixava em 13 metros o mínimo para a sua largura. E proibia os cortes de espinhos e as der-

rubadas de árvores pela beira delas.

Mas apesar das modificações determinadas pela introdução das primeiras estradas de ferro, ainda em fins do século passado - na época da Proclamação da República - bem no centro da cidade subsistiam aspectos que lembravam os tempos em que pelos velhos caminhos é que os homens e as coisas chegavam a São Paulo. Everardo Valim Pereira de Sousa, nas suas evocações, observou que até aquela época o Piques - de onde se irradiavam quase todas as estradas antigas - era local onde havia uma porção de pousos para tropas. Para isso ele contava com invernadas muito boas,

sempre alimentadas pelas águas do misterioso riacho Saracura.

**SERTÃO** - Nos anúncios dos almanaques de Seckler (nos anos de 1885 a 1888) ainda se encontravam indicações que refletem essa função do Piques: uma espécie de boca da cidade voltada para o sertão, com seu chafariz, pontes, riachos, hospedarias, invernadas e ferradores. Anúncios como o do armazém de secos e molhados cuja especialidade eram os fumos de Ribeirão Preto, de Turvo ou Descalvado, além de gêneros da terra. E depósito de sal, de açúcar e de café. A propaganda revelava, ainda, que o comércio havia se deslocado em grande parte para a região da estrada de ferro, particularmente na rua da Estação.

É que as estradas de ferro foram desalojando de sua primitiva posição de relevo os velhos caminhos de tropas e de carros que irradi-

avam pela cidade. Marcaram elas com novos elementos a paisagem urbana e suburbana. E representaram fatores de enorme importância em relação ao desenvolvimento e à feição da cidade. Já em 1867 fora feita a ligação ferroviária de Santos a Jundiá, passando por São Paulo. Em 1875 a Municipalidade, no interesse de que a cidade fosse o centro de todas as comunicações ferroviárias da província, insistia em que São Paulo fosse o ponto de partida da estrada de ferro de Bragança.

**EXPANSÃO** - Nesse mesmo ano foi aberto o tráfego da Sorocabana entre a capital e Sorocaba. E passou a funcionar a Estrada de Ferro do Norte, entre São Paulo e Mogi das Cruzes.

“Daqui partem quatro ferrovias - escrevia em 1885-1887 o viajante Frank Vicent - para os grandes distritos cafeeiros do interior” - notou Caio Prado Júnior - os antigos cam-

inhos de penetração fluviais e terrestres da capitania.

O esplendor ferroviário de São Paulo foi simbolizado nessa época pela construção da Estação da Luz, edifício de proporções monumentais, dotada das comodidades mais notáveis edificações do seu gênero em todo o mundo. Construída sobre uma área de 7.250 metros quadrados, todo o seu material - desde plantas até os pregos - veio da Inglaterra. Inclusive as duas pequenas pontes que atravessam a linha, nem sequer os tijolos foram comprados no Brasil. Aliás, os ingleses estiveram ligados à construção e à direção das primeiras ferrovias de São Paulo. E um filho do inglês John Rudge - John Maxwell Rudge - até se improvisou engenheiro-ferroviário depois de ter exercido outras atividades, encarregando-se dos serviços de construção de linhas férreas em vários pontos da província.

**DESENVOLVIMENTO** - As estradas de ferro tiveram influência no desenvolvimento econômico e no crescimento da cidade. Não só em relação ao seu comércio, ligando, através de um sistema bem mais moderno que o dos caminhos e as tropas de burro, o interior à capital, como relativamente à formação e à localização do parque industrial. Foram as estradas de ferro que valorizaram certas várzeas desprezadas, fazendo com que em suas terras se edificassem bairros operários que se integraram no corpo urbano. Para facilitar o comércio e a indústria no fluxo importação/exportação chegou a ser instalada, a partir de 1895, uma alfândega seca, entre os bairros do Brás e do Pari. Hoje, remanesce apenas o nome, denominando uma rua, da Alfândega.

Acervo: Fundação Pró-Memória

A Estação Ferroviária de Paranapiacaba, em 1997. A Rede Ferroviária Federal foi recentemente revitalizada, o que promoverá novas mudanças na malha ferroviária nacional



(\*) Guido Fidélis é jornalista, escritor e faz parte do Conselho Editorial da revista Raízes.

# A fé bahá'í também está presente em São Caetano do Sul

(\*) Fariba Shaikhzadeh VAHDAT

**E**m 1955, chegava a São Caetano do Sul a primeira família de pioneiros bahá'ís - família Sahihi (Abdolláh, 32 Tahereh, 27, Mahasti, seis, e Vênus, cinco). Abdolláh era um bem-sucedido Engenheiro Agrônomo da Companhia de Petróleo do Irã, localizada em Abadan, quando juntamente com a esposa e filhos decidiu participar da Cruzada dos 10 anos, um programa internacional do Movimento Bahá'í para estabelecimento de novas comunidades em todo o mundo.

O chefe de família partiu de sua terra natal com recursos próprios e, após viajar cerca de dois meses, chegou ao Brasil, fixando residência em São Caetano do Sul. Aqui, após um período de adaptação à nova cultura e idioma, começou a trabalhar nas Indústrias Matarazzo, na divisão Geon, onde permaneceu por oito anos, vindo a ocupar o cargo de Chefe de Produção.

Juntamente com a família Sahihi partira também do Irã, com destino ao Brasil, uma outra família, a do Engenheiro Químico Qudrat' ullah Soltani (Quadrat, 30, Ferdosieh, 24, Soheila, dois e meio). Porém, Quadrat optou como primeira morada em território brasileiro, a cidade de São Vicente. Um ano depois, em 1956, as duas famílias se reencontraram com a vinda do engenheiro químico para São Caetano do Sul.

Nos meses subsequentes, outros pioneiros bahá'í, procedentes de diversas de diversas partes do mundo, se somariam às duas famílias, possibilitando, em 1957, a eleição do 1º Conselho Local Bahá'í de São Caetano do



Primeira família de pioneiros bahá'ís em São Caetano do Sul, Família Sahihi. Da esquerda para a direita Tahereh, Mahasti, Vênus e Abdolla

Sul. A missão deste conselho era promover, na região, os princípios de unidade na diversidade, amor universal e paz mundial enunciados pelo pensador religioso Bahá'u'lláh, há pouco mais de um século.

**MOVIMENTO** - A Fé Bahá'í é a mais jovem das religiões mundiais independentes. O seu fundador, Bahá'u'lláh (1817-1892), é considerado pelos bahá'ís como o mais recente na linha dos Mensageiros de Deus, que remonta aos primórdios da História e da qual fazem parte Abraão, Moisés, Buda, Zoroastro, Cristo e Maomé.

O tema central da mensagem de Bahá'u'lláh é o conceito de que a humanidade representa uma única raça e que é chegado o dia de sua unificação em uma sociedade global. Deus, declarou Bahá'u'lláh, pôs em marcha forças históricas que estão rompendo

as barreiras tradicionais de raça, classe, credo e nação e que irão, no devido tempo, dar à luz uma civilização universal. O principal desafio que se coloca aos povos do mundo é aceitar o fato da unidade do gênero humano e auxiliar os processos de sua unificação.

Um dos propósitos da Fé Bahá'í é contribuir para que isto se torne realidade. Uma comunidade mundial formada por cerca de seis milhões de bahá'ís, representando a maioria das nações, raças e culturas da Terra, está trabalhando para conferir aos ensinamentos de Bahá'u'lláh um resultado prático. A experiência desta comunidade é uma fonte de encorajamento para todos aqueles que compartilham de sua visão, segundo a qual a humanidade é uma única família global e, o planeta, a sua terra natal.

**ENSINAMENTOS** - Bahá'u'lláh ensi-

nou que há somente um Deus e que as sucessivas revelações de Sua vontade à humanidade têm sido a principal força civilizadora da História. Os agentes deste processo têm sido os Mensageiros Divinos, a quem os homens têm considerado fundadores de sistemas religiosos separados, mas cujo propósito comum tem sido conduzir a raça humana à maturidade moral e espiritual.

A humanidade agora está se aproximando de seu período de maturidade. É este fato que torna possível a unificação da família humana e a edificação de uma sociedade pacífica e global. Entre os princípios que a Fé Bahá'í promove como vitais à conquista desta meta encontram-se os seguintes:

- O abandono de todas as formas de preconceito;
- A plena igualdade de direitos e oportunidade entre homens e mulheres;
- O reconhecimento da unidade e da relatividade da verdade religiosa;

- A eliminação dos extremos de pobreza e riqueza;

- A concretização de uma educação universal;

- A responsabilidade de cada indivíduo na pesquisa independente da verdade;

- O estabelecimento de uma federação mundial de nações; O reconhecimento de que a verdadeira religião está em harmonia com a razão e com a busca do conhecimento científico.

**FILOSOFIA** - Bahá'u'lláh advogava que todo o ser humano é *uma mina rica em jóias*, desconhecida até mesmo por seu próprio dono, quanto mais pelos outros, sendo inesgotável em suas riquezas. O propósito da vida, portanto, residiria, no desenvolvimento destas capacidades tanto para si próprio quanto para o serviço à humanidade. A vida neste mundo, segundo Bahá'u'lláh, é similar à vida de uma criança no ventre materno: os poderes morais, intelectuais e espirituais que um ser humano desenvolve aqui, com o auxílio de Deus, serão os *membros* e

*órgãos* necessários ao progresso da alma nos mundos além desse plano terreno.

O modo de vida que os bahá'ís procuram cultivar é aquele que encoraja o desenvolvimento pessoal. Oração e meditação diárias libertam a alma de modelos condicionantes, abrindo-lhe novas possibilidades. Trabalhar em diferentes projetos, conjuntamente com pessoas de diversas origens, põe por terra preconceitos tradicionais. O uso de álcool ou drogas narcóticas é evitado, exceto quando prescrito por razões médicas, pois estas substâncias fazem mal ao corpo e embotam a mente. Isto também é aplicável ao hábito da maliciância a qual enfraquece a confiança entre as pessoas e solapa o espírito de unidade do qual depende o progresso humano.

Os escritos do reformador Bahá'u'lláh atribuem grande importância à instituição da família, considerando-a a base da sociedade humana. A santidade do matrimônio, o reconhecimento da igualdade entre cônjuges e a utilização da consulta são especialmente enfatizados.

**ORIGEM** - Para os bahá'ís, o processo evolutivo é uma característica essencial a todas as manifestações de vida incluindo as revelações de Deus. A série de estágios através dos quais a sua própria Fé gradualmente se desenvolveu, estabelecendo-se em todo o mundo, é, em si, uma expressão deste princípio.

O crescimento da Fé Bahá'í tem sido marcado, também, por uma segunda característica - uma característica que também marcou o período formativo da história de cada uma das religiões mundiais anteriores. As implicações de um novo estágio no desdobramento da vontade de Deus são indesejáveis a segmentos influentes da sociedade existente. O resultado tem sido, frequentemente, uma perseguição severa aos seguidores da nova fé. Durante o primeiro século e meio

Acervo: Fariba S. Vahdat



Primeira Assembléia Espiritual Local dos Bahá'ís de São Caetano do Sul Da esquerda para a direita: Tahereh Sahihi, Abdilláh Sahihi, Ghosieh Ashraf, e Amanollah Shafa. Em pé, da direita para a esquerda: Manutchehr Nikobin, Pavin Sadegh, Shapoor Monadjem, Ferdosieh Soltani, Qudratulláh Soltani.



Família Soltani foi a segunda família bahá'ís em São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita Ferdosieh, Goli, Soheila e Quadrillanca.

de vida, a Fé Bahá'í passou por vários períodos de tal opressão.

**REVELAÇÃO** - No dia 23 de maio de 1844, em Shiráz, na Pérsia, um jovem conhecido como o *Báb* (1819-1850) anunciou o eminente aparecimento do Mensageiro de Deus aguardado por todos os povos do mundo. O título *Báb* significa *A Porta*. Embora Ele próprio fosse o portador de uma revelação independente, procedente de Deus, o *Báb* declarou que Sua missão era a de preparar a humanidade para este advento.

Uma imediata e selvagem perseguição se seguiu a este anúncio, instigada pelo influente clero muçulmano. O *Báb* foi preso, espancado, encarcerado e finalmente executado em praça pública na cidade Tabriz, em 9 de julho de 1850. Cerca de 20 mil de seus seguidores, os babís, pereceram em uma série de massacres em toda a Pérsia. Hoje, o majestoso edifício com cúpula dourada que contempla a Baía de Haifa, em Israel, e se ergue em meio a graciosos jardins, é o sepulcro onde os despojos do *Báb* descansam.

Bahá'u'lláh (1817-1892) era membro de uma das destacadas famí-

lias nobres da Pérsia - uma família que podia traçar sua linhagem até as dinastias reinantes do passado imperial da Pérsia, sendo dotada de riqueza e vastas possessões. Colocando de lado a Sua posição na corte e as vantagens que esta Lhe oferecia, tornou-se conhecido por Sua generosidade e bondade, as quais O tornaram profundamente amado por Seus concidadãos.

Esta posição privilegiada, contudo, não se manteve por muito tempo após Bahá'u'lláh anunciar Seu apoio à mensagem do *Báb*. Arrastado pelas ondas de violência desencadeadas sobre os babís após a execução do *Báb*, Bahá'u'lláh sofreu não somente a perda de todos os Seus bens terrenos, como também foi sujeitado ao cativeiro, à tortura e a uma série de exílios. O primeiro deles foi para Bagdá, onde em 1863, anunciou ser Ele próprio Aquele prometido pelo *Báb*. De Bagdá, Bahá'u'lláh foi desterrado para Constantinopla, Adrianópolis e, finalmente, para 'Akká, na Terra Santa, onde desembarcou como prisioneiro em 1868.

De Adrianópolis e, mais tarde, de

'Akká, Bahá'u'lláh enviou uma série de cartas aos governantes do Seu tempo, as quais se encontram entre os documentos mais notáveis da história religiosa. Elas proclamavam a iminente unificação da humanidade e o surgimento de uma civilização mundial. Os reis, imperadores e presidente do século 19 foram convocados a reconciliar as diferenças, reduzir os arsenais e a devotar as energias ao estabelecimento da paz mundial.

Bahá'u'lláh faleceu em Bahjí, ao norte de 'Akká, e lá descansam os Seus despojos. Os Seus ensinamentos, então, já se espalhavam para além dos confins do Oriente Médio, e o Seu Sepulcro é, hoje, o ponto focal da comunidade mundial que estes ensinamentos trouxeram à existência.

**INTÉRPRETE** - Desde a primeira infância, 'Abbás Effendi, o filho de Bahá'u'lláh, compartilhou os sofrimentos e exílios de Seu pai. Ele escolheu para Si próprio o título de *Abdu'l-Bahá* (1844 -1921) que significa *Servo de Bahá*. Bahá'u'lláh designou-O como o único intérprete autorizado dos ensinamentos bahá'ís e o dirigente da Fé após o Seu próprio passamento. Em 'Abdu'l-bahá podia-se ver um perfeito exemplo do modo de vida bahá'í.

Enquanto '*Abdu'l-Bahá* era ainda um prisioneiro do governo otomano, os primeiros peregrinos bahá'ís do Ocidente desembarcaram em 'Akká, em 1898. Após a Sua libertação, em 1908, '*Abdu'l-Bahá* realizou uma série de viagens, as quais, no período de 1911 a 1913, O levaram à Europa e à América. Em todos os lugares por onde passou, Ele proclamou a mensagem de unidade e justiça social de Bahá'u'lláh a congregações religiosas, sociedades pacifistas, membros de sindicatos de trabalhadores, universidades, jornalistas, oficiais do governo e a muitas audiências públicas.

'*Abdu'l-Bahá* faleceu em Haifa, Israel, tendo consolidado os alicerces

da Fé Bahá'í e ampliado grandemente o seu alcance. As salas mais ao Norte do Sepulcro do Báb, onde Ele se acha sepultado, são um lugar de peregrinação para todos os bahá'ís em visita ao Centro Mundial da Fé Bahá'í.

**ORGANIZAÇÃO** - A Casa Universal de Justiça, ordenada por Bahá'u'lláh como a autoridade legislativa na Fé Bahá'í, veio à existência em 1963. É um corpo formado por nove membros e eleito a cada cinco anos por todos os integrantes das instituições governamentais nacionais do mundo bahá'í.

A Casa Universal de Justiça dirige os assuntos espirituais e administrativos da Comunidade Internacional Bahá'í. Ela atua, também, como guardiã e administradora dos Lugares Sagrados Bahá'ís e de outras propriedades na Terra Santa. Investida por Bahá'u'lláh com a autoridade de legislar sobre todas as questões não tratadas especificamente nas escrituras bahá'ís, a Casa Universal de Justiça é a instituição que mantém a comunidade bahá'í em sintonia com um mundo em permanente mudança.

**CENTRO** - Assim como ocorre com outras três religiões mundiais (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), são os elos de circunstâncias históricas que ligam a Fé Bahá'í à Terra Santa. As casas e os outros lugares associados ao exílio, aqui, de Bahá'u'lláh e 'Abdu'l-Bahá, têm sido carinhosamente restaurados pela Comunidade Bahá'í.

Todo ano, milhares de bahá'ís visitam Haifa e 'Akká e têm o privilégio de conhecer estes lugares na companhia de outros fiéis provenientes das mais variadas regiões do globo. Em intervalos de cinco anos, os representantes eleitos das comunidades bahá'ís nacionais reúnem-se em Haifa para eleger os membros da Casa Universal de Justiça, a qual, de sua Sede, no Monte Carmelo, administra os assuntos internacionais da Fé.

O corpo de funcionários da Casa

Universal de Justiça compreende voluntários bahá'ís oriundos dos cinco continentes. Vivendo na área de Haifa e 'Akká, os membros deste corpo, a convite, prestam serviço durante períodos de tempo variáveis.

**DIVERSIDADE** - A comunidade bahá'í congrega, hoje, cerca de seis milhões de pessoas residentes em 166 nações independentes e 48 territórios. A sua rica diversidade abrange pessoas da maioria das raças, crenças e culturas, incluindo mais de 2,100 diferentes grupos étnicos.

Não há clero na Fé Bahá'í. Por ter a humanidade ingressado na fase madura, cada indivíduo está apto a investigar a revelação de Deus e decidir sobre as questões da vida através da prece, da reflexão e da consulta com os demais. Para tornar isto possível, as escrituras bahá'ís já foram traduzidas para cerca de 750 diferentes idiomas.

O mesmo princípio se aplica à vida coletiva da comunidade. Conselhos eleitos, chamados *Assembléias Espirituais*, administram os assuntos da Fé, tanto a nível local quanto nacional. Todos os crentes adultos são igualmente elegíveis e a eleição se realiza por meio de votação secreta e maioria relativa de votos.

O trabalho da Fé é inteiramente mantido através de contribuições voluntárias dos seus membros. Contribuir ao fundo bahá'í é considerado como um dos privilégios dos membros da comunidade; a Fé não aceita contribuições de fora.

**ECUMENISMO** - Os Templos Bahá'ís são abertos a todos os povos. Seus estilos arquitetônicos diferem grandemente, mas todos possuem nove lados e um domo central que simbolizam, ao mesmo tempo a diversidade da raça humana e sua unidade essencial. Os programas devocionais são simples, consistindo de orações, meditações e da leitura de seleções das Escrituras Sagradas da Fé Bahá'í e de outras religiões mundiais.

Conforme concebido por Bahá'u'lláh, o Templo deve ser o centro espiritual de várias instituições anexas, dedicadas ao serviço científico, humanitário, educacional e administrativo.

**PROJETOS** - Do ponto de vista do desenvolvimento económico e social, a característica mais interessante da vida comunitária bahá'í é o seu singular sistema de consulta. Bahá'u'lláh ensinou um padrão de tomada de decisão em grupo baseado na busca pelo consenso. Seria correto dizer que, em sua maioria, os membros da Fé Bahá'í são, em um grau maior ou menor, estudantes do processo consultivo.

As possibilidades de desenvolvimento social e económico deste sistema se tomaram visíveis, primeiramente, no início deste século, no Irã onde os bahá'ís iranianos criaram as suas próprias escolas, clínicas e outros serviços sociais, incluindo a primeira escola iraniana para meninas.

Hoje, projetos de desenvolvimento proliferam, especialmente no Terceiro Mundo. Esses projetos incluem escolas tutelares, clínicas locais, aulas sobre cuidados com a saúde, projetos em agricultura, reflorestamento, aconselhamento sobre alcoolismo e creches. O programa de serviço comunitário das estações de rádio bahá'ís abrange não apenas assuntos de ordem prática, mas também o reconhecimento da cultura nativa.

Nascidos da avaliação das necessidades locais por parte de Assembléias Espirituais eleitas localmente, os projetos bahá'ís de desenvolvimento são, essencialmente, empreendimentos comunitários. Não há dúvidas de que este fato explica o caráter auto-suficiente de grande parte do trabalho.

**UNIDADE** - A Fé Bahá'í ensina que a verdadeira religião promove a unidade e que essa unidade é o pré-requisito fundamental à conquista da paz global. "O bem-estar da humanidade", declarou Bahá'u'lláh, *a sua paz e*

segurança, são inatingíveis a menos que a sua unidade seja firmemente estabelecida”.

Entre as medidas que a comunidade bahá'í advoga como contribuições à unidade mundial destacam-se: uma federação de nações, uma língua auxiliar intemacional, a coordenação da economia mundial, um sistema universal de educação, um código de direitos humanos para todos os povos, um mecanismo integrado para comunicação global e um sistema universal de moeda, pesos e medidas.

Acreditando que as Nações Unidas representam o maior esforço no processo de unificação do planeta, os bahá'ís têm apoiado os trabalhos desta organização de todas as formas possíveis. A Comunidade Intemacional Bahá'í atua em caráter consultivo junto ao Conselho Econômico e Social (Ecosoc) e junto ao Fundo de Assistência à Infância das Nações Unidas (Unicef). Os escritórios da Comunidade, em Nova Iorque e Genebra, e bahá'ís de numerosos lugares, participam regularmente em conferências, congressos e seminários relacionados à vida sócio-econômica do planeta.

Os sofrimentos que os seus próprios companheiros de crença experimentaram como vítimas de perseguição religiosa têm, particularmente, sensibilizado os bahá'ís com relação aos ensinamentos de Bahá'u'lláh que tratam dos direitos humanos. A Comunidade Intemacional Bahá'í participa ativamente das consultas das Nações Unidas que tratam dos direitos das minorias, da condição da mulher, da prevenção do crime, do controle de drogas narcóticas, do bem-estar das crianças e da família e do movimento em favor do desarmamento.

**BRASIL** - A Comunidade Bahá'í está estabelecida no Brasil desde fevereiro de 1921, data da chegada de Leonora Holsapple Armstrong, pioneira bahá'í norte-americana- Essa senhora fale-



Encontro bahá'í em São Caetano na atualidade

ceu na Bahia, em 1980, e desde aquele ano as Assembléias Legislativas Estaduais e Câmaras Municipais de Vereadores de diversas capitais e cidades brasileiras a têm homenageado.

Os bahá'ís do Brasil constituem uma comunidade diversificada, com centenas de conselhos locais denominados *Assembléias Espirituais Locais*, diversas instituições regionais, e milhares de membros procedentes de origens sociais, econômicas, culturais e étnicas as mais diversas, residentes em aproximadamente 1.215 cidades e municípios brasileiros.

A Comunidade Bahá'í é conhecida no Brasil também por seus projetos de desenvolvimento econômico e social em diversas regiões do país. Por exemplo, em Brasília, inaugurou a Escola das Nações que desenvolve uma educação voltada para os conceitos de unidade da humanidade e cidadania mundial; em Manaus, mantém a Escola Vocacional Masrovr; em Iranduba (AM), criou o Instituto Politécnico Rural; na Ilha de Afarajó (PA), organizou o Centro vocacional de Salvaterra; em Porto Feliz (SP), dirige a Associação Monte Carmelo, destinada à educação de crianças carentes; em Mogi Mirim (SP) mantém

um moderno Centro Educacional e de Convenções; na Bahia, coordena diversos projetos de desenvolvimento junto a populações carentes, dentre outros.

No ano de 1986, designado pelas Nações Unidas como o "Ano Intemacional da Paz", a Comunidade Bahá'í do Brasil recebeu a comenda de "Mensageira da Paz", em documento oficialmente expedido pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, Dr Javier Perez de Cuéllar.

Em 1992, durante a realização da Conferência Mundial para Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO 9 - a Comunidade Bahá'í dirigiu a palavra a todos os chefes de Estado e Governo na Conferência Oficial e ofereceu à cidade do Rio de Janeiro e a todos os que promoveram a Conferência Mundial, um belo monumento dedicado à Paz Mundial, de autoria do artista plástico Siron Franco, hoje instalado no Aterro do Flamengo.

(\*) Fariba Shaikhzadeh Vahdat é Engenheira Química formada pela Escola de Engenharia Mauá. É também Coordenadora de Projetos de Educação Complementar junto a escolas e universidades. Pesquisadora de temas relacionados a processos de aprendizagem e teorias comportamentais.

# Núcleo de convivência Menino Jesus completa 40 anos no Município

Yolanda ASCÊNCIO (\*)

O núcleo de convivência Menino Jesus foi fundado em São Caetano do Sul, no dia 28 de fevereiro de 1956, como extensão da Associação Lar Menino Jesus, com sede em Santo André, entidade esta, criada por Dom Jorge Marcos de Oliveira, bispo diocesano.

Em 1959, a entidade adquiriu uma propriedade, em São Caetano do Sul, na rua Senador Roberto Simonsen, começando a desenvolver um trabalho de atendimento a meninos em regime de internato, com o nome de Casa de São Caetano. Os internos da casa de São Caetano frequentavam o Grupo Escolar do bairro.

Nos idos de 1968 e 1969, quando da avaliação dos trabalhos realizados, foi decidido, com a anuência de Dom Jorge, que a Casa de São Caetano passaria a funcionar em regime de semi-internato, atendendo não só meninos, mas também meninas, com maior participação das famílias e da comunidade em geral. Ainda em 1969, foi iniciada a construção da nova Casa de São Caetano (hoje situada na rua Justino Paixão, nº 45, Bairro Mauá), com a denominação de Centro Social São Caetano.

Os Rotary Clubes da cidade, bem como a população de classe média e a Prefeitura Municipal, colaboraram para a conclusão da obra, cuja inauguração se deu em 1972.

**VOLUNTÁRIOS** - Em 1975, estudantes, técnicos e famílias da comunidade começaram a prestar serviço ao Centro Social São Caetano, como voluntários, única forma encontrada para que as atividades da entidade não fossem interrompidas, dada a falta de recursos financeiros.



Núcleo de Convivência Menino Jesus

Acervo: Yolanda Ascêncio

Em 1985, o Centro começou a encontrar dificuldades no contato com a Matriz, buscando maior liberdade de ação, continuando, no entanto, a se servir dela no atendimento das crianças.

Em 1989, o Centro atendia 120 crianças, de ambos os sexos, na faixa etária de 13 e 14 anos, no horário de 7h30 a 17h30, com quatro refeições (projeto Profic), atendimento médico pela Prefeitura Municipal. O atendimento odontológico era feito por dois profissionais voluntários, em seus consultórios. Havia também um curso de datilografia, ministrado por professores voluntários do COPI.

Nessa época, os recursos financeiros para a manutenção do Centro eram provenientes do Projeto Profic, Fundação LBA, subvenções da Prefeitura Municipal, promoções e doações.

**ESTATUTO** - Em 1990, muito mais se trabalhou para a integração da entidade na comunidade. Tal objetivo fundamentou-se no Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8069 de 13 de julho de 1990, que em seu Artigo 5º enfoca a obrigação da sociedade de garantir à criança e ao adolescente o direito a liberdade, ao respeito e à dignidade da pessoa humana. Ainda em 1990, 120 crianças frequentavam o Centro em idade escolar e pré-escolar. As crianças

em idade pré-escolar eram atendidas pela EMEI Maria D'Agostini, enquanto as crianças em idade escolar frequentavam a EEPG Senador Roberto Simonsen.

Os anos de 1993 e 1994 marcaram, na vida do Centro uma fase de grandes dificuldades financeiras que geraram insegurança, angústia e medo. Foi então que surgiu a idéia de formar uma comissão para estudar e preparar a emancipação da entidade.

Em abril de 1995, de comum acordo com a Matriz, houve uma Assembléia Geral para a instalação do atual Núcleo de Convivência Menino Jesus,, com estatuto próprio, gerenciado por uma Diretoria Executiva e um Conselho Fiscal.

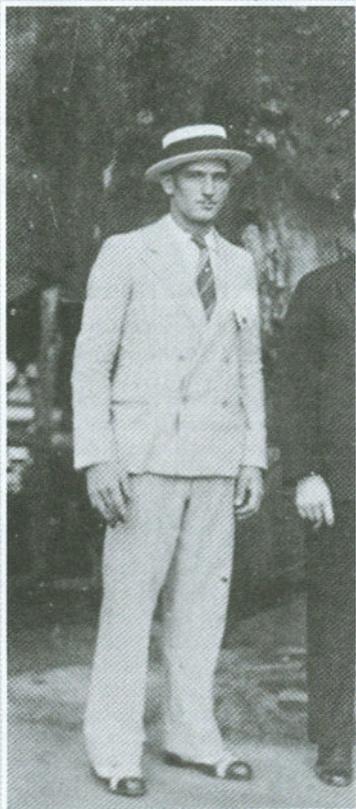
Em 28 de fevereiro de 1996, quando entidade completava 40 anos de serviços prestados a São Caetano do Sul, uma Assembléia Geral decidiu pela locação da parte externa do imóvel, com o objetivo de garantir alguns recursos fixos para a manutenção da casa.

Atualmente, o Núcleo de Convivência Menino Jesus atende a 85 crianças no período não-escolar. Essas crianças, na faixa etária de sete a 12 anos recebem refeições, banho, atendimento de saúde, reforço escolar, praticam esportes, enfim, têm no Núcleo de Convivência Menino Jesus, a proteção e o carinho de que necessitam na ausência dos pais que trabalham. É preciso ressaltar, em toda a história do Núcleo de Convivência Menino Jesus, a grande contribuição do serviço voluntário.

(\*) Yolanda Ascêncio, professora aposentada, ex-vereadora, escritora, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo.

# O São Caetano Esporte Clube, a Campanha do Ouro da Revolução e 1932

Acervo:Fundação Pró-Memória



Albino Martorelli foi o primeiro jogador do clube a doar suas medalhas, em 1932. Nascido em São Caetano em 12 de outubro de 1912, onde sempre viveu, veio a falecer em 8 de agosto de 1996, com a idade de 83 anos. Homem de grande cultura, patriota exemplar, apaixonado pelo clube, mantendo autêntica tradição familiar. Atleta dedicado e competente, defendeu o clube nas modalidades de futebol, pingue-pongue e bochas. Graças às suas habilidades, destacou-se em todas que praticou, chegando a tomar-se, em bochas, um dos principais jogadores do Estado. No futebol, além do S.C.E.C., destacou-se na Portuguesa de Desportos, da Capital, e na Seleção Paulista. Jornal especializado designou-o como um dos destaques do torneio que inaugurou o Estádio do Pacaembu, em 1940. Seu nome, foi dado, com muito merecimento, ao Ginásio de Bochas do Clube, já há muitos anos. Seu valor, felizmente, foi reconhecido ainda em vida.

Oscar GARBELOTTO(\*)

**A** Revolução Constitucionalista de 1932 teve início no dia 9 de julho, trazendo à população de São Paulo euforia sem precedentes. A guerra era o desaguar de emoções reprimidas ao longo dos últimos anos, particularmente, após a vitória de Vargas em outubro de 1930. O gaúcho vitorioso assumira plenos poderes no governo federal e, como querendo liquidar com a hegemonia da economia paulista, submeteu São Paulo a toda sorte de humilhações. A revolução apenas fez explodir, de uma só vez, os amordaçados desejos dos paulistas de fazer retornar a São Paulo e ao Brasil o que fora perdido com a ditadura de Getúlio Vargas: a democracia, a Constituição.

Dentro deste quadro de extremo patriotismo e exaltação aos valores propugnados pela revolução e, tão bem expostos à população pela palavra eloqüente de Ibrahim Nobre, Guilherme de Almeida e tantos outros, era natural que o clima chegasse a São Caetano. A mobilização e busca de recursos para sustentar a luta armada logo encontraram apoio local e, rapidamente, formou-se a Comissão Pró-Capacete de Aço, composta por: Victorio Dal'Mas, Pompeu Andreuc-

ci, W. Coelho e David Cuccato. Mobilizava-se São Caetano, colaborando com a Campanha do Ouro lançada na capital paulista.

O São Caetano Esporte Clube era um dos mais importantes clubes da cidade e, como os demais, certamente, foi procurado para a grande campanha cívica paulista.

O clube recebeu diversos pedidos a respeito: da Associação Comercial de São Paulo, da Associação Paulista de Esportes Amadores (APEA) à qual estava filiado e da Comissão Pró-Capacete de Aço, já referida. Francisco Matarazzo, o Conde, na época o maior industrial paulista e muito conhecido na cidade, onde implantara parte significativa do seu império industrial, dirigiu ao clube o seguinte apelo: "Para este Clube sacrificar seus trophéus, glórias de 18 anos para o bem de São Paulo, prontificando-se a cooperar para que fosse colocado na sede social, um quadro fazendo constar as doa-

Acervo:Fundação Pró-Memória



Germano Miazzi, presente na Assembléia Geral, doou medalhas para a Campanha do Ouro. Nesta carteira de 1930, sua condição era de sócio jogador. Hábil marceneiro, muito contribuiu em sua profissão com o clube. Germano nasceu em 14 de fevereiro de 1909, tendo falecido em Valinhos, onde morou os últimos anos, em 1995 com a idade de 84 anos. Em 1932, tinha 23 anos. Quem assinou a carteira como presidente foi João Baptista de Lima, também presidente em 1932.

ções e os dizeres dos objetos para comprovar no futuro o mobilante gesto deste glorioso Clube”(sic). Na mesma carta, Matarazzo oferecia seus préstimos para a nobre causa que São Paulo acabava de abraçar.

**ASSEMBLÉIA** - O presidente do São Caetano Esporte Clube era João Baptista de Lima, pessoa querida na cidade. Farmacêutico por profissão exerceu também as importantes funções de delegado do então distrito de São Caetano. Morava na rua Rio Grande do Sul, entre as ruas Pará e João Pessoa.

Recebendo as cartas, de imediato convocou Assembléia Extraordinária Geral para o dia 26 de agosto de 1932. O momento e os pedidos mereciam profundo debate. Era importante ao alvinegro dar respostas claras aos pedidos. Afinal parte significativa de seu patrimônio esportivo -

conquistado em 18 anos - estava em jogo e natural era o surgimento de opiniões divergentes sobre o delicado momento.

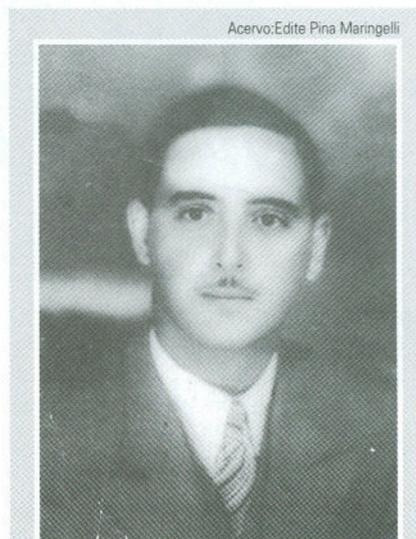
O que estava em confronto era o alto espírito cívico que despertava o Movimento Constitucionalista e o amor profundo dedicado ao São Caetano, verdadeira paixão à sua bem sucedida presença no futebol paulista. Não podemos esquecer que, entre os troféus a serem doados, estava o de Campeão Paulista do Interior, na memorável campanha de 1928, até então a maior conquista e maior orgulho da equipe e, por que não dizer, de toda a cidade.

**DIFICULDADES** - O presidente João Baptista de Lima marcou a Assembléia para a noite de 22 de agosto de 1932. O andamento da Revolução atingia o ápice com as cruentas batalhas na frente de Buri, dias antes.

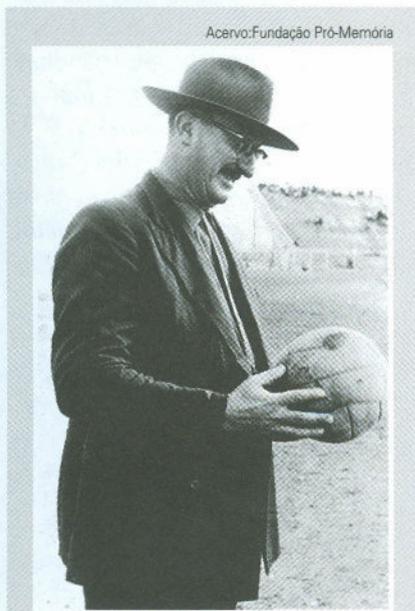
As dificuldades eram grandes: poucas armas e munições davam oportunidade à criatividade dos paulistas. Daí a necessidade de angariar fundos para reestruturar a difícil luta. Afinal, São Paulo, traído por Minas e Rio Grande do Sul, lutava sozinho, cercado por todos os lados.

A sede da rua 28 de julho foi preparada para a reunião: mesa principal, cadeiras pelo salão aguardavam os associados. A noite fria e escura de agosto, por volta das 20 horas foi recebendo os primeiros grupos. Já sabedores do delicado assunto a tratar, as conversas giravam sobre os últimos acontecimentos da revolução e em busca de uma resposta. O que fazer diante dos pedidos recebidos? O senso de responsabilidade daquela gente aumentava ainda mais a preocupação reinante.

Precisamente às 21 horas o presidente declarava aberta a Assembléia em 1ª convocação e diante da falta de número legal, determinava o aguardo de mais 15 minutos para, enfim, abri-la em segunda convoca-



*Vicente Luiz Pina foi o secretário da importante Assembléia Geral. Minucioso, soube transcrever com rara felicidade todos os momentos dramáticos, carregados de emoção, que marcaram a decisão do São Caetano Esporte Clube em doar seus troféus. Pina, membro de tradicional família portuguesa da cidade, nasceu em 13 de dezembro de 1910, em Portugal. Veio para o Brasil com o pai, Fausto Luiz Pina, com quatro anos de idade. Seguindo os passos do pai, tornou-se próspero negociante. Desde a década de 1940, na rua Santa Rosa, em São Paulo. Além de ter servido o São Caetano Esporte Clube como diretor, anos mais tarde foi destacado dirigente da Portuguesa de Desportos. Na ocasião da Assembléia tinha 21 anos. Faleceu em 6 de setembro de 1989, em São Caetano, onde residia, com a idade de 78 anos.*



*Luiz Mantovani, como jogador do SCEC, foi um dos doadores de medalhas. Posteriormente tomou-se um dos mais destacados dirigentes esportivos da cidade, tendo dirigido a Liga de Futebol durante anos. Seu nome é verdadeira lenda na história do futebol local, graças à dedicação, visão esportiva e integridade. Nasceu em Pedreira, dia 7 de agosto de 1908, tendo falecido em São Caetano, onde residia, aos 59 anos.*

ção, com a presença de 65 associados.

O secretário do clube, o jovem Vicente Luiz Pina, iniciou os trabalhos lendo a ata anterior e, em seguida, revelou, pausadamente, o conteúdo das cartas recebidas. A seguir, o presidente do Clube expôs as razões da convocação da Assembléia para debater o delicado assunto. A opinião dos associados e não apenas da Diretoria é que deveria prevalecer, afirmou.

**DOAÇÃO** - Iniciaram-se os debates. Silvério Manille, diretor de futebol e o grande condutor das memoráveis campanhas do futebol, opinou pela avaliação dos troféus e que a importância equivalente em dinheiro fosse

doada. Os pedidos referiam-se a objetos de ouro, prata e platina, dizia Manille, e não é o caso dos troféus. José Giardullo, cujo irmão Daniel estava alistado nas forças revolucionárias, pedia a releitura do apelo do APEA. Refutando a opinião de Manille, Nicolau Damasco propunha a doação de todos os troféus. Jarbas de Godoy preferia doar apenas objetos de ouro e prata, colocando os demais à disposição da APEA e Associação Comercial de São Paulo.

Havia outras intervenções nos debates. Notava-se a clara intenção de colaborar efetivamente com a Revolução, mas o clima emocional deixava claro o sentido de perda que representaria a doação dos troféus. As duas paixões - revolução e clube -



Acervo: Fundação Pró-Memória

Victório Dal'Mas, era um dos membros da Comissão Pró-Capacete que, em São Caetano, em 1932, captava fundos para a revolução. Sua condição de italiano (nasceu em Vittorio Veneto, no dia 2 de agosto de 1888), no Brasil desde 1903, não o impediu de defender, ardorosamente, as idéias constitucionistas. Homem-de-negócios bem sucedido, tornou-se industrial e ergueu na cidade o importante Edifício Vitória, na época, a mais importante e grandiosa construção do Grande ABC. Faleceu em São Caetano em 28 de abril de 1978, com 90 anos.



A Campanha do Ouro mereceu grande atenção das autoridades revolucionárias. Com o isolamento imposto ao Estado, a manutenção da luta passou a depender, exclusivamente, dos próprios paulistas.

estavam afloradas no sentimento dos associados e as palavras evocadas eram, via de regra, mal interpretadas. Isso gerou discussões contraditórias, e todos pretendiam a mesma coisa, sem, no entanto, chegarem a um acordo...

Antonio Barille, um dos notórios do clube e da cidade, expressava pensamento favorável à entrega total dos prêmios: “*Tirando-se antes uma photographia dos mesmos para figurar no diploma de honra.*” (sic).

Após outras tantas opiniões, David Cucatto tentava simplificar propondo o que lhe parecia o único ponto de divergência, ou seja, votação para deliberar sobre entrega total ou parcial dos troféus. De imediato, o presidente colocou o assunto em votação: os presentes que aceitassem a doação total deveriam levantar-se; os demais deveriam permanecer sentados. Feita a contagem, o presidente deu por encerrada a votação, proclamando a doação total.

**PROTESTO** - Leve tumulto na assistência anotou o Secretário. Não deve ter sido tão leve assim. Os protestos foram veementes a ponto de gerar guerra verbal dos contrários à doação total. O presidente - amargurado com o andamento da Assembléia propôs nova votação, desta vez secreta. Não bastou. Agora foram os

demais que se exaltaram contra as idas e vindas da Assembléia. Jarbas de Godoy, Nicolau Damasco, Victório Dal'Mas, David Cucatto e Pompeu Andreucci foram veementes e, finalmente concordaram com a votação secreta. Antes porém, Jarbas de Godoy retirou a proposta de doação parcial.

Tudo parecia caminhar para o desfecho comum - afinal permanecia apenas a proposta de doação total. Parecia!!!. Mas a discussão continuou por divergências não esclarecidas, causando a retirada voluntária do salão, dos associados Antonio Barille, Nicolau Damasco, F.S.Silva e Miguel de Moura, voltando em seguida o Nicolau Damasco. Não era a divergência das propostas, mas o *fosso da paixão* que fazia aumentar as distâncias.

Faltou pouco para que a participação cívica do SCEC terminasse em grande fracasso. O presidente, pronunciou-se amargurado, triste, lastimou a discussão emotiva e a retirada intempestiva de alguns. Ameaçou, retirar-se. O emocional superava a razão, sem o necessário equilíbrio. Após um período emotivo preponderante, há sempre um apogeu impulsivo - às vezes dramático - que marca também o início do seu declínio e o retorno à razão, à conciliação.

**PATRIOTISMO** - Foi o que ocorreu quando a paixão pelo clube cedeu lugar à paixão patriótica (certamente àquela época bastante exacerbada), através das palavras do respeitado diretor de futebol Silvério Manille e do não menos atuante David Cucatto. Palavras como: “*Épicas batalhas futebolísticas, empolgação a São Paulo, lembranças de honras, lutas para um Brasil melhor e lutas e cavalheirescas partidas que ninguém melhor do que ele podia aquilatar*” (esta dita por Manille). Assim, através dos inflamados discursos proferidos naquele dia, fizeram a assembléia reagir e aprovar por unanimidade a doação total.

Vicente Luiz Pina descreveu solenemente esse momento, percebeu-se o clima, emotivo e patriótico da reunião: “*O sr. Manille concitou. os jogadores para em uma só voz oferecerem todos os troféus... e a Assembléia prorrompe de pé e, num só grito, oferecem os trophéus à Campanha do*

*Ouro*” (sic). Estava consumada uma das mais difíceis decisões da existência do clube.

**COMEMORAÇÃO** - Dúvidas, incertezas, contradições, tudo ficou para trás. A Assembléia mudou de semblante após a derradeira votação. Agora, o patriotismo era unanimemente comemorado. O clube fazia parte da revolução querida por todos. Um homem identificado como Major Camargo (não há notícias maiores sobre a pessoa) fez eloqüente manifestação sobre o momento, terminando com vivas a São Paulo ao Brasil e ao SCEC.

O momento patriótico cresceu, ainda mais, quando a Diretoria convidou a todos, para colaborar, pessoalmente, doando objetos à campanha, colocando à disposição duas listas: uma com Júlio Marcucci e outra com a firma Cucatto & Cia. Segundo relato da assembléia: “*Num rasgo de patriotismo despojaram-se de suas jóias e medalhas os senhores:*



Acervo: Fundação Pró-Memória  
Abramo Cavassani, filho de tradicional família da cidade. Nasceu em 10 de outubro de 1903, falecendo aos 73 anos, em 1976. Destacado diretor do Clube, sua militância maior sempre foi no departamento de teatro, onde era um dos principais atores e dirigente. Por ocasião da Assembléia de 1932 atuava como tesoureiro do clube

**DESTINO** - Terminada a revolução com a derrota de São Paulo, o clube tomou conhecimento que os troféus doados estavam em poder da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, ora encarregada da Campanha do Ouro. Foi deliberado oficializar-se, solicitando a devolução dos troféus com promessas de subscrição em dinheiro em favor daquela entidade. Mesmo assim, não houve quaisquer notícias a respeito da devolução dos troféus.

No entanto, segundo depoimento recente de Lauro Garcia, eleito segundo secretário da Diretoria na gestão de 1933, parte dos troféus foi devolvida. Afirmou que, pessoalmente, se interessou pelo assunto, na ocasião, quando relacionou a devolução parcial das doações realizadas pelo clube.

#### REFERÊNCIAS

Livro de Atas da Diretoria do São Caetano Esporte Clube - 6 de abril de 1932 a 10 de dezembro de 1937. Ata de 26 de agosto de 1932, pg.9v até pg.12v.

(\*) Oscar Garbelotto é advogado e professor do IMES. É também Coordenador de Cultura do IMES. Ocupou na administração pública municipal, as funções de Diretor de Educação e Cultura, Diretor do IMES e Presidente da Fundação Pró-Memória. (Colaboração e revisão de Morisa Garbelotto Rodegher).

Albino Martorelli	6 medalhas de prata
	1 de prata com orla de ouro
Heitor Manille	3 medalhas de prata
Luiz Mantovani	2 medalhas de prata
Germano Miazzi	2 medalhas de prata
Ferucio Manille	1 medalha de prata
Eduardo Paolillo	1 medalha de prata
Abramo Cavassani	1 medalha de prata
Antonio Paolillo	4 medalhas de prata
	1 de bronze
	2 de níquel com orla de ouro
João Bálsamo	4 medalhas de prata e
	1 com orla de ouro
João Domingos Perrella Netto	4 medalhas de prata
Adelino Martorelli	1 medalha de prata
Teodoro Santos	1 anel
Eduardo Carvalho	1 medalha de bronze
Reinaldo Lodi	1 anel de bronze
Victório Dal'Mas	1 anel de ouro
Luiz Martorelli	1 aliança de ouro
Uma torcedora	2\$000 e prata antiga

Troféus, medalhas e jóias, além das 22 medalhas e prata já anteriormente arrecadadas por José Giardullo e José Mariano Garcia Jr., foram as contribuições iniciais que a cidade de São Caetano ofereceu à Revolução de 1932. Em setembro do mesmo ano, o clube receberia da APEA ofício acusando o recebimento de 64 taças, oito bronzes, 23 medalhas de prata e um cartão de prata, como doação do clube à causa constitucionalista.

# Breve relato sobre a Revolução Paulista de 32

*“Quando se sente bater  
no peito heróica pancada  
deixa-se a folha dobrada  
enquanto se vae morrer”*

*(Do Monumento aos Acadêmicos de Direito, mortos por São Paulo em 1932 - Tobias Barreto). Arcadas da Faculdade de Direito do Largo São Francisco.*

A vitória tenentista comandada por Getúlio Vargas em outubro de 1930, impôs ao Estado de São Paulo sérios castigos. Ao governo Central interessava enfraquecer São Paulo; daí as medidas restritivas à determinadas produções paulistas, particularmente ao café. O tratamento bárbaro, desumano e vexatório, incompatíveis com a posição paulista na conjuntura nacional, de pronto criou um sentimento de revolta, pronto a deflagrar ao primeiro abalo. A crise econômica e a ocupação militar e administrativa, imposta aos paulistas, geram insatisfações no campo, no proletariado, nas ruas, nas indústrias, enfim, mina toda a sociedade, que sofre vexames econômicos e físicos, estes graças à ação policial comandada pelo delegado militar nomeado por Getúlio.

O lamento paulista encontra eco em diferentes pontos do País: o governo provisório permanece por tempo determinado. Rio Grande do Sul, Minas Gerais, os Estados mais favorecidos pelo levante de 1930, ergueram, até mais alto, a voz de retorno à Constituição. Rio Grande do Sul, vai mais além: pela pessoa de Borges de Medeiros, chega a advogar a união do Rio Grande, com Minas e São Paulo em torno das reivindicações. Criam-se Frentes Únicas reunindo políticos de todas as tendências. Velhos inimigos uniram-se em torno do ideal comum: a constitucionalização.

A resposta dura, implacável e violenta do governo de Getúlio, sob a inspiração de Góis Monteiro, depreendendo e metralhando um jornal constitucionalista no Rio, e outras ações, criaram a necessária união que faltava: São Paulo, Minas e os gaúchos asseguram ação militar conjunta da 1ª guarnição do sul de Mato Grosso também manifesta o apoio militar. A esse tempo, o movimento estudantil paulista já era ostensivamente favorável à causa constitucionalista. Saíra de suas sociedades secretas, mantidas por órgãos repre-

sentativos e chegara às ruas. O Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, era o mais atuante, ridicularizando nas ruas, durante as passeatas, os líderes getulistas e através de veementes discursos.

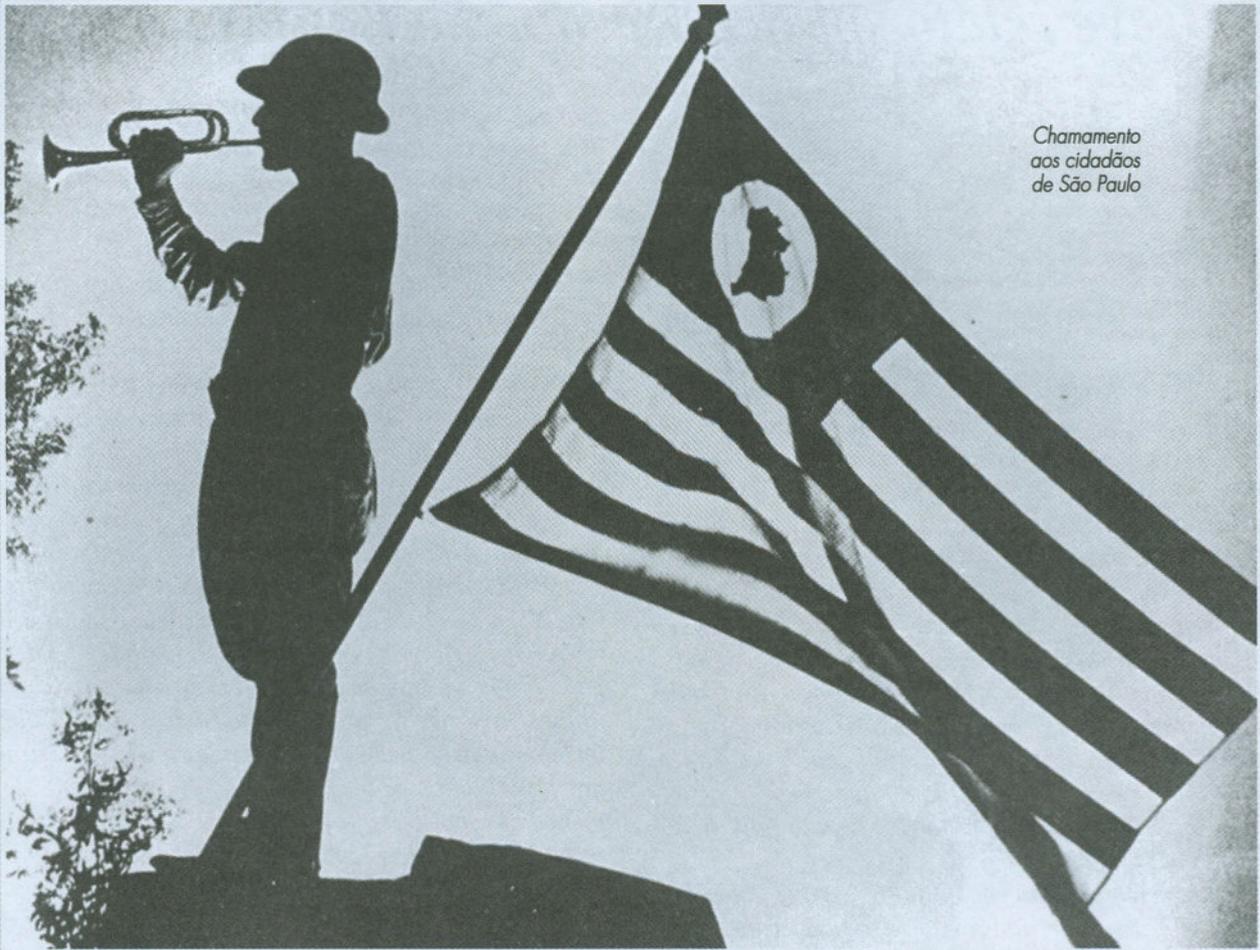
Era 23 de maio de 1932 quando, na prática, a revolução eclodiu com a nomeação de Pedro de Toledo para governador do Estado e Gofredo da Silva Telles, para prefeito da Capital e das demais secretarias de Estado. São Paulo retomava as prerrogativas e o poder que lhe fora tirado, entregando-o a cidadãos paulistas.

A guerra, no entanto, pode-se dizer, começou no dia seguinte, 24 de maio de 1932. Foi quando ocorreu o tiroteio na Praça da República entre populares e a Legião Revolucionária, reduto dos seguidores de Getúlio, alojados e bem armados. O confronto é inevitável, restando mortos os populares Euclides Bueno Miragaia, Dráusio Marcondes de Souza (jovem de 14 anos), Antonio Américo de Camargo Andrade e Marco Martins de Almeida. Estas mortes resultaram na formação imediata da sociedade MMDC (sigla resultante dos nomes dos mártires), a princípio secreta, que viria a tornar-se em mola-propulsora da Revolução de 1932, formada nas salas privadas do Restaurante Posílopo.

Chegou o momento das tratativas junto aos outros Estados: Rio Grande do Sul e Minas. Era sabido que o movimento constitucionalista já teria êxito com o já anunciado apoio dos referidos Estados. Mas seus interventores Flores da Cunha e Olegário Maciel, hesitaram...

9 de julho. Na rua Sergipe, 37, às 11 horas, o comando militar está reunido. Apesar de estar marcado oficialmente com os aliados o dia 14 de julho para o início do levante, resolveram deflagrar a ação militar naquele mesmo dia. Importantes motivos levam à antecipação. Os primeiros grupos armados, concentram-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Médicos formam o corpo clínico na Faculdade de Medicina. Às 20h50 do dia 9, a Revolução era irreversível.

Os parceiros de São Paulo, porém, recuaram. Já ao fim do primeiro dia de luta, os paulistas estavam abandonados por Minas e Rio Grande. Não apenas abandonados... Atacados por seus exércitos, pelo Sul e pelo



Chamamento  
aos cidadãos  
de São Paulo

*Leste. Flores da Cunha e Olegário Maciel mobilizam forças contra São Paulo. A grande traição à causa consumara-se. A derrota, já sabida dos chefes paulistas, era ignorada pelos soldados que partiam animados pela exaltação da população ao som de músicas marciais. A entusiasmada mobilização era movida pelo patriotismo e pelo ideal paulista da redemocratização. Ideal partilhado por jovens, mulheres, homens, crianças. Verdadeira aura cívica alimentada pelo entusiasmo de estudantes e pela invocação de homens, tais como Ibrahim Nobre, (o Tribuno da Revolução), Guilherme de Almeida, (o Poeta da Revolução), Paulo Bonfim e Marcelo Tupinambá, (compositor da Canção do Soldado Constitucionalista).*

*A esmagadora superioridade, bélica dos governistas, sufoca São Paulo. Lentamente, com armas e munição sequer para suprir os alistados, os paulistas perdem batalhas e posições.*

*Os atos heróicos são incapazes de reverter a situação. Nenhum auxílio interno ou externo chega às mãos paulistas. São Paulo está só.*

*Agosto é o mês das mais furiosas batalhas travadas no Brasil republicano, e setembro traz a derrota paulista mais para perto. Já a 12 de agosto, o comando Militar de São Paulo tentara o armistício sem resultado. Em 29 de setembro, em meio a controvérsias, o general Bertoldo Klinger propõe a Getúlio Vargas novo armistício. Em 2 de outubro, oficializa-se a rendição em separado, firmada pelo comandante geral da Força Pública, Coronel Herculano de Carvalho.*

*Terminara a grande aventura paulista, deixando legado de honra, heroísmo, fé inabalável e exemplo inigualável de civismo. Virtudes que levaram um povo - traído e isolado por seus irmãos - a imolar seus jovens no altar da democracia.*

# Diva Cassetari Grassi - primeira farmacêutica de São Caetano do Sul

Henry VERONESI(\*)

**D**ona Diva, como ficou conhecida, foi a primeira mulher a exercer profissionalmente a profissão de farmacêutica no distrito de São Caetano. Vinda de Botucatu para São Caetano em meados de 1932, associou-se a Isaac Jurowsky, técnico de inquestionável competência no ramo de farmácia e a Antonio Dall'Antonia, proprietários da Farmácia Europeia, fundada em fevereiro de 1931 que funcionava com a razão social de Dall'Antonia & Jurowsky na rua Goiás, nº 92, ao lado da General Motors do Brasil. Era um estabelecimento comercial onde os remédios eram aviados no próprio laboratório à vista das prescrições médicas receituadas.

No distrito de São Caetano, até 1932, existiam, apenas três farmácias para atender a população da localidade: a Pharmácia Paolone a mais antiga, fundada em 1921 que localizava-se na rua São Caetano, nº 134 - hoje Avenida Conde Francisco Matarazzo - girava sob a razão social Paolone & Filhos tinha como farmacêutico responsável o farmacêutico Imbriani Paolone; a Pharmácia Europeia, fundada em fevereiro de 1931, localizada na rua Goyaz, nº 92 - hoje Avenida Goiás - girava sob a razão social Dall'Antonia & Jurowsky tinha como farmacêutica responsável, Diva Cassetari; a Pharmácia Brasil, localizada na Rua João Pessoa, nº 17, girava sob a razão social A.Meiros & Cia., fundada em 28 de novembro de 1931, dirigida pelo farmacêutico Antonio Gastaldo.

Em 1937, o número de farmácias já somava quatro, face à abertura da Pharmácia São Caetano de Theodoro

Macedo, localizada na Rua Manoel Coelho, nº 25, fundada em 1935.

**LEVANTAMENTO** - No ano de 1937, por ocasião do cinquentenário da imigração italiana para o Brasil, o jornal *Lo Stato di São Paulo* num artigo intitulado *Del Cinquantenario Dell'A Imigrazione*, de Salvatore Disani, onde dava relevo à situação religiosa e jurídica, principalmente, à coletividade italiana residente no município de São Bernardo, ressaltando o distrito de paz de São Caetano. Homenageava, citando nominalmente, todas as pessoas que exerciam qualquer atividade, fosse ela comercial, industrial, de profissão liberal, etc. Com o intuito de relembrar a homenagem prestada àquelas pessoas, muitas delas já falecidas, segue abaixo a citação de alguns trechos daquela publicação:

*"Ecclesiaticamente, questo Municipio (São Bernardo) é ripartito in 4 Parrocchie: una de São Bernardo, denominata Nostra Signora della Concezione; una in Santo André, con il nome di Santo Andrea; una in São Caetano, denominata San Gaetano, e una in Ribeirão Pires, denominata Sant'Anna, tutte dipendenti direttamente dall'Arcidiocesi de San Paolo e rette da sacerdoti nostri connazionali (...)*

*(...)La collettività italiana resi-*



Acervo: Henry Veronesi

Foto de 1930- Diva Cassetari, formatura de farmacêutica

*dente nel Municipio di São Bernardo é costituita di circa 10.000 persone; i figli d'italiani calcolano in circa 25.000.(...)*

*(...)Possiedono nel Municipio 339 proprietà rurais, con una estensione di 2.234 alqueires, per il valore capitale di 3.784 contos de réis; innumeravoli proprietà urbane per un valor considerevole e 149 stabilimentos industriais, nei quali è investito un capitale complessivo di circa 93 mila contos de réis (sic).*

*(...)Fra gl'italiani e oriundi residenti nel Distretto di São Bernardo, citiamo: nel campo(...)*

*(...)Nelusco Linguanotto, con fabbrica di doces e de biscoitos; Rodolfo Scalim e Fratelli Corazza, con*

fabbrica di prodotti chimici; Antonio Barile e Figli, Pietro Giorgi, Carmine Perrella, Francesco Cattaruzzi e Romeu Mazini, con fabbriche di manufatti di matallo; Fratelli Moliterno, con concerria di pelli; Giovanni Cicala, con fabbrica di oli minerali; A.Sigolo e Cia. e Fratelli Scartozzoni, con fabbriche di mobili; Vituzzo e Cia., con fabbrica di conserve di pomodoro; Lucilio Trentini e Sergio Maneo, con fabbriche di bibite e liquori; i Fratelli Perucchi, con fabbrica per construzioni e riparazioni di carri e carrozze(...)

(...)Domenico Perin, Fortunato Favero, Mario Guindani, Archinto Ferrari, Giuseppe Benedetti e Fratello, Michele Perrella, Raimondo Ferrari, Nicola e Antonio Perrella, Angelo Ferrari e Fratello, tutti con fabbriche di laterizi vari.

(...)Nel campo professionale: gl'ingegneri Angelo Raffaele Pellegrino e Mario Guindani; il medico Giuseppe Paolone, i farmacisti Diva Cassetari, Imbriani, Pasquale e Leonilda Paolone”.

**EXCLUSIVIDADE** - Diva Cassetari, como foi noticiado na publicação supra, em 1937, ainda era a única farmacêutica no distrito de São Caetano, exercendo sua atividade profissional na Farmácia Europea. Em 1957, retirando-se da sociedade da farmácia mencionada, e a pedido de diversas famílias italianas da Vila Prosperidade, instalou novo estabe-

Foto de 1931  
Farmácia  
Europea,  
Isaac Jurovsky  
(sentado),  
ao lado,  
o Consultório  
Médico do  
dr.Penteado



lecimento farmacêutico na Praça da Riqueza no número 107, daquela vila, com o nome de Droga Nova.

Em 1957, a assistência médico-farmacêutica na Vila Prosperidade era dada de forma precária pelo poder público e, por isso, a farmácia Droga Nova atendia quase todas as emergências, inclusive a de fornecer medicamentos de amostras grátis doadas pelos laboratórios, cuidadas de forma gratuitas por Dona Diva.

Em 1974, depois de 17 anos de atendimento à população da vila, vendeu o seu estabelecimento para um de seus funcionários.

Diva Cassetari Grassi, é natural de Botucatu. Com um ano de idade, junto com seus pais e dois irmãos foi viver na Itália. Aos seis anos, entrou

no curso primário do Colégio Conservatório Régio Santa Elizabeta de Barga, na Toscana, onde estudou até os quinze anos, concluindo o curso secundário; com essa mesma idade voltou para o Brasil, para a sua terra natal. Transferindo-se para São Paulo, estudou farmácia na Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo, formando-se em 1928. Desse ano em diante vem exercendo a sua profissão de farmacêutica, ultimamente sendo farmacêutica responsável por uma das mais concorridas farmácias da região.

Acervo: Henry Veronesi



Foto de 1960  
Farmácia Droga  
Nova da Vila Prosperidade.  
No centro a dra.Diva  
Cassetari Grassi  
com seus funcionários

(\*)Henry Veronesi é advogado, administrador de empresas, ex-radialista, ex-diretor do programa ABC em Marcha, ex-presidente da Ordem dos Advogados (Subseção de São Caetano do Sul), ex-diretor de Administração da Caixa Pensões dos Funcionários Públicos Municipais de Santo André, ex-presidente da Comissão de Licitação e Reforma Administrativa da Prefeitura de Santo André, ex-diretor da Fazenda e de Administração na Prefeitura de Santo André, e ex-diretor do Departamento de Administração da Prefeitura de São Caetano do Sul.

# Mário Romano: uma lição de vida edificante e repleta de muita de emoção

Caio MARTINS(\*)

**F**oram vários começos, que se interligaram facilmente no transcorrer de uma existência plena. Difícil, é fazer Mário Romano falar de outra coisa que de esportes, paixão de toda a vida desde menino. Queria ser jogador de futebol, mas não levava muito jeito para a coisa.

Ele mesmo conta que só chegou a jogar quando era o dono da bola e das camisas do *Juventude Fluminense Esporte Clube*, cuja sede ficava no poste da esquina da Rua Rio de Janeiro com a Amazonas...

Quando menino, o filho de imigrantes pobres nascido em 1924 estabeleceu seus domínios nos arredores de São Caetano, que percorria descalço deixando a fantasia guiar as aventuras. Nos morros que cercavam o Município, havia de tudo um pouco para deixar um garoto irrequieto ocupado: no Rio dos Parentes e nas cavas deixadas pela cerâmicas e olarias, havia peixe e bons lugares para nadar. Inclusive

de noite. Eram bagres, carás, lambaris, piabinhas, traíras e, pelos matos, havia gabirola, aracá, amora-do-mato, maracujá verde e preto, melancia-do-mato, goiaba branca e vermelha, colmeias de arapuá e mandaçaia, além de pássaros como biquinho de lacre, tico-tico, coleirinha, sabiá, bem-te-vi, periquitinho tuim, nhambu, paturi, frango d'água...

Mário, que hoje acumula 29 títulos de campeão por equipe no futebol, no basquete e no vôlei, 28 troféus, 41 medalhas, 16 cartões de prata, 16 diplomas de honra ao mérito, entre outras homenagens, reinava nesse território. E fazia arte, claro: certo dia foi, com um amigo, até o açude que a Rhodia mantinha no Tamanduateí, na altura da fábrica, para pegar os peixes que um dos guardas pescava com um covão. Pegaram os lambaris, mas custou-lhes boa corrida, pois o homem apareceu e não gostou da brincadeira.

**QUOTIDIANO** - Mas, nem tudo era diversão. Algum tempo após a morte do pai, estando os irmãos divididos entre

os tios, Mário foi morar em Santo André, com a mãe e o padrasto. Muitas vezes, ia trabalhar no *Matadouro do Gijo*, atual *Swift*, empurrar o sangue do abate para o esgoto e o rio com um rodo. Quando fazia esse trabalho sujo e pesado, ganhava peças de carne. Inclusive, cabeça de boi inteira, que a mãe cozinhava com sal e fazia um caldo forte, grosso, gostoso. O ruim é que muitas vezes, o almoço era farinha de mandioca e o caldo, o jantar era a mesma coisa e nos dias seguintes a coisa se repetia.

Ele conta que também trabalhava na Fazenda da Juta, em São Bernardo, levando água para o padrasto e os camaradas que preparavam terra para plantio de algodão. Descia uma grota com duas latas atadas num varejão, colhia a água na nascente e voltava morro acima. Quando não, fazia feixes de lenha, que eram usados pela família. Eram, lá pelos idos de 1935, nove pessoas na casa.

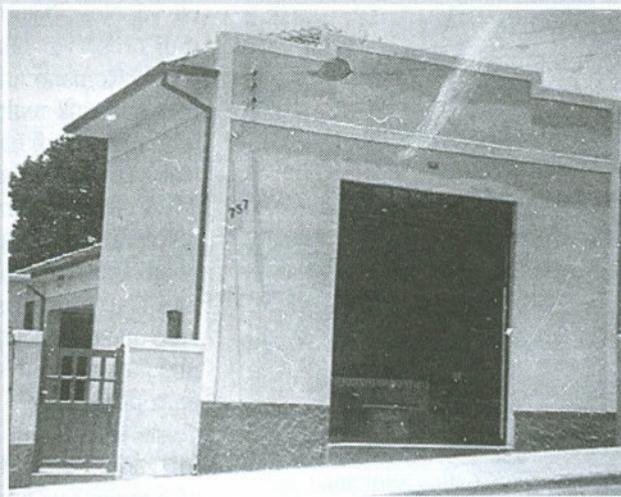
Do pai, não se lembra muito, pois o perdeu muito cedo. A mãe era ené-

Acervo: Mário Romano



Consultório de Mário Romano, na rua Oswaldo Cruz, 757

Acervo: Mário Romano



Mercaria Santo Antonio, rua Oswaldo Cruz, 757

gica e forte, trabalhava em olaria, como lançadora de tijolos: moldava a peça, que então era mandada queimar. Naquela época, tinha apenas uma sandália de couro, que usava para ir à missa e visitas especiais. Quando voltava, guardava com cuidado e lá estava de novo, feliz, de pés no chão. Roupas também eram caras e difíceis. Normalmente, os irmãos mais velhos as iam deixando para os menores. Romano nos fala disso tudo cheio de emoção, pois essa época tão difícil, na verdade, foi plena e ajudou a formar-lhe o caráter.

—“Naquela época, inclusive menino nascia era em casa, com a parteira. Tinha a Dona Ana, a Dona Josefa, a Dona Catarina, a Dona Patrícia... E não dava problema! Elas não recebiam dinheiro, mas presentes como frango, vinho, doces... Também, havia mais amizade, mais confiança entre os vizinhos. Quando um morria, as crianças tinham de arrumar os macinhos de flores, para levar na frente, abrindo o enterro. Todo mundo comparecia, e sentia pena de verdade. Também, era fácil a gente resolver problemas de casa, quando faltava um tempêro, alguma coisa na despensa, a gente pedia para os outros, devolvia depois. Se precisava de ajuda num trabalho pesado, os vizinhos ajudavam...”

**PÉ-DE-VALSA** - À medida em que crescia, também os interesses foram mudando. Tornou-se um pé-de-valsas. Não havia baile em que não estivesse presente. Entre a fábrica, o futebol e os bailes, pouco tempo havia para outras coisas. Certa feita, empregado na Louças Adelina, andava numa Quaresma precisando de uma namorada. Pois, naqueles idos, nessa época não se dançava e eram 40 dias religiosamente observados, então se arrumava uma namorada para passar o tempo até a temporada dos bailes reiniciar.

Dessa vez, deu-se mal. Resolveu

Acervo: Mário Romano



Foto de 1950 em Bom Jesus de Pirapora. Da esquerda para a direita: Angelim Loai (motorista de táxi), Domingos Rocco, Luiz Margarida Vertematti Rocco, Maria Lúcia Romano, Thereza Rocco Romano e Mário Romano

conquistar a menina Tereza Rocco, então com 15 anos, que conhecia desde criança, apaixonou-se e, após cinco anos de namoro, casaram-se. Nasceram-lhes os filhos Luiz Domingos Romano em 1951 e Valdir Antônio Romano, em 1955.

Adeus, bailes, até há 10 anos, quando Dona Tereza, hoje Romano, deu-lhe majestosamente licença para participar dos bailes do pessoal de Terceira Idade. Ela não vai, mas gosta que ele vá. Nos 50 anos de casados, souberam preservar harmonia e o próprio Mário Romano afirma que sem a mulher que seja realmente companheira, o homem não é nada... Dona Tereza, é claro, sorri complacente.

A casa onde moram é parte do terreno primitivo, onde havia jabuticabas, goiabeiras, romãs, mixirica-cravo, pera-d'água e francesa, mamão e, no terreno que pertencia ao irmão, Mário fez um jardim com seu nome montado com *periquitinhos*, arbustinho muito verde e fechado, com um campo de margaridas atrás. O amor pela família só é maior que o pelas plantas e os es-

portes.

**DOM** - Segundo os parentes, Mário Romano teria herdado o dom de curar com as mãos de uma tia, que era benzedeira. É conhecido o fato de que, por ser um *perna-de-pau*, Mário terminava sempre no banco de reserva dos times onde conseguia um lugarzinho para jogar. E, mais ainda, que num certo dia, num jogo daqueles bravos, quando um jogador se machucou e não havia massagista, o pessoal insistiu para que ele fosse até o meio do campo, com a mala, para atender um jogador. Funcionou. Desde então, não tem mais idéia de quantos esportistas atendeu, menos ainda das pessoas que necessitam de seus serviços de massagista.

Assim, Mário considera o seu dom uma dádiva de Deus, pois mesmo depois de fazer alguns cursos e estudado, sente que tudo está lá dentro, sempre esteve, e ele teve a felicidade de, num de seus recomeços, assumir algo que pode ser definido como missão. Desde menino nunca parou de trabalhar. Passou por cerâmica, fábrica de anil, artigos de alumínio, mas foi como massagista que a carreira e seu caminho decolaram, há 45 anos. Não houve, inclusive, prefeito de São Caetano que não o homenageasse, com exceção de Pellegrino, o primeiro, pois nessa época ele ainda não era muito conhecido...

Esse homem simples nos diz que é grato à existência que lhe tocou, especialmente por ter ajudado tanta gente. Com suas histórias, casos, a amizade e carinho de muita gente famosa ou desconhecida, e a trajetória de serviços prestados a todos os que dele necessitaram, Mário Romano nos proporciona, além de alento e fé no ser humano, comovedora lição de vida.

(\*) Caio Martins atualmente trabalha na Assessoria de Comunicação da Prefeitura de São Caetano do Sul

## Dona Amélia, sábia professora que semeou os frutos do conhecimento

Gisberto GRIGOLETTO(\*)

Foi no ano letivo de 1920 que comecei a frequentar as aulas do curso primário, no 2º Grupo Escolar Senador Fláquer, local onde hoje se encontra o Museu Histórico. Alguns meses depois, fomos transferidos para o atual prédio da Heloísa Pamplona. Quando cursava o 3º ano, no Dia da Árvore, fui escolhido entre outros alunos para o plantio de diversas mudas de eucalipto.

Infelizmente, para mim, essas árvores não mais existem, foram derrubadas quando da reforma e ampliação do prédio.

Lembro-me que no primeiro dia de aula, como também nos subseqüentes, fomos colocados em fila de dois, aguardando o sinal para a entrada em nossas respectivas salas de aula.

A professora, Dona Amélia, aguardava-nos à porta, recebendo-nos com um largo sorriso de boas vindas. Acomodou-nos nas carteiras duplas, as quais estavam alinhadas em três filas, de sete carteiras cada. Essas filas, com o decorrer dos dias, foram classificadas

de A, B, C, e os alunos separados de acordo com o seu aproveitamento, isto é, os mais adiantados C, os médios B e os demais A.

Bem em frente das carteiras, encontrava-se a escrivaninha de Dona Amélia. Em seu lado direito, um armário para guardar os materiais escolares. Atrás, pendurado na parede, um quadro negro e respectivo pinteiro.

**INTEGRAÇÃO** - Nos primeiros momentos, já acomodados em nossas carteiras, Dona Amélia deixou-nos à vontade para que nos conhecêssemos uns aos outros. Havia meninos do Bairro Fundação, do Centro, da Cerâmica, do Monte Alegre. Passados alguns minutos discorreu sobre a importância do ensino, do estudo, de sabermos ler, escrever e contar. Infelizmente, ainda hoje, passados 71 anos, muitas crianças não têm salas de aulas, no que resulta em muitos brasileiros analfabetos.

Em seguida, com um giz, fez um desenho no quadro negro e perguntou se sabíamos o que representava. Imediatamente disse que era um passarinho, outro colega identificou como um camelo, outro ainda um pato, e assim por diante. O fato era que ninguém sabia o que aquilo representava.

Pacientemente, Dona Amélia disse-nos que o desenho representava o mapa do

Estado de São Paulo, onde a maioria de nós havia nascido. Assim, entre uma e outra preleção, terminou o nosso primeiro dia de aula.

No dia seguinte, a pedido de Dona Amélia, levamos para classe uma cartilha, lápis, borracha e os cadernos de caligrafia, linguagem, desenho e aritmética.

**APRENDIZADO** - Desse dia em diante, no decorrer do ano, em todas as aulas, Dona Amélia foi incansável para incutir em nossas mentes os primeiros conhecimentos contidos nas letras, algarismos, leitura, escrita, Aritmética, Geografia e da História do Brasil.

Nas primeiras lições de Aritmética, foram distribuídos para os alunos cerca de 30 pauzinhos (tentos) quadrados de dois centímetros cada. Através deles, que separávamos em grupos de dois, três ou quatro, a mestra ensinou-nos as primeiras noções de somar, diminuir, multiplicar e dividir.

Tanto para Dona Amélia, como para as outras professoras como Dona Hermínia, Dona Eulália, Dona Izaura, o professor Waldemar, com os quais tive a felicidade de cursar o primário, o ensino não era uma profissão, era um sacerdócio.

Acredito que hoje, eles devam estar lá no céu, colhendo os frutos das sementes que espalharam aqui na Terra.

(\*)Gisberto Grigoletto nasceu em 1911, em Jaguari (atual Jaguariúna). Veio para São Caetano do Sul aos três anos de idade. Passou a residir em casa construída pelo pai, João Grigoletto, onde é hoje a rua Rio de Janeiro; foi a quarta construída no bairro Monte Alegre. Grigoletto foi secretário e duas vezes presidente do Clube Esportivo Lazio, entre 1932 e 1936. Ainda jovem, começou a trabalhar nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Unidade Água Branca, em 1925, como simples mensageiro, tendo se aposentado na mesma empresa, em abril de 1967.



# Imigrante Francesco Botteon relembra passado dos familiares

Mário BOTTEON(\*)

**P**ertencente ao imigrante italiano Francesco Botteon, foi doado ao Museu Histórico Municipal de São Caetano um livro de orações. Isso ocorreu já há algum tempo, mas foi através desse singelo documento que conseguimos cuidadosamente levantar o passado dos Botteons. A família era constituída pelo varão Francesco, a esposa Teresa Denardi e os filhos Joanna, Antonio e João.

Conforme o bilhete da passagem marítima, os Botteons partiram do porto de Gênova em 18 de dezembro de 1891, com destino ao Rio de Janeiro e finalmente chegaram à Imigração de São Paulo, em 11 de janeiro de 1892, conforme atesta o livro de registro da Hospedaria de nº 273, página 32.

Quando a família Botteon aqui chegou, Francesco estava com 48 anos de idade (nascido entre 1843/1844), a esposa Teresa Denardi, com 46, e os filhos Joanna, com 19 anos, Antonio com 12 e João com dois anos de idade.

**INÍCIO** - Passado alguns dias na Hospedaria do Governo de São Paulo, a família foi encaminhada a São Caetano, para juntar-se aos outros colonos, conterrâneos de Vittorio Veneto, que aqui chegaram em 28 de julho de 1877. Hoje, data oficial da fundação de São Caetano.

A família recém-chegada foi alojada num dos barracões que já haviam servido de hospedagem aos primeiros colonos, localizados na praça, ao lado da Igreja Matriz-Velha, no bairro da Fundação.

Como consta na passagem marítima, Francesco exercia a profissão de alfaiate, trabalhando com uma máquina de costura manual. Tanto essa máquina como a passagem marítima foram doadas ao Museu Histórico Municipal.

Os filhos de Francesco, já adultos, constituíram famílias assim discriminadas: Joanna casou com Ferdinando Ca-

Acervo: Francisco Botteon

LA VELOCE  
NAVIGAZIONE ITALIANA A VAPORE  
Duci di Galliera - Opère mare e terra L. 1890, 1891  
SEDE IN GENOVA.

Contratto d'Imbarco e Biglietto di Passaggio in 3.ª Classe  
per Posti Commerciali N.º 44

sul Piroscafo **DUCA DI GALLIERA**  
in partenza da **GENOVA** il 18/12/91  
per **RIO-DE-JANEIRO** tra la

**LAS PALMAS**  
Società Anonima **La Veloce** di il Professione **MA**

Sig. **Botteon Francesco** 18  
**Denardi Teresa** 46  
**Botteon Joanna** 19  
**Botteon Antonio** 12  
**Botteon João** 2

il cui ultimo domicilio era l'a **Vittorio Veneto**  
Provincia di **Genova** numero di regolare  
passaporto, di categoria militare rilasciato a \_\_\_\_\_  
di autorizzazione \_\_\_\_\_

Posti assegnati: Maschi N.º **12** Razioni N.º **12**  
Femmine N.º \_\_\_\_\_

I posti sono assegnati nello imbarco e nei posti prescritti dal Regolamento 20. Novembre 1870 e lo spazio corrisposto in conformità dell'Art. 600 e seguenti del detto Regolamento secondo la tabella stampata a tergo del presente.

Al ogni posto commerciale è concesso il trasporto gratuito di 3 dodici di metro cubo.

Il passaggio dei partenti è gratuito e viene soddisfatto alla Compagnia da **GOVERNIO del BRASILE**  
Genova, il 18/12/91

IL CAPO FAMIGLIA \_\_\_\_\_

LA VELOCE - Navigazione Italiana

79 Via Sanza Milano  
21 Partecipazione al N.º 64.

Um dos mais antigos documentos referentes à colonização de São Caetano, data de 18 de dezembro de 1891. É o bilhete de passagem de navio para a família Botteon. Conforme consta do documento, a passagem foi paga pelo governo brasileiro e valia para a viagem entre Gênova e o Rio de Janeiro

puano, também italiano. Tiveram seis filhos, e os homens dedicaram-se ao trabalho em mármore e granito, como artífices, desenvolvendo essas atividades em São Caetano, São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Antonio casou-se com Augusta Dalcin Botteon (hoje nome de rua no bairro Olímpico) e tiveram nove filhos. Eles dedicaram-se à mecânica e à metalúrgia.

João, casado com Jacinta Perrela, teve nove filhos, e esse ramo da família dedicou-se à marcenaria. Inclusive tive-

ram por muitos anos uma fábrica de móveis em São Bernardo do Campo, cuja razão social era *Irmãos Botteon*.

O imigrante Francesco Botteon, já então viúvo, faleceu no dia 19 de outubro de 1911. Foi sepultado no dia seguinte, no cemitério do Brás (Quarta Parada), São Paulo, conforme recibo de nº 0034 de 20 de outubro de 1911 da Prefeitura de São Paulo, documento entregue pessoalmente ao presidente da Fundação Pró-Memória, para os devidos fins.

Como argumento válido do enaltecimento da pureza d'alma, dessa gente boa, seria natural que nos longínquos anos de 1877 a 1892, na concepção das coisas como entendemos hoje, que esses humildes imigrantes, ao menos, tivessem ouvido falar que, aqui no Brasil seria comum encontrarem uma terra sem qualquer atrativo, um lugar inóspito, infestado de animais ferozes.

Hoje isso pode soar estranho, mas há 59 anos, quando começaram a chegar no Bairro da Fundação profissionais contratados pelas Indústrias Matarazzo, originários da Itália (para a Fábrica de Louças Cláudia), algumas dessas famílias traziam na bagagem botas de cano longo, pensando que aqui era um lugar infestado de cobras venenosas.

Assim, imaginem a situação de 1877 a 1892. Nada mais natural que tivessem tomado ciência dos perigos que iriam enfrentar e tratassem de chegar com armas brancas ou com armas de fogo, como uma natural autodefesa pessoal.

Todavia, dispunham de uma arma mais poderosa que uma espada bem afiada. Essa arma trazida com todo o cuidado, com toda fé, com todo amor, pelo imigrante Francesco Botteon, capaz de enfrentar todas as adversidades em terras estranhas, essa poderosa arma era um inofensivo livro de orações.

(\*) Mário Botteon, ator do antigo Teatro Operário do SESI, é colonista de vários jornais locais.

## Fundação Pró-Memória apresenta novo Centro de Documentação e Núcleo do Arquivo Municipal

Acervo: Fundação Pró-Memória

**A** Fundação Pró-Memória apresentou no mês de julho, em cerimônia presidida pelo prefeito Luiz Tortorello, os novos Centro de Documentação e Núcleo do Arquivo Público Municipal, uma iniciativa pioneira entre as instituições do gênero, e que foi implantado com recursos provenientes da Lei Estadual de Incentivo à Cultura (LINC). Com as duas novas divisões, a Fundação cobrirá todas as áreas da preservação histórica: Museu, Centro de Documentação, Biblioteca especializada e Arquivo Público.

O Centro de Documentação já conta com um sistema informatizado, sendo o resultado de um intenso trabalho de recuperação de documentos, fotografias e até filmes que contam a história da cidade, desenvolvido desde a criação da Fundação Pró-Memória, em 1991. Isto representa um avanço importante para a preservação da memória, pois permite uma melhoria na organização e conservação do acervo fotográfico e documental de São Caetano do Sul.

**INFORMATIZAÇÃO** - O processo de informatização teve início em março de 1996, com a assinatura de um convênio com o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, o Museu do Ipiranga, para o desenvolvimento de um *software* específico, criado pelo seu analista de sistemas, Luciano Beraldo, obedecendo a técnicas e metodologia apropriadas para o trato de acervos históricos. O programa desenvolvido é específico e exclusivo, não havendo similares no mercado; permite a localização rápida e precisa de qualquer documento ca-



dastrado, através de um sistema de cruzamento de informações pré-estabelecidas, diminuindo consideravelmente o tempo gasto para pesquisa.

Por outro lado, o sistema informatizado também facilita o trabalho de recuperação e preservação dos documentos. Com a digitalização e microfilmagem das imagens, os documentos originais (fotografias, papéis, jornais, etc.) deixam de ser manipulados, diminuindo a necessidade de restauração.

O Centro de Documentação dispõe de biblioteca especializada e mapoteca; além de manter os acervos documental, iconográfico, de imagem e som e Pinacoteca, além do núcleo do Arquivo Público Municipal.



## Museu Histórico Municipal promove exposição Arte, Argila e Cerâmica

**A** Exposição, Arte, Argila e Cerâmica na história de São Caetano tomou conta de todas as dependências do Museu Histórico Municipal, no período de 23 de julho a 29 de agosto, em mais uma comemoração aos 120 anos de São Caetano do Sul. Esta mostra apresentou uma retrospectiva histórica da atividade econômica que propiciou o grande desenvolvimento da cidade no início do século: a Cerâmica.

Muitos colaboraram para o sucesso desta exposição, as indústrias que continuam nesta atividade, os memorialistas nos dando depoimentos e nos ensinando suas técnicas, os antigos funcionários destas indústrias nos emprestando objetos e os artistas que trabalharam nesta área. Entre estes últimos vale ressaltar a participação dos professores de pintura, em porcelana: Cecília Kasoi Yoshida, Luiz Y. Walsao, Mario S. Watanabe, Rafael Castilho, Roselita de Brito Croda e Gerardo Otero.

**DEPOIMENTO** - Diz a professora Neusa Schilaro Scalá:

—“Os que visitaram a exposição

pu<sup>deram</sup> constatar que do barro são confeccionados desde os mais simples tijolos, até finos, elegantes e nobres objetos de porcelana. Oleiros ou artistas estavam representados na exposição onde o seu trabalho apresentava-se dignificado.

Os habitantes de São Caetano tiraram do chão a base da grande indústria que empregou centenas de trabalhadores e criou produtos de grande qualidade. Pudemos ver telhas, tijolos, azulejos, objetos utilitários ou decorativos com complexa elaboração.

Os pigmentos, os fornos, catálogos, folhetos, fotografias e ucais, e principalmente, depoimentos e trabalhos inéditos de moradores que encontraram no museu, espaço sagrado para seus objetos, tão caros em suas lembranças”.

Estiveram presentes nesta exposição através de seus produtos às seguintes indústrias: Louças Adelinas, Indústria Cerâmica Americana, Indústria Paulista de Porcelana Argilex Ltda., Indústria de Refratários Santo Antonio, A.D. Ferrari Cia. Ltda., Porcelanas Monte Alegre S/A., Cerâmi-

ca Itabasil, Indústria Cerâmica Sul Americana S/A., I.R.F. Matarazzo, Louças Claudia, Virgílio Teixeira e Irmãos, Porcelana São Paulo, Cerâmica Artística Da Costa, Cerâmica São Caetano S/A., Porcelana Rex Ltda., Porcelana Santa Maria, Marques e Filho Ltda., Porcelana Caramurú, S. Ioyoda e Cia. Ltda., Domingos Perin, Colomba Pastore Scatone, Senai-Unidade Armando de Arruda Pereira, Otero Artes e Decorações, Porcelana Royal, Faiança Fátima, Cerâmica Manises, Vincenzo Genga-Inforgel, Cerâmica Regina, Indústria Cerâmica Marinotti, Porcelana ABeCe, Cerâmica Tupy e Cerart e Cerâmica Artística Agostinho Rodrigues Ltda.

Há registro de outras indústrias na cidade, mas como as mesmas já tiveram encerradas as atividades, não foi possível coletar material para a referida mostra. Mesmo assim, é importante ressaltar a participação de todos que doaram ou emprestaram objetos, contribuindo dessa maneira com entusiasmo para a preservação da história de São Caetano do Sul.

Acervo: Museu Histórico Municipal



A primeira-dama, Avelina Capovilla Tortorello, compareceu à mostra sendo acompanhada por Sonia Maria Franco Xavier (à esquerda), Doralice G. Giorgi (Presidente da Associação Paulista dos Pintores de Porcelana e a vice Vêla Rossini



**BOLETIM** - Criado com o intuito de divulgar as atividades promovidas tanto pela Fundação Pró-Memória de São Caetano, como do Museu Histórico Municipal, começou a circular em janeiro

deste ano, o boletim informativo denominado **Fundação Pró-Memória**. Seguem abaixo os principais assuntos abordados e respectivas reproduções:

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul  
17 de Janeiro de 1997

**Imprensa dos anos 40 e 50 vai a debate**

Na primeira edição do boletim, em janeiro de 1997, a Fundação Pró-Memória realizou um debate sobre a imprensa dos anos 40 e 50. O debate foi realizado no Museu Municipal, com a participação de pesquisadores da área, como o professor Dr. José Mariano Garcia Jr. e o professor Dr. José Mariano Garcia Jr. O debate abordou a importância da imprensa da época e o papel da imprensa na sociedade brasileira.

**Calendarização de eventos**

Para o ano de 1997, a Fundação Pró-Memória realizou um debate sobre a imprensa dos anos 40 e 50. O debate foi realizado no Museu Municipal, com a participação de pesquisadores da área, como o professor Dr. José Mariano Garcia Jr. e o professor Dr. José Mariano Garcia Jr. O debate abordou a importância da imprensa da época e o papel da imprensa na sociedade brasileira.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul  
22 de Janeiro de 1997

**Mariano Garcia Jr. tema de exposição**

Em 22 de janeiro de 1997, a Fundação Pró-Memória realizou uma exposição sobre a vida e obra de Mariano Garcia Jr. A exposição foi realizada no Museu Municipal e abordou a importância de Garcia Jr. para a história de São Caetano do Sul. A exposição foi inaugurada pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Imprensa em debate dia 22 de fevereiro**

Em 22 de fevereiro de 1997, a Fundação Pró-Memória realizou um debate sobre a imprensa. O debate foi realizado no Museu Municipal e abordou a importância da imprensa na sociedade brasileira. O debate foi moderado pelo professor Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a participação de pesquisadores da área.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul  
7 de Março de 1997

**Imagens da Mulher mostra sera aberta no próximo dia 7, às 15h**

Em 7 de março de 1997, a Fundação Pró-Memória realizou a abertura da exposição "Imagens da Mulher". A exposição foi realizada no Museu Municipal e abordou a importância da mulher na sociedade brasileira. A exposição foi inaugurada pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Imprensa, cena de debate no SESC**

Em 7 de março de 1997, a Fundação Pró-Memória realizou um debate sobre a imprensa. O debate foi realizado no SESC e abordou a importância da imprensa na sociedade brasileira. O debate foi moderado pelo professor Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a participação de pesquisadores da área.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul  
7 de Março de 1997

**Pro-Memória e SESC lançam Museu na Escola no dia 12 de março, às 10h**

Em 12 de março de 1997, a Fundação Pró-Memória e o SESC lançaram o projeto "Museu na Escola". O projeto foi realizado no Museu Municipal e abordou a importância da história e da cultura na educação. O projeto foi inaugurado pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Pro-Memória e SESC lançam Museu na Escola no dia 12 de março, às 10h**

Em 12 de março de 1997, a Fundação Pró-Memória e o SESC lançaram o projeto "Museu na Escola". O projeto foi realizado no Museu Municipal e abordou a importância da história e da cultura na educação. O projeto foi inaugurado pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Nº 1 (21 DE JANEIRO DE 1997)** - Em prosseguimento à série *Vamos Falar de São Caetano* realizou-se debate com o tema imprensa durante as décadas de 40 e 50. Definido também o calendário de eventos para 1997. Pesquisadores poderão usar Biblioteca da Fundação para consulta.

**Nº 2 (28 DE JANEIRO DE 1997)** - Dia 22 de fevereiro, a Fundação e o SESC deram continuidade à série *Vamos Falar de São Caetano*. Mostra *Dia Internacional da Mulher* (8 de março no Museu Municipal). Cinquentenário da morte de *José Mariano Garcia Jr.* (9 de abril, às 15 horas).

**Nº 3 (3 DE MARÇO DE 1997)** - Aconteceu no dia 7 de março, às 15 horas, a abertura da *Exposição Imagens da Mulher*. Teve início no dia 9 de abril, na sede da Fundação Pró-Memória, a mostra retratando a vida e obra de *Mariano Garcia Jr.*, personagem que marcou a História do Município.

**Nº 4 (7 DE MARÇO DE 1997)** - Lançado no dia 12 de março, às 10 horas, no Tijuussu Pueri Domus Escolas Associadas, o projeto *Museu na Escola*, com apresentação de exposição fotográfica sobre olarias da cidade. o evento é um trabalho conjunto da Fundação Pró-memória e o SESC.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul  
14 de Março de 1997

**Vice - Prefeito Silvio Torres abre Museu na Escola**

Em 14 de março de 1997, o vice-prefeito Silvio Torres abriu o projeto "Museu na Escola". O projeto foi realizado no Museu Municipal e abordou a importância da história e da cultura na educação. O projeto foi inaugurado pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Exposição Andreoni José Mariano Garcia Jr. abre dia 9 de abril**

Em 9 de abril de 1997, a Fundação Pró-Memória realizou uma exposição sobre a vida e obra de José Mariano Garcia Jr. A exposição foi realizada no Museu Municipal e abordou a importância de Garcia Jr. para a história de São Caetano do Sul. A exposição foi inaugurada pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul  
23 de Março de 1997

**Thiene: mostra fotográfica será aberta dia 23 próximo**

Em 23 de março de 1997, a Fundação Pró-Memória realizará a abertura da exposição "Thiene". A exposição foi realizada no Museu Municipal e abordou a importância da história e da cultura na educação. O projeto foi inaugurado pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Mostra em Escola promoverá exposição e palestra**

Em 23 de março de 1997, a Fundação Pró-Memória realizará uma exposição e uma palestra no Museu Municipal. A exposição foi realizada no Museu Municipal e abordou a importância da história e da cultura na educação. O projeto foi inaugurado pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul  
17 de Abril de 1997

**Mostra sobre Retornos de Casamento, dia 9 de maio**

Em 9 de maio de 1997, a Fundação Pró-Memória realizará a abertura da exposição "Retornos de Casamento". A exposição foi realizada no Museu Municipal e abordou a importância da história e da cultura na educação. O projeto foi inaugurado pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Calendarização de eventos para grande diversidade**

Em 17 de abril de 1997, a Fundação Pró-Memória realizou a calendarização dos eventos para o ano de 1997. O calendário foi elaborado com o objetivo de promover a história e a cultura de São Caetano do Sul.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul  
29 de Abril de 1997

**Retratos de Casamento: abertura no dia 9 de maio**

Em 9 de maio de 1997, a Fundação Pró-Memória realizará a abertura da exposição "Retratos de Casamento". A exposição foi realizada no Museu Municipal e abordou a importância da história e da cultura na educação. O projeto foi inaugurado pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Prof. Tortorella inaugura exposição de Manzo**

Em 29 de abril de 1997, o professor Tortorella inaugurou a exposição "Manzo". A exposição foi realizada no Museu Municipal e abordou a importância da história e da cultura na educação. O projeto foi inaugurado pelo prefeito Dr. José Mariano Garcia Jr. e contou com a presença de familiares e amigos de Garcia Jr.

**Nº 5 (14 DE MARÇO DE 1997)** - Com a presença do vice-prefeito Silvio Torres foi aberta dia 12 a exposição *Museu na Escola*. No dia seguinte 130 alunos de pré-escola e 1º grau do Instituto Padre Chico visitaram o Museu Municipal. homenagem ao cinquentenário de morte de *Mariano Garcia Jr.* (09/04/97).

**Nº 6 (2 DE ABRIL DE 1997)** - Inaugurada no dia 8, às 15 horas, exposição organizada pela Fundação Pró-Memória sobre José Mariano Garcia Jr., com apresentação de fotografias e documentos em homenagem ao cinquentenário de sua morte ocorrida em 9 de abril de 1947.

**Nº 7 (17 DE ABRIL DE 1977)** - Aberta dia 9 de maio, às 15h30, no Museu Municipal, a mostra *Retratos de Casamento*. Fundação divulga calendário de eventos com programação a ser realizadas em escolas do Município. Aberta dia 23, exposição fotográfica Thiene, Cidade Imã.

**Nº 8 (29 DE ABRIL DE 1997)** - Inaugurada em 9 de maio, às 15h30, a exposição *Retratos de Casamento* contou teve a participação do Coral Roberto Manzo. Exposição itinerante *Museu na Escola* apresentou olarias. Prefeito Luiz Tortorella inaugura no dia 23 a mostra *Thiene, Cidade Imã*.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul

**NOVO**

**São Caetano na Revolução de 32**  
Abertura no dia 12 de junho

Uma exposição de 12 dias, em um espaço de 120 metros quadrados, com 12 salas, apresentando a história da cidade de São Caetano do Sul durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A exposição é dividida em 12 salas, cada uma dedicada a um aspecto diferente da revolução, desde o contexto nacional até o papel específico da cidade de São Caetano.

**VOCE**

**Mostra na Escola**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que retrata a vida cotidiana em São Caetano durante a Revolução de 32, mostrando o impacto social e econômico da guerra civil.

**Vamos Falar sobre São Caetano**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que discute a identidade e a história da cidade de São Caetano, refletindo sobre seu papel durante a Revolução de 32.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul

**NOVO**

**São Caetano na Revolução de 32**  
Abertura no dia 12 de junho

Uma exposição de 12 dias, em um espaço de 120 metros quadrados, com 12 salas, apresentando a história da cidade de São Caetano durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A exposição é dividida em 12 salas, cada uma dedicada a um aspecto diferente da revolução, desde o contexto nacional até o papel específico da cidade de São Caetano.

**VOCE**

**Mostra na Escola**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que retrata a vida cotidiana em São Caetano durante a Revolução de 32, mostrando o impacto social e econômico da guerra civil.

**Vamos Falar sobre São Caetano**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que discute a identidade e a história da cidade de São Caetano, refletindo sobre seu papel durante a Revolução de 32.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul

**NOVO**

**São Caetano na Revolução de 32**  
Abertura no dia 12 de junho

Uma exposição de 12 dias, em um espaço de 120 metros quadrados, com 12 salas, apresentando a história da cidade de São Caetano durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A exposição é dividida em 12 salas, cada uma dedicada a um aspecto diferente da revolução, desde o contexto nacional até o papel específico da cidade de São Caetano.

**VOCE**

**Mostra na Escola**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que retrata a vida cotidiana em São Caetano durante a Revolução de 32, mostrando o impacto social e econômico da guerra civil.

**Vamos Falar sobre São Caetano**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que discute a identidade e a história da cidade de São Caetano, refletindo sobre seu papel durante a Revolução de 32.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul

**NOVO**

**São Caetano na Revolução de 32**  
Abertura no dia 12 de junho

Uma exposição de 12 dias, em um espaço de 120 metros quadrados, com 12 salas, apresentando a história da cidade de São Caetano durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A exposição é dividida em 12 salas, cada uma dedicada a um aspecto diferente da revolução, desde o contexto nacional até o papel específico da cidade de São Caetano.

**VOCE**

**Mostra na Escola**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que retrata a vida cotidiana em São Caetano durante a Revolução de 32, mostrando o impacto social e econômico da guerra civil.

**Vamos Falar sobre São Caetano**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que discute a identidade e a história da cidade de São Caetano, refletindo sobre seu papel durante a Revolução de 32.

**Nº 9 (5 DE JUNHO DE 1997)** - Inaugurada dia 25, no Museu Municipal, exposição *Belmonte e seu Tempo*. Encerrada no dia 7 de maio, a mostra *Retratos de Casamento* recebeu mais de 300 pessoas. Inaugurada no dia 12 de junho, às 15 horas, a exposição *São Caetano na Revolução de 32*. Realizado no SESC-São Caetano depoimentos na série *Vamos Falar de São Caetano*.

**Nº 10 (20 DE JUNHO DE 1997)** - Teve início no dia 12 de junho a exposição *São Caetano na Revolução de 32*, com fotos, objetos, cartazes e manifestos políticos alusivos à Revolução Constitucionalista. Homenagem a sulsancaetanenses que participaram do movimento, como o guarda civil Natal Martinetto. Realizado mais um *Vamos Falar de São Caetano* desta vez com o tema *O Esporte em São Caetano*.

**Nº 11 (27 DE JUNHO DE 1997)** - Organizada pela Fundação foi aberta ao público no dia 1º de julho, na agência Centro do Banespa, a mostra *No Caminho do Mar*. No mesmo dia foi assinado contrato de parceria com o Museu Paulista da USP, o que permitirá à Fundação informatizar todo o acervo documental e iconográfico. Aberta dia 16 de julho no Museu Municipal exposição *Belmonte e seu Tempo*.

**Nº 12 (17 DE JULHO DE 1997)** - Teve início dia 23 de julho, às 15 horas, a exposição *Arte, Argila & Cerâmica*. Aberta no dia seguinte, às 19 horas, a exposição *Mário Poeta*, com apresentação de poemas e desenhos alusivos ao escritor Mário de Andrade. Como parte dos festejos de 120 anos de fundação do Município, realizou-se no dia 25 de julho, durante sessão solene da Câmara, o lançamento da revista *Raízes* 15.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul

**NOVO**

**PRO-MEMÓRIA COLOCA EXPOSIÇÃO NA FESTA ITALIANA**

Uma exposição de 12 dias, em um espaço de 120 metros quadrados, com 12 salas, apresentando a história da cidade de São Caetano durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A exposição é dividida em 12 salas, cada uma dedicada a um aspecto diferente da revolução, desde o contexto nacional até o papel específico da cidade de São Caetano.

**VOCE**

**Mostra na Escola**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que retrata a vida cotidiana em São Caetano durante a Revolução de 32, mostrando o impacto social e econômico da guerra civil.

**Vamos Falar sobre São Caetano**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que discute a identidade e a história da cidade de São Caetano, refletindo sobre seu papel durante a Revolução de 32.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul

**NOVO**

**PRO-MEMÓRIA COLOCA EXPOSIÇÃO NA FESTA ITALIANA**

Uma exposição de 12 dias, em um espaço de 120 metros quadrados, com 12 salas, apresentando a história da cidade de São Caetano durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A exposição é dividida em 12 salas, cada uma dedicada a um aspecto diferente da revolução, desde o contexto nacional até o papel específico da cidade de São Caetano.

**VOCE**

**Mostra na Escola**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que retrata a vida cotidiana em São Caetano durante a Revolução de 32, mostrando o impacto social e econômico da guerra civil.

**Vamos Falar sobre São Caetano**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que discute a identidade e a história da cidade de São Caetano, refletindo sobre seu papel durante a Revolução de 32.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul

**NOVO**

**PRO-MEMÓRIA COLOCA EXPOSIÇÃO NA FESTA ITALIANA**

Uma exposição de 12 dias, em um espaço de 120 metros quadrados, com 12 salas, apresentando a história da cidade de São Caetano durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A exposição é dividida em 12 salas, cada uma dedicada a um aspecto diferente da revolução, desde o contexto nacional até o papel específico da cidade de São Caetano.

**VOCE**

**Mostra na Escola**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que retrata a vida cotidiana em São Caetano durante a Revolução de 32, mostrando o impacto social e econômico da guerra civil.

**Vamos Falar sobre São Caetano**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que discute a identidade e a história da cidade de São Caetano, refletindo sobre seu papel durante a Revolução de 32.

**Fundação Pró-Memória**  
São Caetano do Sul

**NOVO**

**PRO-MEMÓRIA COLOCA EXPOSIÇÃO NA FESTA ITALIANA**

Uma exposição de 12 dias, em um espaço de 120 metros quadrados, com 12 salas, apresentando a história da cidade de São Caetano durante a Revolução Constitucionalista de 1932. A exposição é dividida em 12 salas, cada uma dedicada a um aspecto diferente da revolução, desde o contexto nacional até o papel específico da cidade de São Caetano.

**VOCE**

**Mostra na Escola**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que retrata a vida cotidiana em São Caetano durante a Revolução de 32, mostrando o impacto social e econômico da guerra civil.

**Vamos Falar sobre São Caetano**  
Cena de 21 minutos

Uma obra audiovisual que discute a identidade e a história da cidade de São Caetano, refletindo sobre seu papel durante a Revolução de 32.

**Nº 13 (6 DE AGOSTO DE 1997)** - Presente na *V Festa Italiana*, a Fundação apresentou a exposição *Olarias de São Caetano* nos dias 8, 9, 10, 15, 16 e 17 de agosto. Aberta dia 7 de julho no Salão Paroquial da Igreja Matriz, Bairro Fundação, a mostra *Cidades-Irmãs de São Caetano*. A exposição *Arte, Argila & Cerâmica* permaneceu aberta à visitação pública até o dia 29 de agosto.

**Nº 14 (20 DE AGOSTO DE 1997)** - Visitada por milhares de pessoas, o estande da Fundação Pró-Memória na *V Festa Italiana*, com fotos que datam de 1908 sobre a colonização da cidade permanecerá nos dias 22, 23 e 24 de agosto. Aconteceu na Acicis o evento *Vamos Falar de São Caetano* com o tema a arquitetura. Com 27 esculturas da artista plástica Odette Eid, foi aberta no dia 26 a exposição *As Formas do Bronze*.

**Nº 15 (3 DE SETEMBRO DE 1997)** - Realizou-se no dia 10 de setembro, no Shopping São Caetano, a exposição *Taubaté Mostra Sua Arte*. Foi inaugurada no dia 23 de agosto, pelo prefeito Tortorella, a exposição *As Formas do Bronze*. Já no dia 5 de setembro, às 16 horas, foi inaugurada a mostra *Crencas e Simpatias*, composta por objetos, fotos e textos relacionados com o folclore do País e do Município.

**Nº 16 (16 DE SETEMBRO DE 1997)** - Teve início no dia 16 de setembro o curso *São Caetano & História nas Ecolas* realizado pela Fundação Pró-Memória voltado para professores. Participante da *V Festa Italiana*, a Fundação apresentou durante a *Festa do Peão Boiadeiro* as mostras *No Caminho do Mar* e *As Cidades-Irmãs de São Caetano*. *Humor nas Copas* é o tema da exposição inaugurada em 23 de setembro.



# Memória Fotográfica

Acervo: Fundação Pró-Memória



Década de 60. Em São Caetano era muito comum a formação de conjuntos vocais para apresentações em festas e bailes na cidade. Aqui aparece o Trio Prelúdio, formado pelos seguintes músicos (da esquerda para a direita); Paulo Domingues, Roberto Barbosa (conhecido como Canhotinho, futuro integrante dos Demônios da Garoa), Aparecido (?), em apresentação no Círculo Operário de São Caetano durante os festejos juninos.

Acervo: Fundação Pró-Memória



Posse do prefeito Anacleto Campanella em sua primeira gestão (4 de abril de 1953 a 3 de abril de 1957). Campanella exerceria novo mandato quatro anos depois de abril de 1961 a abril de 1965.

Acervo: Fundação Pró-Memória



A professora Nice Saraiva (de óculos), falecida em agosto de 1995, especialista em educação de crianças com deficiências auditivas, cujo trabalho mereceu reconhecimento internacional aparece em frente à Escola Anne Sullivan acompanhada de dois alunos e respectivas mães.

Acervo: Fundação Pró-Memória

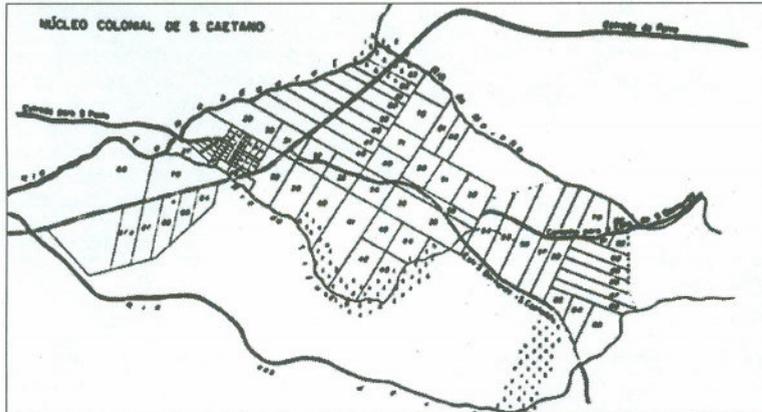


1944. Grupo de garotos na várzea do Rio dos Meninos, em frente à antiga Fábrica de Refratários Scatoni. Hoje nesse local encontra-se a esquina das ruas Major Carlos Del Prete, Machado de Assis e José Ferrari. Ao fundo aparecem os morros do bairro São João Clímaco, em São Paulo. Em pé, da esquerda para a direita: Orlando Miglionni, Marino Calamori, Oswaldo Ferrari e Arcídio Demarchi. Agachados, da esquerda para a direita: Pedro Martins Brás, Zosnio Zanai, Antonio (?), (?), (?), Belloti.



Na década de 30, era muito comum associados de diversas categorias profissionais de São Caetano do Sul reunirem-se para excursionar pela Baixada Santista. Numa dessas ocasiões, um grupo de alfaiates faz pose tradicional para a época. Em pé, ao centro, aparece *Ciro Alfaiate*. Agachados, da esquerda para a direita, *Lídio Moura*, *Timo Tegão* e *Laurindo Zambotto*.

Acervo: Fundação Pró-Memória



Mapa do Núcleo Colonial de São Caetano (Cerca 1877), onde aparece a demarcação dos lotes das primeiras 26 famílias de colonos italianos que chegaram à antiga Fazenda São de Caetano.

Acervo: Fundação Pró-Memória

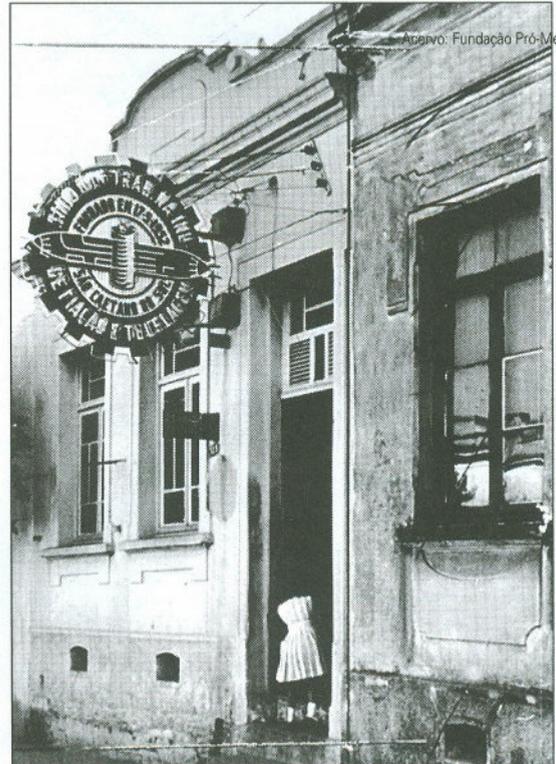


Considerada uma das mais antigas e tradicionais famílias do Município, os *Fiorotti* chegaram ao Brasil na primeira leva de imigrantes italianos, contribuindo na fundação do Núcleo Colonial de São Caetano do Sul. Em 1977, a família aparece durante missa de Ação de Graças pelo 100º aniversário de *Regina Fiorotti*. Da esquerda para a direita: *Regina Fiorotti*, *Otávio Fiorotti*, *Adelaide Capuano Fiorotti*, juntamente com *Angelo* e *José Fiorotti*, filhos da matriarca.



Início da década de 60. Vereador *Júlio de Mello* (terno) em companhia do repórter do Jornal de São Caetano, *João Batista de Toledo*, acompanha os trabalhos de abertura das galerias de esgoto na rua Monte Alegre (atual bairro *Oswaldo Cruz*). Esse trecho situa-se entre as ruas *Castro Alves* e *Engenheiro Rebouças*.

Acervo: Fundação Pró-Memória



1958. Prédio do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de São Caetano do Sul. O Sindicato ainda funciona no mesmo local, à rua *Herculano de Freitas*, 133, bairro da Fundação, hoje em prédio totalmente reformado. Na década de 50, São Caetano possuía um importante parque industrial têxtil, onde figuravam empresas de porte como a tecelagem *Matarazzo*, *Lanifício São Paulo*, *Fiação Nice*, entre outras.



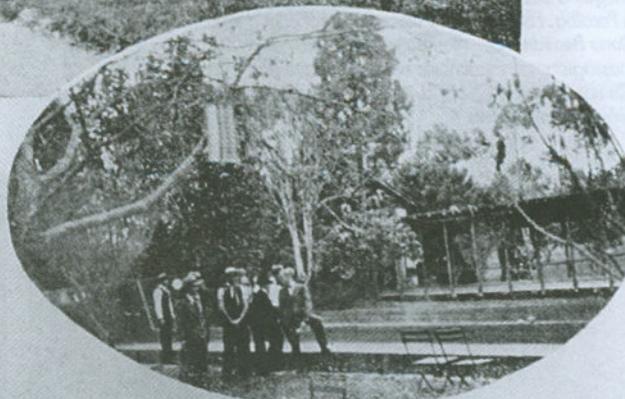
1934. Diretoria do Esporte Clube Fábricas Reunidas Sant'anna. O clube foi fundado em 1º de fevereiro de 1933 e reunia os empregados da fábrica. A Sant'anna localizava-se na esquina das ruas Senador Vergueiro e antiga Mato Grosso, hoje trecho final da Avenida Goiás. Entre os produtos produzidos pela empresa destacavam-se os sabões marca Mór e São Caetano, além de uma lixívia denominada Saponal. Segundo arquivos da fábrica, ambos foram premiados em diversas exposições recebendo prêmios como o Diploma e a Grande Medalha de Ouro na 5ª Feira da Amostra de São Paulo, em 1935, e diploma e Medalha de Ouro na 1ª Feira de Amostras da Cidade de Santos, em 1934. A empresa era dirigida por Manoel Gomes Sant'anna, ao centro da mesa, ladeado pela diretoria do clube



1936. Fundado em 20 de novembro de 1935, o General Motors Esporte Clube (atual ADC General Motors) tinha como objetivo promover entre associados somente empregados da multinacional a prática de esporte como natação, atletismo e futebol. Em 1936, a diretoria era composta pelos seguintes membros: Presidente: Korlos Kabellac; vice-presidente: José Ribeiro; secretário-geral: Waldemar Joenk; 1º e 2ºs secretários: Carlos Ryeter e Francisco Velloso; 1º e 2ºs tesoureiros: James Schimicker e Carlos Lothomer; diretor-de-material: Irineu Borsoi; diretor-esportivo André Fenazos. Ao lado, piscina, a área externa e os diretores do clube



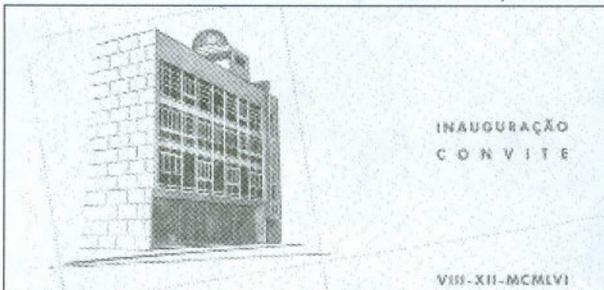
General  
Motors  
Sport  
Club



Eleita rainha do Clube Atlético Monte Alegre, em 1958, Dinah Marcossi recebe a faixa e os cumprimentos do então prefeito Oswaldo Samuel Massei. A cerimônia ocorreu no salão do Clube Comercial, localizado no 5º andar do prédio do Cine Vitória



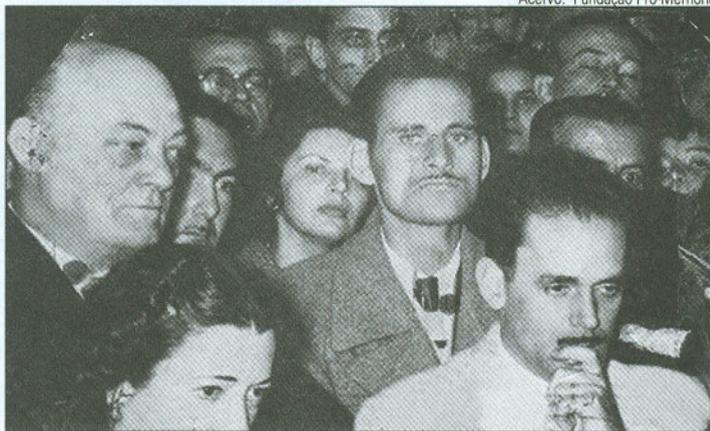
O casal de imigrantes italianos Angelo Calamori e Benedita Calamori chegou a São Caetano do Sul para prefeito, o candidato vencedor foi Angelo Raphael Pellegrino. O político concorria através da coligação formada pelos partidos PSP (Partido Social Progressista) e PR (Partido Republicano). Nesta propaganda eleitoral datada de 1949, o candidato sobressai no centro de um folheto, enquanto os postulantes à cadeira de vereador aparecem em fotos menores. Angelo Raphael Pellegrino recebeu 4.094 votos em pleito realizado no dia 13 de março de 1949. Em segundo lugar ficou José Luiz Flaquer Neto, com 1.017 votos dos eleitores



Em dezembro de 1956, eram inauguradas em São Caetano, na rua Baraldi 883, as novas instalações, em prédio próprio, da loja Irmãos Del Rey e Cia. Ltda.. Tratava-se de uma moderna loja para os padrões da época, funcionando também como concessionária da General Motors do Brasil na comercialização de refrigeradores. A bênção das novas instalações foi dada pelo bispo diocesano de Santo André, Dom Jorge Marcos de Oliveira, sendo que na inauguração oficial compareceram o prefeito Anacleto Campanella e o vice, Jacob João Lorenzini e o diretor da multinacional H. Copps



Em 1932 foi inaugurado em São Caetano do Sul o Banco Popular do Brasil. Aparecem na cerimônia de inauguração Anacleto Campanella, candidato a prefeito, João Lorenzini, candidato a vice-prefeito, além de Fabio Ventura e João Caparroz, candidatos a vereador



Em 1932 foi inaugurado em São Caetano do Sul o Banco Popular do Brasil. Aparecem na cerimônia de inauguração Anacleto Campanella, candidato a prefeito, João Lorenzini, candidato a vice-prefeito, além de Fabio Ventura e João Caparroz, candidatos a vereador



Acervo: Fundação Pró-Memória

24 de março de 1962. Procissão solene de entronização da imagem de São Bento na capela localizada no antigo bairro Monte Alegre Novo, atual bairro Olímpico. A procissão saiu do Hospital Nossa Senhora de Fátima, acompanhada por um grande número de associados da Sociedade Portuguesa de Beneficência, fiéis e irmandades que fariam parte da futura paróquia da e São Bento. A autoria da imagem do santo é de Joaquim Ferreira Esteves, escultor sancaetanense e grande benemérito da paróquia. Aparecem em primeiro plano os padrinhos da cerimônia, Arnaldo Rodrigues Reis e Isaura Rosa de Jesus. Portando a fita de congregado mariano, aparece à esquerda, Paulino Gazzella



Agenor Francisco dos Santos, escultor e pintor nasceu a 14 de maio de 1932, em Alagoinhas, Bahia. Suas obras estão espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. No Grande ABC, participou de várias exposições em São Caetano, Santo André e São Bernardo. A obra mais conhecida de Agenor Francisco dos Santos é a estátua de São Pedro, esculpida em madeira, que hoje se encontra em frente ao Instituto Municipal de Ensino Superior (IMES), na Avenida Goiás. Nesta foto, o artista trabalha na maquete da obra denominada Mãe Preta

Acervo: Fundação Pró-Memória



A empresa Ferro Enamel do Brasil foi fundada no Município em 30 de agosto de 1935. A sede localizava-se na esquina das avenidas Goiás e Dr. Augusto de Toledo. Os produtos, utilizados em indústrias cerâmicas e de esmaltação eram as fitas metálicas, vidrados cerâmicos, e corantes minerais. Com o alargamento da Avenida Goiás, em 1974, a Ferro Enamel transferiu-se para São Bernardo do Campo. Na década de 50, a diretoria era formada por C.M. Andrews, presidente; A.H. Norris, vice-presidente; R.A. Benneett, t tesoureiro; e A. Posnick, técnico



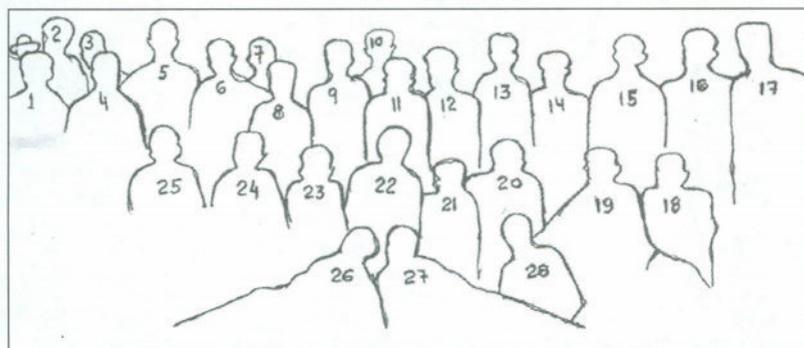
Em 1961, o candidato a prefeito de São Paulo, Emílio Carlos, visitou Hermógenes Walter Braido, então candidato à Prefeitura de São Caetano do Sul. Na ocasião, Braido ofereceu um exemplar do Plano de Ação, onde os dois municípios se comprometeriam a assinar diversos convênios para a realização de obras relevantes para as populações paulista e sulsancaetanense. Após percorrerem as novas instalações do Paço Municipal, recentemente inaugurado, os dois políticos foram almoçar no Restaurante Univaramo, localizado à rua Manoel Coelho. Da esquerda para direita: Walter Braido, Oswaldo Samuel Massei, Emílio Carlos e Zattir Lorenzini. Em pé, o vereador João Cambaúva



A professora e ex-vereadora Yolanda Ascêncio aparece com a mãe e irmãos no quintal de sua casa em 1942. Dona Idalina Ascêncio Zaia segura no colo Neusa Ascêncio de um ano, enquanto que o irmão Salvador Ascêncio, de 5 anos, aparece à direita

Acervo: Fundação Pró-Memória

O IAL Clube Indústrias Aliberti Limitada foi fundado em São Caetano no dia 23 de junho de 1933. Tinha como objetivo a prática de esportes além de realizar festivais dançantes. Nesta foto de 1936, aparece um grupo de esportistas do IAL Clube e de outras agremiações, participantes de uma maratona, evento patrocinado anualmente pelo clube



- 1 - Antonio Jodor (Antoninho);
- 2 - Antonio Campos (Defesa);
- 3 - Archimedes Sanches;
- 4 - [?]; 5 - [?]; 6 - Lourenço Valverde;
- 7 - Jorge Borbely (Supa); 8 [?];
- 9 - Plácido (Dedão); 10 - [?];
- 11 - Pedro Perrella; 12 - Francisco Shöm;
- 13 - [?]; 14 - [?]; 15 - Cavour (Sapateirinho);
- 16 - Pedro Parisi; 17 - [?];
- 18 - Marcelino Veronesi; 19 - Cezar A Araújo;
- 20 - Jorge Demarchi; 21 - Jorge Caszn;
- 22 - Cajú; 23 - Vitor Antonio Perrela;
- 24 [?]; 25 - [?]; 26 - Dimo; 27 - Lodi;
- 28 - Fernando



Final da Avenida Francisco Matarazzo, na década de 50, junto à ponte do Rio Tamanduateí, na divisa com a Vila Bela, São Paulo. Nesse local haviam vários campos de futebol de várzea, onde os jogos realizados aos domingos pela manhã atraíam grande público. Com a crescente e rápida urbanização da cidade, esses locais desapareceram. Observa-se no centro da foto, ao fundo, o prédio do Moinho de Trigo Santa Clara, e as antigas instalações da Companhia Siderúrgica São Caetano em primeiro plano



Maio de 1960. Concurso realizado pelo Jornal do Lar e a Rádio Cacique em parceria com a loja Mercantil São Caetano premiou os clientes da loja. A vencedora foi a garotinha Doroty G. Vieira, que aparece no colo de João Apolinário, proprietário da Mercantil São Caetano



Em 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília, a bandeira do Município tremulou na capital federal. Uma equipe do Jornal do Lar, de São Caetano do Sul, formado por Mario Ferreiro, diretor (ao centro da foto); Eddie Augusto da Silva, redator-chefe; (à esquerda); e João Batista de Toledo, redator (à direita), esteve em frente ao Palácio do Planalto



5 de dezembro de 1943. Aspecto da Padaria e Sorveteria Bom Gosto. O prédio localizava-se na esquina da Avenida Goiás com a rua General Osório. Com a duplicação da avenida o estabelecimento foi demolido. O proprietário da padaria era Bruno Bisquolo, nascido no município de Casa Branca, interior de São Paulo, em 8 de março de 1894 e residente em São Caetano do Sul desde 1925. Na foto, Bruno Bisquolo aparece na porta do estabelecimento comercial junto a seus familiares



*Coquetel no Clube Comercial durante as comemorações dos Festejos dos 83 anos de São Caetano, em*

*julho de 1960. Da esquerda para a direita: Geraldo Meireles, Rádio Nove de Julho; Henry Veronesi, diretor do programa ABC em Marcha; Pedro De Natale, diretor da Rádio Nove de Julho; Oswaldo Massei, Prefeito de São Caetano do Sul; Amadeus Von Boucksan, diretor de Relações Públicas da Rádio Nove de Julho. Em segundo plano: Theodoro Macedo, dentista; e Milton Evaristo dos Santos, Juiz-diretor do Fórum de São Caetano do Sul*



Acervo: Fundação Pró-Memória



*Em março de 1961, durante o mandato do então Presidente da República, Jânio da Silva Quadros, o candidato a prefeito de São Caetano do Sul, Hermógenes Walter Braidó, visitou o Palácio do Planalto em companhia do bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira, da diocese de Santo André, sendo recebidos pelo sub-chefe da Casa Civil, deputado Araripe Serpa*



Acervo: Fundação Pró-Memória

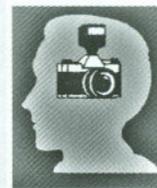
*22 de outubro de 1960. A Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc), apoiada por um grupo de senhoras, organizou um espetáculo beneficente tendo a participação da cantora Inezita Barroso à frente do Coral da Acasc, sob a regência do maestro Roberto Manzo. O evento ocorreu no Salão Paroquial Padre Alexandre Grigoli, da Igreja Matriz Sagrada Família*

Acervo: Fundação Pró-Memória



*Em dezembro de 1966, foi executada a retificação do Córrego dos Moinhos para a futura construção da Avenida Kennedy. O detalhe mostra a confluência entre as avenidas (futura Kennedy) e Tijucçu. A casa de alvenaria localizava-se exatamente na esquina da rua Lemos Monteiro, onde hoje funciona uma sorveteria*

Década de 40. Vista panorâmica do Centro de São Caetano do Sul. Em primeiro plano aparece o quarteirão formado pela Avenida Francisco Matarazzo (antiga rua São Caetano) no cruzamento com a rua Serafim Constantino. Este trecho foi demolido para dar lugar ao Terminal Rodoviário (módulo 1), localizado em frente à atual estação ferroviária, hoje utilizado pelas linhas municipais. No alto da foto, aparecem as vilas Califórnia e Alpina, município de São Paulo, ainda em formação urbana. Observa-se a estrada férrea e o pontilhão da antiga estação



Rua Manoel Coelho em 1952. Quarteirão entre o viaduto dos Autonomistas e a Avenida Francisco Matarazzo. Em primeiro plano aparecem as instalações da Forrageira Brasil, empresa fundada por Luiz Ventura, pai do ex-vereador Fábio Ventura. A fábrica ainda mantém atividades no Município à rua Pará, confeccionando palhas de madeira para embalagens



Pajotta 1908